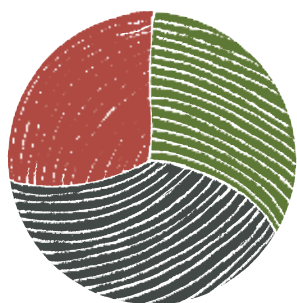


PLANO DE GESTÃO DAS TERRAS INDÍGENAS PARQUE DO TUMUCUMAQUE E RIO PARU D'ESTE





PLANO DE GESTÃO DAS TERRAS INDÍGENAS PARQUE DO TUMUCUMAQUE E RIO PARU D'ESTE

Macapá, 2018

PLANO DE GESTÃO DAS TERRAS INDÍGENAS PARQUE DO TUMUCUMAQUE E RIO PARU D'ESTE

© APITIKATXI, APIWA E IEPÉ, 2018

REALIZAÇÃO

Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana – Apitikatxi
Associação dos Povos Indígenas Wayana e Aparai – Apiwa
Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena

TEXTOS E ILUSTRAÇÕES

LIDERANÇAS E JOVENS PARTICIPANTES DA FORMAÇÃO EM GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL

LADO OESTE: Akorina Guilherme Tiriyo, Alciano Napeyoneinei Tiriyo, Aldine Isarina Tiriyo Kaxuyana, Alex Muturi Tiriyo, Alisson Arukerima Tiriyo, Apuka Elionai Tiriyo Kaxuyana, Arnoldo Mukökö Kaxuyana, Augusto Diason Tiriyo, Aventino Nakai Kaxuyana Tiriyo, Berno Pemu Tiriyo, Bianco Tiriyo, Celestino Maritu Kaxuyana Tiriyo, Charles Watayahtö Waiana Tiriyo, Dagoberto Waiyo Tiriyo, Demétrio Amisipa Tiriyo, Dino Arapuya Tiriyo, Elowin Patrick Tiriyo, Emari Tiriyo Kaxuyana, Everton Tiriyo Kaxuyana, Félix Tauno Tiriyo, Gabileo Wayana Waiwai Tiriyo, Graciano Sawësi Kaxuyana, Itamar Yamawe Tiriyo, Jacilene Parena Kaxuyana Tiriyo, Jader Nasiriko Yanesi Tiriyo, Jaqueline Emenuri Kaxuyana, Jeane Wakipiin Tiriyo Wayana, Joanita Yumai Tiriyo, João Paulo Pauya Kaxuyana Tiriyo, Jonas Simiyan Tiriyo Aramiso, Larissa Merina Tiriyo Kaxuyana, Magno P. Tiriyo Kaxuyana, Marcelino Sipemanampo Tiriyo, Marineide Maparina Tiriyo Kaxuyana, Masumasu Lupércio Kaxuyana, Nasiriko Yanensi Tiriyo, Nicolau Iyatuware Tiriyo, Rony Aynwa Tiriyo, Rosane Imenuri Kaxuyana, Sandro Inapoi Tiriyo, Vitor Amaku Kaxuyana Tiriyo, Zenilton Tiriyo Kaxuyana e Zilma Kaxuyana Tiriyo

LADO LESTE: Afonso Isakina Tiriyo, Amarikwa Waiana Apalai, Aikuare Waiana Apalai, Amiakaré Wayana Apalai, Aparaire Waiana Apalai, Apowaiço Apalai Waiana, Araimaré Waiapi Waiana, Arasima Apalai Waiana, Arekanapo Waiana Apalai, Arituapo Waiana Apalai, Asunaka Apalai Waiana, Aukapoty Waiana Apalai, Enemha Waiana Apalai, Iparauka Waiana Apalai, Iroiman Waiana Apalai, Jara Urupeu Sikuyana Waiana, Jeckson Tiriyo Apalai, Jeremia Waiana Apalai, Josiane Waiana Apalai, Joxi Apalai Waiana, Jurere Waiana Apalai, Karamyiké Waiana Aparai, Kareano Apalai, Kasasapoty Apalai, Katete Apalai, Kuranaike Waiana, Mäpe Apalai, Marakarepo Apalai, Meksi Tiriyo, Mexson Tiriyo, Michel Tiriyo, Muturi Apalai, Onuapo Apalai Wayana, Opozori Apalai Waiana, Oroaniru Josiani Apalai, Ozeia Apalai, Paulício Apalai Tiriyo Wayana, Pirra Waiana Apalai, Pixuxu Waiana Apalai, Romanos Sikuyana, Seuripyny Wayana Apalai, Setina Apalai Waiana, Takiapo Apalai, Tamaniwapo Apalai Waiana, Toroma Apalai Waiana, Urutumano Apalai, Vitoria Aruwakani Xikuiyana Tiriyo, Waranaré Apalai Waiana, Wellin Gean Tiriyo, Xihmue Waiana Apalai e Xikuire Apalai Waiana

ORGANIZAÇÃO DA PUBLICAÇÃO E EDIÇÃO DE TEXTOS

Denise Fajardo Grupioni
Cecília de Santarém Azevedo de Oliveira
Iori van Velthem Linke

REVISÃO DOS PLANOS DE MONITORAMENTO

Elzirene Silva
Ereu Apalai
Josilene Oliveira
Justino Wakawaka Kaxuyana Tiriyo

COLABORAÇÃO

Ângela Kaxuyana
Lúcia Hussak van Velthem
Iuri Amazonas
Antonio Assumpção

MAPAS

Carlos Souza
Décio Yokota

FOTOS DA CAPA

Acervo Iepé (vários fotografos)

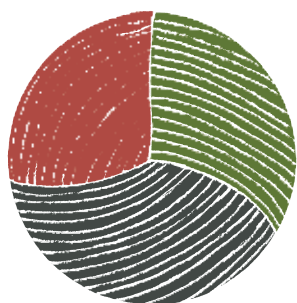
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Renata Alves de Souza | Tipográfico Comunicação

APOIO AO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO PGTA

Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas do Ministério do Meio Ambiente – PDPI – MMA
Embaixada da Noruega
Fundação Nacional do Índio – Funai
Fundação Gordon e Betty Moore
Fundo Amazônia/BNDES
Projeto GATI/PNUD/Funai
Rainforest Foundation Norway

ESTA PUBLICAÇÃO É FINANCIADA PELA FUNDAÇÃO GORDON E BETTY MOORE



PLANO DE GESTÃO DAS TERRAS INDÍGENAS PARQUE DO TUMUCUMAQUE E RIO PARU D'ESTE



PLANO DE GESTÃO
DAS TERRAS INDÍGENAS
PARQUE DO TUMUCUMAQUE
E RIO PARU D'ESTE

sumário

6 apresentação

10 introdução

14 Os povos: quem somos?

30 As Terras Indígenas: onde vivemos?

44 Linha do tempo

64 O Nosso Plano de Gestão Ambiental e Territorial

68 EIXO 1 (TRANSVERSAL) CULTURA

72 EIXO 2 GOVERNANÇA E EMPODERAMENTO POLÍTICO

80 EIXO 3 TERRITÓRIO

92 EIXO 4 MANEJO E USO SUSTENTÁVEL DOS RECURSOS

102 EIXO 5 ATENDIMENTO À SAÚDE

106 EIXO 6 EDUCAÇÃO ESCOLAR

116 Como vamos monitorar nosso Plano?

150 glossário

152 bibliografia

Este Plano é o nosso Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA). Tudo que está escrito nesse documento nasceu de cada reunião, encontro, curso, oficina de diagnóstico que realizamos desde 2007 com apoio do Iepé e acompanhamento da Funai, reunindo nossos jovens, professores indígenas, mulheres, lideranças das aldeias e diretores das Associações (APITIKATXI e APIWA). Todas as propostas que surgiam eram sempre discutidas e votadas nos nossos Encontros de Caciques e Assembleias, e eram transformadas em nossos documentos de prioridades, apresentados anualmente aos órgãos competentes.

Mas assim que soubemos do Decreto 7.747, de 05 de junho de 2012, instituindo a PNGATI, percebemos que os Planos de Gestão Territorial e Ambiental se tornariam a principal ferramenta de luta pelas nossas demandas. E assim, partimos para a construção do nosso próprio PGTA! É por meio dele que podemos hoje manifestar as nossas preocupações, anseios e propostas para o presente e futuro, a exemplo dos nossos povos vizinhos do Oiapoque e Wajãpi, e de tantos outros do resto do país que já possuem há mais tempo os seus próprios Planos de Gestão.

De acordo com as orientações da Funai, o PGTA é “um instrumento feito pelos e para os índios, segundo suas aspirações e visões de futuro, com a colaboração e o apoio do Estado e de parceiros da sociedade civil” e, portanto, deve respeitar o pensamento e o modo de vida dos povos indígenas.

apresentação

O nosso Plano foi elaborado por professores indígenas, mulheres, jovens e caciques, com apoio de nossas Associações representativas (APIWA e APITIKATXI) e parceiros, principalmente do Iepé e da Funai. Todas essas pessoas e instituições ajudaram. Os professores indígenas fizeram entrevistas com as famílias de todas as aldeias e, elaboraram uma proposta, que foi discutida no Encontro de Caciques do lado Oeste, em 2011. Não era um PGTA ainda, mas foi o começo, uma contribuição que os professores deixaram, que foi publicada no jornal impresso deles “*Enpato Iponohto*”, e que retomamos neste Plano. Também incorporamos neste nosso PGTA atual as propostas e acordos que construímos em oficinas de diagnóstico e planejamento socioambiental, bem como nas oficinas de construção de Planos anteriores, como o Plano de Desenvolvimento Territorial com Base Conservacionista (DTBC) do Tumucumaque, que integra um Plano maior de gestão de todas as Áreas Protegidas do Mosaico do Oeste do Amapá e Norte do Pará, incluindo as nossas Terras Indígenas (Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este).

Nossos caciques (donos de aldeia) participaram de várias oficinas, além de encontros anuais, onde discutíamos e elaborávamos anualmente nossos Planos de Prioridades. Este foi o caminho do trabalho de elaboração do nosso PGTA que aprovamos em 2014 e que, desde então, estamos buscando colocar em prática, em parceria com o Iepé e a Funai.

ORGANIZAÇÃO DO NOSSO PGTA

Em primeiro lugar, é importante destacar que, inevitavelmente este nosso Plano tem como pano de fundo o nosso jeito de ver e viver em nossas terras e, portanto, o que se entende por CULTURA atravessa todos os eixos do mesmo. Contudo, a CULTURA também aparece como um eixo específico, seguido dos demais, a saber:

- **CULTURA**
- **GOVERNANÇA E EMPODERAMENTO**
- **TERRITÓRIO**
- **MANEJO E USO SUSTENTÁVEL DOS RECURSOS**
- **ATENDIMENTO À SAÚDE**
- **EDUCAÇÃO ESCOLAR**

Em segundo lugar, o nosso Plano, quando necessário, distingue dois Componentes Regionais: LESTE e OESTE. Entre uma região e outra não há caminhos fáceis, nem por terra, nem por rios. Na região Leste da TI Parque do Tumucumaque, e na totalidade da TI Rio Paru d'Este predomina a floresta. Além disso, a história da chegada de não índios é marcada pela atuação, desde os anos 1960/70 de missionários protestantes e da Funai, que manteve até 2007 um Posto Indígena (PIN) com presença constante de chefe de posto não-indígena. Já na região Oeste da Terra Indígena Parque do Tumucumaque, a paisagem predominante não é de florestas e sim de uma grande área de campo (savana amazônica); em razão disso, há muitos anos atrás, os missionários franciscanos, que chegaram entre nós em 1960, por intermédio de um acordo com FAB, chamado “Trinômio Missão/FAB/Índios”, tiveram a ideia de trazer búfalos e gado bovino para a nossa região. Assim distinguindo entre Leste e Oeste, temos como mostrar o que é comum e o que é diferente em cada uma das regiões em que vivemos no interior de nossas Terras Indígenas.



Nos dois encartes que acompanham este nosso PGTA (um para o lado Oeste e outro para o lado Leste) temos as ações propostas para a execução do nosso Plano, que discutimos coletivamente ao longo de vários anos. Com esse material, acreditamos que o PGTA estará debaixo do nosso braço, circulando com mais facilidade, dentro e fora das nossas terras indígenas. Para tanto usamos uma cor que indica o que diz respeito ao lado Oeste (🍷) e outra cor para o lado Leste (🌿). O cinza (🍂) usamos para o que é comum aos dois lados.

Para os textos que compõem essa publicação, além daqueles que são autoria indígena, também contamos com a colaboração de nossos parceiros do lepé que contribuíram com as partes que aqui chamamos de “contextualização”. Assim, temos tanto na parte introdutória, quanto nas apresentações de cada eixo do nosso PGTA, tais contextualizações elaboradas pela equipe do lepé que nos assessorou e apoiou em todo processo até aqui.

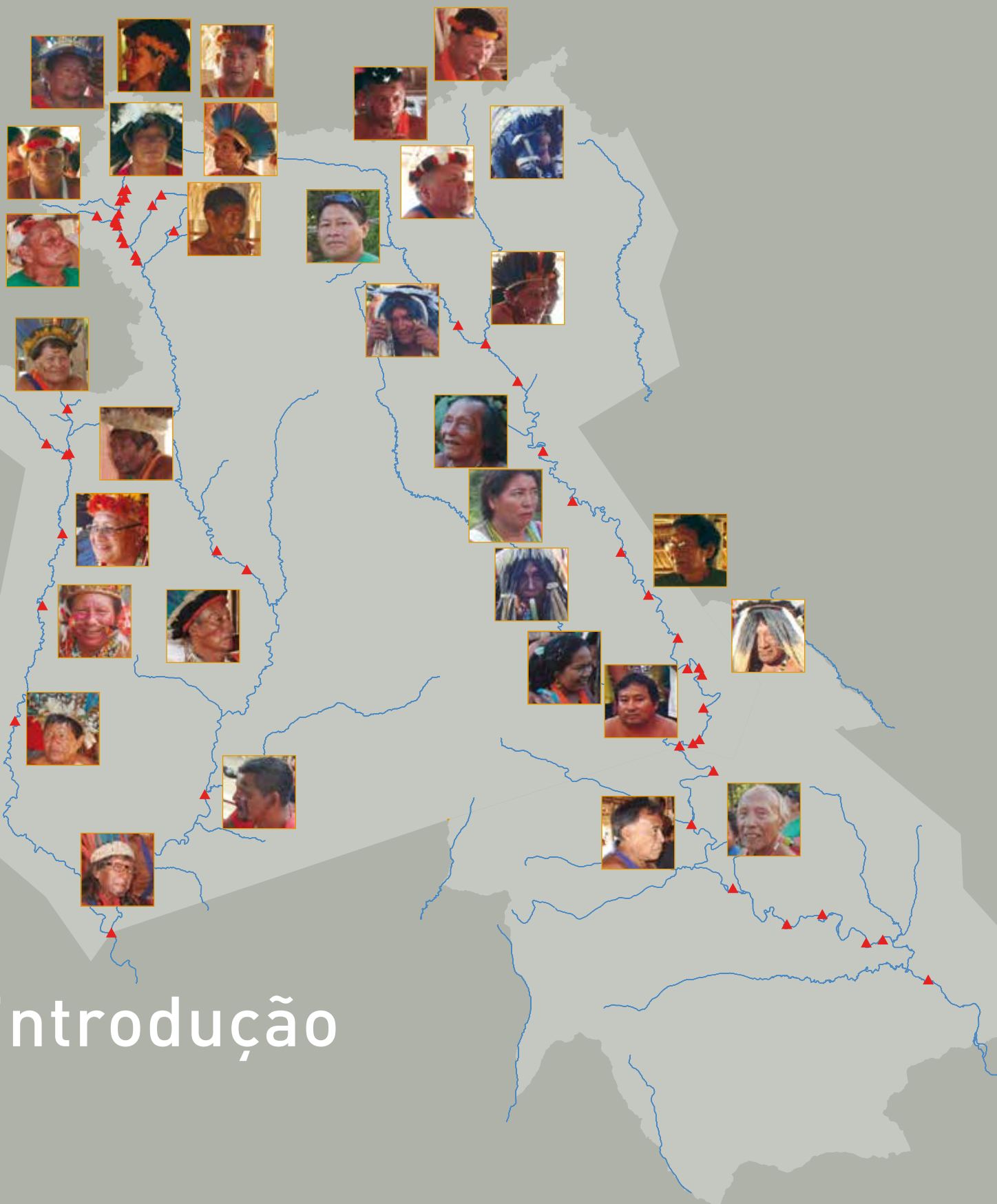
Apresentamos a seguir o nosso Plano, composto de propostas construídas em oficinas e discussões ao longo de 2007-2012 (ver Linha do Tempo das faixas Leste e Oeste, p: 44), e a partir de um diagnóstico que realizamos em 2014, para que pudéssemos atualizar e validar as propostas que compõem este Plano. Isso aconteceu em dois Encontros reunindo lideranças representantes de todas as aldeias das faixas Leste e Oeste. O primeiro Encontro de finalização e aprovação do Componente Oeste deste Plano foi realizado na Missão Tiriyo, no alto Rio Paru de Oeste, de 28 a 31 de outubro de 2014. E o segundo, foi realizado na aldeia Bona, no Rio Paru d'Este, de 10 a 14 de outubro de 2014.

Cecília Awaeko Aparai | Presidente da APIWA

Aventino Nakai Kaxuyana Tiriyo | Presidente da APITIKATXI (2018-2021)

Ubirajara Ke'su | Presidente da APITIKATXI (2016-2018)

Demétrio Tiriyo | Presidente da APITIKATXI (2012-2015)



introdução

“Precisamos de lideranças unidas e empoderadas, com condições de lutarem pelo nosso presente e futuro, seja através de reuniões, formações, ou da criação de conselhos próprios, dos caciques. Não podemos brigar entre nós, pelo contrário, precisamos nos unir, não permitir que as lideranças se desunam. Também temos visto que há algumas dificuldades para as nossas associações desempenharem suas funções. Mas não podemos permitir que as nossas associações percam seu papel representativo que para nós é fundamental. As associações precisam ser fortalecidas politicamente e institucionalmente.

Alguns jovens não querem mais ouvir, nem respeitar, a palavra dos mais velhos. Por isso precisamos envolver os jovens nisso também, fazer com que aprendam a cuidar da nossa terra também, pois eles são o futuro, a nossa responsabilidade passará para eles. Não podemos permitir que se envolvam com drogas e bebidas que vêm de fora, e que não fazem parte de nossa cultura.

Hoje temos já vários profissionais indígenas entre nós. Há muitas coisas que podemos fazer sem precisar esperar pela boa vontade dos não indígenas. Podemos criar fundos coletivos para desenvolvermos nossos próprios projetos, que são de nosso próprio interesse.

Estas são as formas que estamos pensando em fortalecer nosso PGTA, que é uma ferramenta muito poderosa. Pois através do nosso Plano de Gestão que vamos poder aprender o que precisamos de viver dentro da Terra Indígena demarcada. Tudo isso mudou com o tempo e vai continuar mudando, não ficará parado para sempre do jeito que está agora. Por isso o nosso PGTA também tem que ser continuamente revisto, monitorado e revisado, para atender às mudanças que vão ocorrer conforme nossas vidas também mudam”.

Conclusão dos caciques e lideranças do Tumucumaque Leste e Oeste,
no encerramento do Projeto “Construindo nossos PGTAs”
executado pela APITIKATXI e APIWA,
em parceria com o Iepé e Funai,
e apoio do PDPI/MMA com Fundação Moore.

Esse Plano de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este é fruto do trabalho coletivo e participativo das comunidades locais, lideranças indígenas, associações APIWA e APITIKATXI, Funai e equipe do Programa Tumucumaque/Iepé e Funai, desde 2007.

Antes mesmo da sanção presidencial ao Decreto da PNGATI, a reflexão que gira em torno de “como viver bem dentro da terra demarcada hoje e no futuro”, já fazia parte das preocupações e reflexões de cada “dono de aldeia”, a quem cabe zelar pelo bem estar e bem viver dos moradores de cada comunidade local. A partir de tudo que foi proposto, acordado e validado pelo conjunto dos “donos de aldeia” e moradores das faixas Oeste e Leste do Complexo Tumucumaque, os objetivos específicos deste PGTA poderiam ser assim definidos:

I) auxiliar no planejamento da gestão territorial e ambiental, e em ações de desenvolvimento sustentável nas duas terras indígenas;

II) garantir a integridade física dessas terras, e o usufruto exclusivo aos seus povos originários através da melhoria da vigilância, monitoramento, proteção territorial, impedindo invasões, desmatamento ilegal e extração de recursos naturais;

III) melhorar a qualidade de vida e conservação ambiental, por meio de ações de manejo e uso sustentável dos recursos naturais;

IV) fortalecer as capacidades das lideranças, comunidades locais, bem como das suas organizações indígenas representativas, para a implementação da PNGATI, através deste PGTA;

V) colocar em prática a implementação da PNGATI nas duas Terras Indígenas contempladas neste Plano.

A seguir, serão apresentadas e contextualizadas algumas informações importantes sobre os povos indígenas que elaboraram este Plano: quem são, quantos são, como vivem e onde vivem no interior das Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este, bem como uma linha do tempo destacando cada passo dado para se chegar a este PGTA.

Em seguida, o PGTA segue organizado por eixos temáticos, contemplando aquilo que foi possível vislumbrar, acordar, propor e aprovar, até o presente momento. Por fim, são apresentados dois roteiros de monitoramento das ações planejadas, que se pretende aplicar ano a ano, em cada faixa, Leste e Oeste, para avaliação periódica da implementação das ações.



Os povos: quem somos?

Tiriyó é o nome que o Branco nos deu. Na nossa língua, a gente se chama de *Tarëno*. Os *Tarëno* são muitos: *Pirouyana*, *Aramayana*, *Okomoyana*, *Sakëta*, *Maraso*, *Akuriyó*, *Piyanakoto* e outros. Todos hoje chamados de *Tiriyó*, mas somos todos *Tarëno*. “*Ainya Tarënoton*”, assim é que a gente fala na nossa língua mesmo.

Lideranças e jovens participantes da formação em Gestão Ambiental e Territorial
Lado Oeste

Emna nai Palukwalī tom talë nai emna Waiana, Aparai, Tiriyó, Kaxuyana mehuwa talë Parque do Tumucumaque po. Masike Emna Waiana Tonme esike ise nai emna ëhepatop, helë pëk kolenmaman tualëla emna eitop esike.

Nós somos daqui do Paru de Leste, *Wayana*, *Aparai*, *Tiriyó*, *Katxuyana*, vivemos no Parque do Tumucumaque.

Lideranças e Lideranças e jovens participantes da formação em Gestão Ambiental e Territorial
Lado Leste

Ainya nai tarënoton, ëihtao marë nai ainya namo nai Txikiyana, Sakëta, Aturai, Piropiyana, Pirouyana, Aramayana ma meinyarë nai Waiampiton ainyahtao. Irë apo nai ainya itamurumpëton eka.

Nós somos todos *Tarëno*. Somos misturados entre nós com *Txikiyana*, *Sakëta*, *Aturai*, *Piropiyana*, *Pirouyana*, *Aramayana*. E agora também alguns *Wajãpi* vivem entre nós. Somos os descendentes que vivem aqui ainda hoje.

Lideranças e jovens participantes da formação em Gestão Ambiental e Territorial
Lado Leste

Meu pai morava lá no rio Cachorro, afluente do Trombetas. Faz tempo que eles vieram para cá, ele e meu tio João do Vale. Foram os Tiriyo, representantes Tiriyo que eram pastores, que foram lá e trouxeram meu pai para cá, para a Missão Velha. Era o tempo do Brigadeiro Camarão, que trabalhava com missionários. Eles se juntaram através da religião. Então eles vieram. Os caciques da aldeia da Missão Tiriyo resolveram dar uma área para eles abrirem uma aldeia lá para cima. Era aldeia do Akapu, só dos Katxuyana. Eles ficaram por lá uns 5, 6 anos. O cacique Manoel era quem cuidava dessa aldeia. Aí os Katxuyana estavam aumentando. Então meu pai resolveu abrir aldeia Taratarahpë. A minha mãe e minha irmã ainda ficaram um tempão para lá. Depois voltaram para a Missão Tiriyo. Aí começou a ter mais filhos, nos anos 1990 e decidiram reabrir essa aldeia. Agora está funcionando como aldeia, porque a mata ficava cada vez mais longe, e lugar de roça e caça também. Mas lá caça, roça e mata estão bem próximos da aldeia até hoje, e as crianças estão vivendo bem.

Ubirajara Ke'su, Aldeia Taratarahpë
Lado Oeste

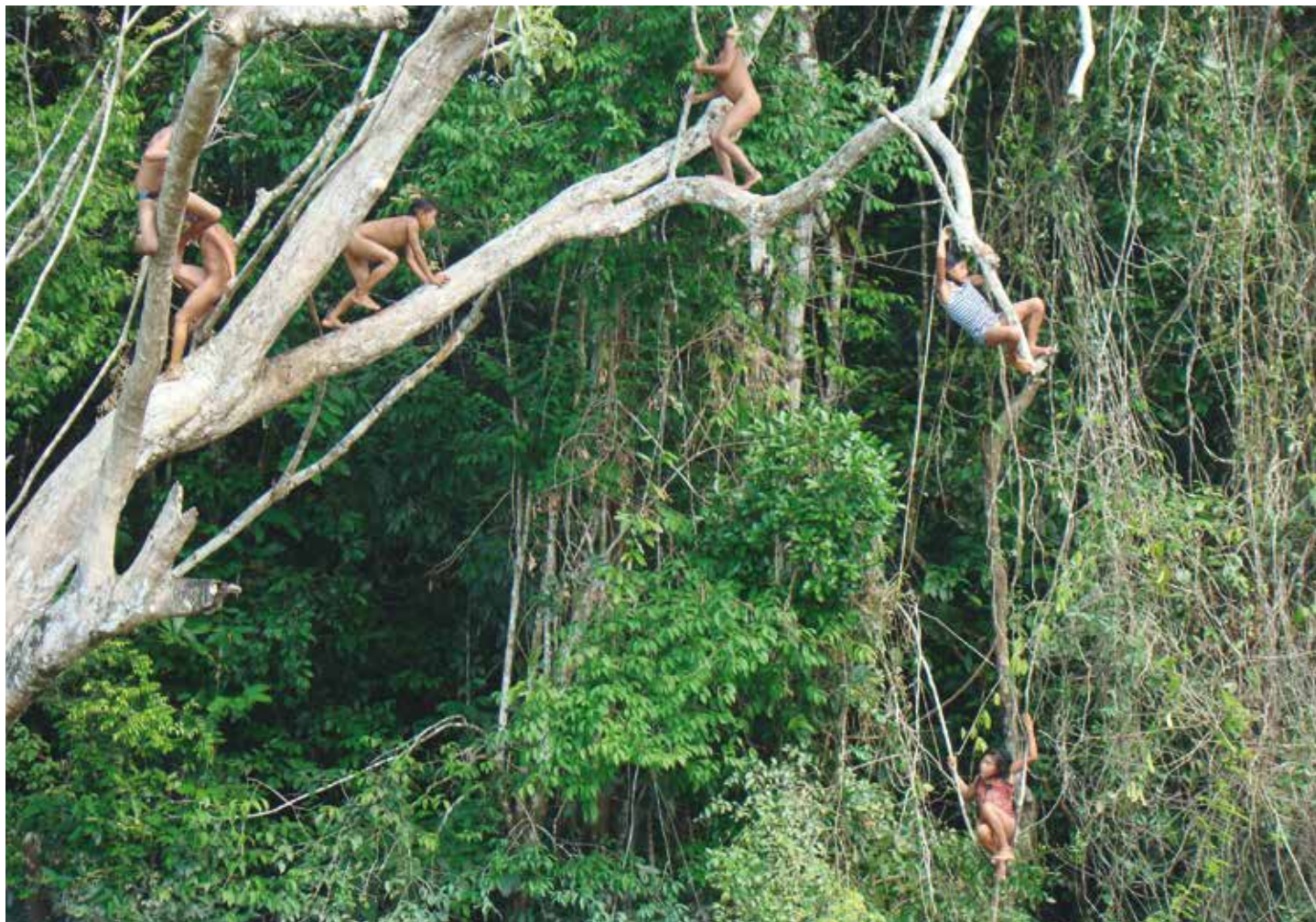
Ituakyry ynanase Aparai yna omiry roropa Aparai tuhke pohto ynanase, moinoro ynanase yna omiry ae rokene. Pake ahtao oxihatao pyra ehse yna. Seromaroro rokë osehtao toehse. Torenase Waiana maro Tiriyo maro osehta, ynara. Moro pokoino ynara toehse mana Aparai-Waiana katohme mana. Waiana nohpory maro torenase Aparai exiryke, moro sã toehse ynanase seromaroro.

Nós somos do povo Aparai, e nossa língua é o Aparai. Desde o início, desde nossos antepassados, nós falamos nossa língua. Tudo do nosso jeito de viver é Aparai, está é nossa cultura. Antigamente nós éramos apenas um povo, mas a partir de então, nós nos misturamos com outros yana. Nos entrosamos com os Wayana e, ao mesmo tempo, casamos com os Wayana. Alguns de nós casaram com os Tiriyo, e assim nos misturamos. É por isso que está escrito Aparai-Wayana, porque nós somos misturados com Wayana.

Lideranças e jovens participantes da formação em Gestão Ambiental e Territorial
Lado Leste

QUEM SOMOS? CONTEXTUALIZAÇÃO

As respostas para “quem somos nós, povos indígenas do Complexo Tumucumaque” não são de fácil tradução, nem de simples explicação. Embora o Estado Brasileiro tenha historicamente convencionado englobá-los sob alguns poucos nomes (Tiriyó, Katxuyana, Aparai e Wayana), esta operação acabou por obliterar uma grande sociodiversidade que já havia sido atestada nos anos 1950/60 pelos próprios agentes (missionários, militares, servidores) autorizados pelo governo brasileiro a estabelecerem contato, e prestarem assistência aos povos da região que, até então, encontravam-se vivendo em inúmeras pequenas aldeias, espalhadas por uma ampla área, para além dos atuais limites das TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este, de acordo com seu padrão de ocupação tradicional, disperso e sazonal. Em um importante levantamento realizado na década de 1950 pelo então missionário franciscano Protásio Friel, foi registrado o número de 144 ‘tribos’ indígenas vivendo em mais de 100 aldeias onde hoje se encontra o Complexo Tumucumaque e o seu entorno, no extremo norte do Pará. Apesar de aceitarem ser chamados pelos estrangeiros em geral, e em especial pelos órgãos governamentais, desde os anos 60, por nomes tão genéricos, como Tiriyó, Katxuyana, Wayana e Aparai, recentemente, durante as oficinas de diagnóstico socioambiental que geraram este PGTA, a soma de povos dos quais os quase três mil moradores dessas duas TIs disseram descender e pertencer foi de pelo menos 40 povos ou *yanas*, diferentes, em sua grande maioria falantes de línguas e dialetos da família linguística Karib, com uma ou outra exceção Tupi e Arawak, sob as seguintes denominações: *Ahpama, Ahpamano, Aipipa, Akiyó, Akuriyó, Alakapai, Aparai, Apërën, Aramayana, Arimisana, Arahasana, Aramaso, Aturai, Inkarinyana, Kahyana, Kaiku, Kukuyana, Maraso, Mawayana (Arawak), Murumuruyó, Okomoyana, Opakyana, Osenepohnomo, Patakaiyana, Piyanakoto, Pirëuyana, Pirixiyana, Piropi, Sakëta, Tarëpisana, Tunapeky, Tunayana, Txikiyana, Upuruiyana, Wajãpi do Cuc (Tupi), Wajãpi do Molokopote (Tupi), Waripi, Wayana, Werehpai e Wezamohkoto.*



Décio Yokota

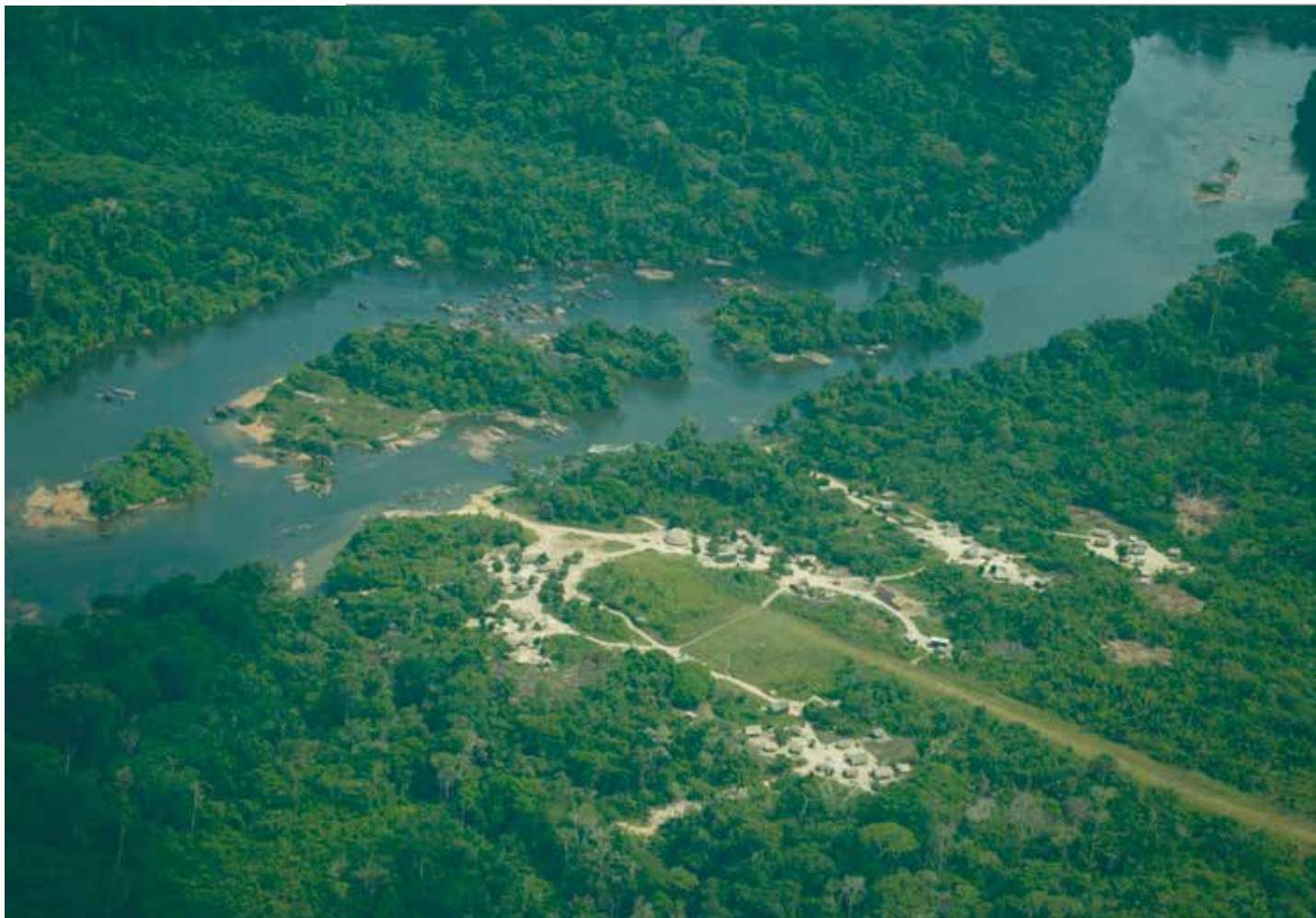
Dentre esses 40 povos, aqueles que se tornaram genericamente conhecidos como Wayana e Aparai, atualmente compõem cerca de 190 famílias distribuídas em 23 aldeias dispostas às margens do Rio Paru de Leste, na porção oriental das TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este, onde vivem em torno de 1050 pessoas. Na porção ocidental da TI Parque do Tumucumaque, estão os povos genericamente conhecidos por Tiriyo, Katxuyana e Txikyana, cujas aldeias localizam-se às margens dos rios Paru de Oeste e Marapi, onde totalizam em torno de 1700 pessoas, em 34 aldeias. Estima-se que os Trio, como ficaram conhecidos no Suriname os povos que no Brasil são chamados de Tiriyo, compreendem uma população em torno de 4000 pessoas; enquanto os Wayana e Aparai, chegam a 2000 no Suriname, e a outros cerca de 2000 na Guiana Francesa.

Já a presença dos Katxuyana no Complexo Tumucumaque merece também ser contextualizada, por se tratar de povos oriundos da bacia do rio Trombetas, que nos anos 1960 foram convencidos a aceitar sua remoção (com auxílio da FAB) para a Missão Tiryó, a fim de ali contarem, dentre outras coisas, com a assistência médica, que não teriam caso insistissem em permanecer vivendo em seus territórios de origem. Katxuyana também é uma denominação genérica assumida no contexto do contato com agentes externos, mas que não faz sentido do ponto de vista nativo. Dentre aqueles que, nos anos 1960 se tornaram oficialmente conhecidos como Katxuyana, encontram-se fazendo parte dessa mesma história os seguintes povos: Kahyana, Txikiyana, Yaskuriyana, Inkariyana, Tunayana, Katuena, e outros.

De acordo com o padrão de ocupação tradicional desses povos, hoje a maior parte das aldeias é construída em terra firme, às margens dos rios principais, onde se desenrola a vida social e comunitária. A mobilidade entre aldeias, portanto, se dá fundamentalmente via os cursos dos rios. O cacique de uma aldeia é normalmente o seu próprio fundador, o seu “dono”, aquele deu origem à aldeia, que, juntamente com sua parentela bi-lateral, abriu a roça que deu origem à mesma. Sua capacidade de atrair moradores depende de seu prestígio pessoal e da boa qualidade dos laços familiares que consiga estabelecer, especialmente a partir do casamento de suas filhas, pois a tendência é que seus genros se mudem para sua aldeia. Praticamente toda aldeia nasce a partir de uma roça bem estabelecida, onde uma enorme diversidade de espécies, cada qual com uma infinidade de variedades próprias ou trazidas de longe, são cultivadas, como por exemplo, mandioca, macaxeira, batata, batata-doce, cará, milho, banana, abacaxi, pimenta, cana, fava, remédios tradicionais, etc. Também há plantas que são cultivadas nos pátios das aldeias como vários tipos de pimentas, urucum, algodão, laranja, limão, manga, jaca e outras frutíferas de crescimento lento, além de alguns remédios tradicionais. As roças costumam ser abertas e limpas pelos homens, mas são plantadas e cultivadas

pelas mulheres casadas e suas filhas solteiras. Também ocorrem mutirões em determinadas épocas, quando todos os moradores de uma determinada aldeia se empenham em ajudar nos trabalhos da roça do organizador do evento. As roças fornecem a alimentação básica domiciliar, em especial a partir da produção de beijus, farinhas e bebidas fermentadas feitas à base de tubérculos. Essa alimentação é complementada com os produtos das atividades de caça e pesca, igualmente centrais na organização sazonal e cíclica na produção de alimentos. Em algumas aldeias da região oeste, há também muitas cabeças de gado que foram introduzidas pelos missionários franciscanos na década de 1960, através de aeronaves da FAB. Ainda que raro, e restrito a circunstâncias especiais, o abate bovino e bubalino naquela região não deixa de ser um grande evento fornecedor de carne a algumas aldeias.

O único meio de acesso a ambas TIs é o transporte aéreo. Durante décadas, os povos indígenas contaram com o apoio da FAB para os deslocamentos necessários, em especial aqueles relativos a questões de saúde e educação escolar, na perspectiva do que ficou conhecido como trinômio FAB-Missão-Índios. Com o encerramento da linha da FAB que ligava as aldeias da região às cidades de Belém, Santarém e Macapá, acentuam-se as dificuldades dessas populações em acessar os serviços de educação escolar e atendimento à saúde, bem como para resolver questões relativas à documentação pessoal e o acesso a bens industrializados. Atualmente, a quase totalidade das aldeias das duas TIs possui pequenas pistas de pouso, mas que ainda não estão regularizadas junto à ANAC. Paradoxalmente, essa é a principal justificativa dada pelo Estado para a situação de abandono em que se encontram o atendimento à saúde e a educação escolar. Neste sentido, **a regularização dessas pistas de pouso é de fundamental importância para os povos que vivem nessa região e para a implementação deste Plano de Gestão Territorial e Ambiental.**



Para além de pertencerem à família linguística Karib (com exceção de algumas famílias wajãpi que são falantes de Tupi, e de alguns Mawayana da família Arawak), os povos da região possuem, entre si, muitas conexões culturais, estéticas, políticas e em suas organizações sociais, estando hoje unidos também em decorrência de um novo desafio que diz respeito à mudança no paradigma territorial. Este desafio, de certa maneira imposto a todos, tem como marco temporal a demarcação das Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este, ambas datadas do ano de 1997. A dualidade de viver dentro de uma terra demarcada é tida, por um lado, a partir da garantia de direitos que um território juridicamente regularizado proporciona, mas por outro lado representa um grande desafio, pois se trata de

uma fração, um pedaço que foi fechado, ou 'cercado' de limites, no interior de um vasto território, onde outrora toda essa diversidade de povos vivia inserida em amplas redes de relações.

É importante salientar que o modelo de política indigenista adotado para esses e demais povos pelo Estado Brasileiro, e que vigorou oficialmente até a Constituição Federal de 1988, baseado no ideal de integração dos índios à sociedade nacional e na tutela de direitos, acarretou profundas marcas até hoje ressonantes nas discussões travadas pelas lideranças indígenas locais. O padrão territorial de pequenos aldeamentos, ora dispostos próximos às serras, ora às margens de cursos d'água, e ligados a uma malha de ampla mobilidade de pessoas, bens e conhecimentos, foi interrompido nos idos de 1960. Nessa época foram criados dois grandes "aldeamentos", um a leste e outro a oeste do atual Complexo Tumucumaque, conhecidos por Bona (ou PIN "Apalaí") e Missão Tiriyo, ambos engendrando grandes concentrações populacionais compostas por diferentes povos, oriundos dos mais diversos locais e calhas de rio da região oriental do Escudo Guianês. Conseqüentemente, a partir da década de 1960, verificou-se um amplo esvaziamento demográfico por todo extremo norte do Pará e interior sul dos países vizinhos (Guiana Francesa, Suriname e Guiana), diminuindo de modo significativo o trânsito constante que anteriormente se dava por caminhos terrestres e cursos de rios, motivados por visitas entre as aldeias, bem como por intercâmbios e comércio de bens, típicos na região. Com o tempo, passou-se a contar com um novo meio de transporte: o avião, e com novas vias de acesso aos bens que costumavam ser adquiridos regionalmente por meio de redes de relações com grupos indígenas vizinhos, e com os negros *Maroon* do Suriname (Saramaka, Aluku e Ndyuka, especialmente com estes últimos), antigos parceiros de troca na região. Essa situação de centralização e sedentarização atípicas para os padrões dos povos locais perdurou até o início dos anos 1990.



Embora algumas pequenas aldeias tenham sido fundadas no entorno da Missão Tiriyo e do Posto Indígena “Apalaí” ao longo dos anos 1970/80, somente na década de 1990, com a homologação das Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d’Este (dois Decretos s/n, DOU ambas de 04/11/1997), seguida da implementação de um conjunto de ações de apoio à ampla ocupação territorial no interior dos limites de ambas TIs, como estratégia de vigilância das áreas demarcadas, é que toma força o processo de redispersão territorial das famílias e povos que durante três décadas permaneceram concentrados em torno daqueles grandes aldeamentos.

A leste e a oeste dessas duas TIs, em nome de uma agenda de conservação ambiental, tanto por parte do governo federal quanto estadual (Pará), são criadas e decretadas as Unidades de Proteção Integral 'Parque Nacional das Montanhas do Tumucumaque' (Decreto s/n, 22/08/2002), 'Estação Ecológica Grão-Pará' (Decreto 2.609, 04/12/2006) e 'Reserva Biológica Maicuru' (Decreto 2.610, 04/12/2006). Juntas, essas UCs passam a circundar o Complexo Tumucumaque de limites que impedem a possibilidade de reocupação de territórios de origem por parte dos povos que anteriormente viviam nessas áreas vizinhas.

Portanto, se, por um lado, é bastante claro para essas populações que as Terras Indígenas representam um grande avanço, com o reconhecimento por parte do Estado Brasileiro de seu direito originário à terra, por outro, as demarcações representam um grande recorte, uma descontinuidade em seu território tradicional, que impôs, em tão pouco tempo, uma série de dificuldades e grandes desafios - muitos dos quais esse PGTA busca resolver.

As ações e propostas mencionadas no presente PGTA nasceram no bojo de um longo processo iniciado há cerca de 10 anos, quando o Programa Tumucumaque/Iepé estruturou sua atuação junto a estes povos. Como já mencionado, durante essa última década, foram realizadas muitas reuniões, assembleias, encontros com lideranças, jovens, mulheres, e com as associações indígenas APIWA e APITIKATXI, onde foram intensas as discussões a respeito do novo paradigma de territorialidade, que é o das Terras Indígenas demarcadas e homologadas pela União, ainda mais novo quando visto através da perspectiva histórica dos próprios povos nativos de uma região muito mais ampla da que efetivamente conquistaram o direito ao usufruto exclusivo. E eis que surge a grande questão para esses povos: como viver bem, hoje e no futuro, dentro de uma terra finita, fisicamente demarcada?

Neste processo de redispersão pós-demarcação das TIs Tumucumaque e Rio Paru d'Este, os Katxuyana, Kahyana e Txikiyana, cujo território de ocupação tradicional situa-se fora deste complexo, começaram a pensar na possibilidade de voltar para seus territórios de origem. Com efeito, a partir da virada deste século, algumas lideranças tomaram à frente nisso e encabeçaram essa volta, refundando aldeias às margens dos rios Cachorro e Kaspakuru, afluentes do médio rio Trombetas, a sudoeste da TI Parque do Tumucumaque. Assim, em 2003, lideranças desses povos registraram junto à Funai a demanda de demarcação de sua Terra Indígena nessa região. Desde então, o processo vinha tramitando há vários anos, até que, em outubro de 2015, foi aprovado e publicado oficialmente pela Funai o Relatório de Identificação e Delimitação (RCID) dessa terra sob a designação de Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana. E, finalmente, em setembro de 2018, é emitida a Portaria Declaratória da mesma pelo Ministério da Justiça, restando, a partir de então, a demarcação física e a homologação final pela presidência da República.

Seguindo a oeste do rio Trombetas, vizinho à área Katxuyana encontramos as TIs Trombetas/Mapuera e Nhamundá/Mapuera, contíguas entre si, cujos processos de demarcação e homologação foram finalizados, respectivamente, em 1989 e 2009. Ali também, no período pós-demarcatório, algumas comunidades (principalmente de famílias cujos territórios de ocupação tradicional ficaram fora dos limites dessas TIs) decidiram refundar aldeias em locais onde hoje se encontra a TI Kaxuyana-Tunayana, consolidando assim seu processo de reocupação e redispersão territorial, após décadas de centralização em grandes e poucas aldeias.

De modo que, uma e outra perspectiva, a de aprender a viver na “terra fechada”, e a de reconquistar territórios tradicionais quase perdidos, convivem juntas nessa região, dizendo respeito a um mesmo objetivo: buscar caminhos para recuperarem a gestão de suas vidas e de seu futuro no contexto das terras demarcadas.



Iori Linke

Por fim, é importante ressaltar que, além dos povos reconhecidos oficialmente como habitantes dessas TIs, e das questões postas por eles em termos de gestão territorial e ambiental, em ambas as terras, encontram-se referências sobre a presença de índios isolados em toda extensão das mesmas.

RELAÇÕES COM AS CIDADES DA REGIÃO

Não é de hoje que os povos indígenas do Tumucumaque frequentam os núcleos urbanos regionais. Na busca tanto por bens industrializados, quanto por serviços de assistência, algumas cidades foram, e continuam sendo, centros de referência, conforme sucessivas ondas de disponibilidade de transporte. Nos idos de 1960-1990, a referência era Belém do Pará. Porém, em decorrência de mudanças administrativas ocorridas nos últimos vinte anos, no que diz respeito ao deslocamento das sedes dos órgãos que executam a política indigenista estatal na região, a cidade de referência passou para a ser Macapá (Amapá). Embora residentes no estado do Pará, a quase totalidade dos órgãos de assistência, e que executam a política indigenista oficial, fica sediada em Macapá. Esses povos se tornaram assistidos pela Funai, primeiramente através da Administração Executiva Regional (AER Macapá, no período compreendido de 1990 a 2010), tendo esta se transformado na Coordenação Regional do Amapá e Norte do Pará, após a reestruturação da Funai na última década, que vigora até o presente. Também fazem parte do escopo da Funai as políticas para povos isolados cujas referências incidem nas TIs da região, sendo essas desenvolvidas pela Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema, sediada em Santarém/PA. A escolarização é de responsabilidade do Núcleo de Educação Indígena (NEI), pertencente à Secretaria de Estado de Educação do Amapá (SEED/AP). A atenção à saúde é de responsabilidade do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Amapá e Norte do Pará, autarquia da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI).

Segundo diagnóstico realizado em 2016 com homens e mulheres do Complexo Tumucumaque, que transitam por Macapá, a maior motivação para o deslocamento é a precariedade da educação escolar no interior das suas terras indígenas. Neste sentido, observa-se cada vez mais, por parte dos jovens indígenas e seus familiares, como alternativa, a busca pela educação escolar fora do Tumucumaque, principalmente porque não há oferta de ensino médio nas escolas indíge-

nas locais. Neste mesmo diagnóstico, cerca de 75% dos entrevistados apontou que o principal objetivo deste movimento é futuramente conseguir um emprego dentro das próprias aldeias através da formação profissionalizante, que somente é possível ser conquistada nas escolas e universidades das cidades.



Iori Linke

Outro ponto diagnosticado dizia respeito ao acesso a bens de consumo, principalmente os industrializados, que também, há décadas, mobiliza essas populações para as cidades. Ainda que em caráter mais temporário e pontual, é comum, durante o ano inteiro, a circulação em cidades da região (Macapá, Laranjal do Jari, Santarém, Oriximiná) para “fazer compras”.

Outro motivo corriqueiro para essas visitas se refere à necessidade de resolver problemas e pendências relativas à documentação pessoal, especialmente concernente aos cartões para recebimento de aposentadoria, e os utilizados para o recebimento de benefícios sociais. Isto leva a entender que é importante para as pessoas que moram nas terras indígenas possuírem um ponto de apoio na cidade, ainda que isso acarrete em dificuldades, principalmente relacionadas aos preconceitos sofridos, à falta de segurança e de dinheiro, bem como a dependência de outras pessoas para garantir necessidades básicas como alimentação, etc.

Vê-se que residir ou transitar em Macapá não interrompe as relações daqueles que estão na cidade com aqueles que continuam nas Terras Indígenas. A comunicação com as Terras Indígenas acontece seja por meio da radiofonia, presente em praticamente todas as aldeias do Complexo Tumucumaque, seja também por meio de internet (presente na Missão Tiriyo) e um constante vai-e-vem de bilhetes em papel. O fluxo de produtos entre Terras Indígenas e Macapá é intenso: pimenta, farinha, peixe, beiju e mel costumam vir das Terras Indígenas para a cidade, enquanto alimentos industrializados, roupas, ferramentas e combustível (gasolina) seguem no sentido inverso.

Em relação às associações indígenas, vemos que a população do Tumucumaque residente em Macapá reconhece e participa de suas atividades e funcionamento em boa parte dos casos (70% dos entrevistados, no diagnóstico citado). As organizações indígenas mais mencionadas foram APIWA, APITIKATXI e APOIANP.

Por conta desse novo contexto, está cada vez mais frequente o trânsito por temporadas mais longas nas cidades. Conforme apontou o diagnóstico realizado no segundo semestre de 2016, a população indígena oriunda do Tumucumaque que se declarou “residente em Macapá” correspondia a 8% do total de habitantes do Complexo do Tumucumaque, o equivalente a cerca de 210 pessoas.



lori Linke

As Terras Indígenas: onde vivemos?

Yinono nai norte do Pará wenye irëpo nai kurano itu tuna, tëneifiyenkere tëpitë fiye intakafeyanme, tërëkërenai, ainya inonotao irë apo nai anya aeneme iwëhto. Eke nai kïnono kure, onkem, ipëkënonnare iweike menyarëponakarëm akin manennare kitatï. Serë ainya inonotao tarënome Tumucumaque po, kure tïnono ainya nïriyae, itu marë kure ainya nïriyae tanërën kure iwehtome. Kïnnonokon nai mëfarëfiyenkërë, kana, itu marë nai monomenkërë. Irëme nai kïnnonokom kure tïripore kiyane, kïmunkëkon ma kïmunkëkon imunkëpëton inonome.

Nossa terra fica localizada no norte do Pará, onde tem floresta, água limpa, caça, peixe, roça e muito mais. Isso porque a terra é demarcada, onde nós vivemos. Hoje a nossa terra ainda está quieta. Até agora estamos bem porque não houve quem nos perturbasse. Aqui, na nossa Terra Indígena Parque do Tumucumaque, nós cuidamos da nossa terra. Nós cuidamos da nossa floresta para as futuras gerações. Nossa terra ainda tem animais e peixes, a floresta ainda está bem grande. Então precisamos preservar nossa terra, tanto para nós mesmos, quanto para nossos filhos, para os filhos de nossos filhos e bisnetos.

Lideranças e jovens participantes da Formação em Gestão Ambiental e Territorial
Lado Oeste

Paru kuaoyanase. Aparai tomo, Ajana tomo, Tiriyo tomo, ynara. Yrome ynara, Aparai ikurenæ, Ajana iranao, Tiriyo inikahpoe, yna nonory sero tymomairemy (Tumucumaque) Paru xixi tutatoh wino .

Nós somos do Rio Paru d'Este. Nós, Aparai, Wayana e Tiriyo. Somos divididos em 3 partes. Nós, Aparai, somos do lado de baixo, os Wayana Central junto com os Aparai-Wayana, e Tiriyo que ficam rio acima. Nós somos do Rio Paru de Leste, Parque Tumucumaque.

Lideranças e jovens participantes da Formação em Gestão Ambiental e Territorial
Lado Leste

Ma ainya inono nai serë Parque Tumucumaque weinye, irë nai matahen Suriname inono iwentakato weinye, tapiime nai tarënoton irë nono intakafëtao: Tiriýó, Katxuyana, Kahyana, Txikiyana ma tïweren tarënoton marë. Sehen serë nono intakafëtao nai ainya imoitï tërënkërë: Aparai, Wayana irë apo. Ma sehen nai ainya nono itufiyenkërë ma oifiyenkërë marë.

Ma, ainya inotao nai ohinpëkenton: kaikuiton tïmenurenton, kanaton, mëfarëton, ototon marë. Sehen marë nai oninpëkënton ainya inotao tënasenton: oroi, karamiri, mope, tuha, wapu, kumu, koi; irëton nai ainya inotao, irë apo.

Ainya inono nai monome. Irëyanme kure tiriipore kiyane kimamakon nono. Meinyarë kene monome apo nono, këpëewa irë nai arerëta, atitome tapiime këpanyae nonopa nai arinaewa tëinkenpa, tapiime këpamirihtao. Ma nono kure inerëewa kiime ahtao, amerarë waken neeyan kërepa, ma sehen kimunkë marë erepanna nehtan. Irë apo kure inirëewa kime ahtao, irëmao kimunkë, kipanton nënuntan sehen marëto nësapëkëmatan, tanërën. Irëyanme tïpine serë kuranokimamakon itu kitirine. Atitome nërë susuke kiyofan neiwararë, sehen kiyofatome iia tanërën apënaewa. Irëmenai kime tarëneton kiniri nai kure kinono rito ma kinono ipinunto marë kiyane.

Esta é a nossa Terra Indígena Parque do Tumucumaque, lado Oeste, que fica na fronteira com o Suriname. Aqui na nossa terra moram vários povos: Tiriýó, Katxuyana, Kahyana, Txikiyana e outros mais. Nós temos também, do outro lado, os nossos parentes que moram perto da gente: os Aparai e Wayana. Na nossa terra existe floresta e também áreas de campo.

Dentro da nossa terra existem vários tipos de animais como: macacos, aves, peixes dentre outros. Também vários tipos de frutas: caju, karamiri, taperebá, açai, bacaba, e outras.

A nossa terra é grande, mas não é verdade que é grande demais, porque a gente aumenta de população, mas a terra não vai crescer. Se a gente não cuidar, vai acabar o sustento para nós e para nossos filhos. Aí nossos filhos, netos e bisnetos vão passar fome e sofrer as consequências. Por isso devemos cuidar da nossa terra.

Adão Kaxuyana
Lado Oeste

Ainya nai patapo, maa marë nai ainya ipata karaiwa ipata pëe, ainya ipata nai Paru tuna putupë me amohtë. Serë maon pona rënke nai kure ainya inono, ihkërë manenna kërë re nai ainya inono. Tënëi, kana, itu, mëfarëton, ototon pienai ainya inono. Itu tëperen ton marë ipyie, tëna senton. Tïkurunke ainya, eka nai área demarcada kato.

Nós moramos nas aldeias muito distantes das cidades. Até agora, convivemos bem em nossa terra. Sem invasores, sem madeireiros, sem invasores de garimpos. Até hoje nós vivemos bem. Até hoje nós temos muita caça, floresta toda em pé, tem muitas aves. Onde caçamos, tem muitas frutas para colhermos, tem fruta do mato, água. Tem muito peixe, aqui onde nós vivemos.

Lideranças e jovens participantes da Formação em Gestão Ambiental e Territorial
Lado Leste

Emna nai talë eutëpo ulëhnë lep. Malalë emna lpn ipokhnë esike lëken. Talë emna lon ipok kehnë nai lep awohanomalahnë esike ipok tëlë malalë tualëla nai ëkëmna eitop pëk emna lon pëk kolenma isamkom esike tïhanop henma emna lon esike siasia kem tëwëtuhamo esike.

Vivemos nas aldeias. Por enquanto, nossa terra ainda não está contaminada, ainda não está acabada. Tem pessoa que quer invadir a terra da gente, mas a gente vai continuar aqui, afinal nossa terra ainda é boa.

Lideranças e jovens participantes da Formação em Gestão Ambiental e Territorial
Lado Leste

ONDE VIVEMOS? CONTEXTUALIZAÇÃO



Iori Linke

As Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este compreendem o que chamamos de “Complexo Tumucumaque”, em uma área contígua de 4,2 milhões de hectares situada, em sua maior parte, no Estado do Pará, na região em que o Brasil faz fronteira com o Suriname e a Guiana Francesa (ver quadro a seguir), com uma pequena faixa no estado do Amapá. Ambas as Terras Indígenas foram homologadas em 1997 e estão inseridas no maior corredor de áreas protegidas do mundo, cujos limites se estendem da costa atlântica do Amapá até a bacia do Rio Negro, já no estado do Amazonas.

TERRA INDÍGENA	ESTADOS	MUNICÍPIOS	SUPERFÍCIE (ha)
Parque do Tumucumaque	Pará	Oriximiná Óbidos Almeirim Alenquer Monte Alegre	3.071.067
	Amapá	Laranjal do Jari	
Rio Paru d'Este	Pará	Almeirim Alenquer Monte Alegre	1.195.785

O Parque Indígena do Tumucumaque (PIT) foi criado originalmente em 1968 pelo Decreto n. 62.998 de 16/07/1968, sobrepondo-se à Reserva Florestal de Tumucumaque, cujos objetivos originais eram de se tornar um parque de visitação pública. Seus limites foram duas vezes redefinidos, sendo a primeira vez através do Decreto n. 63.369 de 08/10/1968 e depois pelo Decreto n. 81.335 de 13/02/1978. Em 1997, ocorreram a demarcação e a homologação do PIT, alterando seu nome para Terra Indígena Parque do Tumucumaque (Decreto s/n. DOU 04/11/97).

A Terra Indígena Rio Paru d'Este foi criada para atender as populações indígenas que se encontravam ao sul do PIT, fora de seus limites.

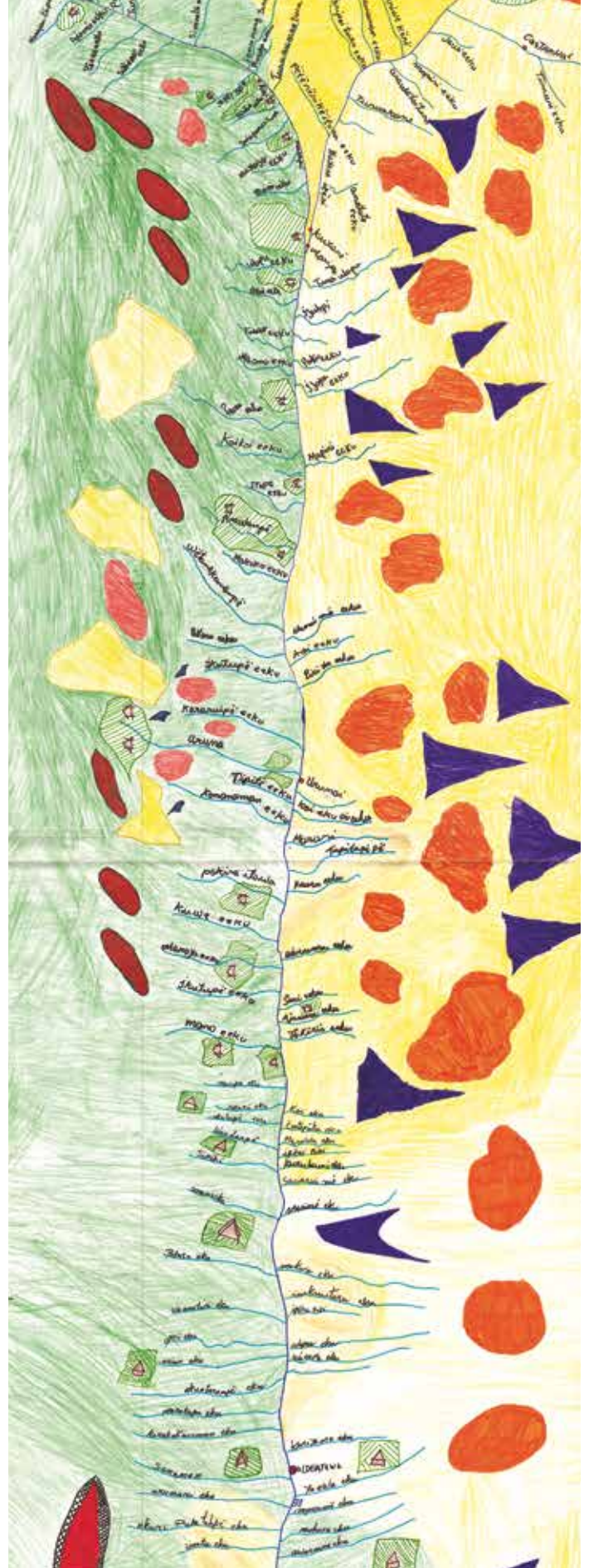
No princípio, seria chamada Área Indígena Paru de Leste (Portaria n.1.768 de 24/09/1984). Ela foi identificada e delimitada pelo Decreto n. 958/93 de 04/02/1991. Sua demarcação e homologação ocorreram de forma concomitante à da TI Parque do Tumucumaque (Decreto s/n. DOU 04/11/97).

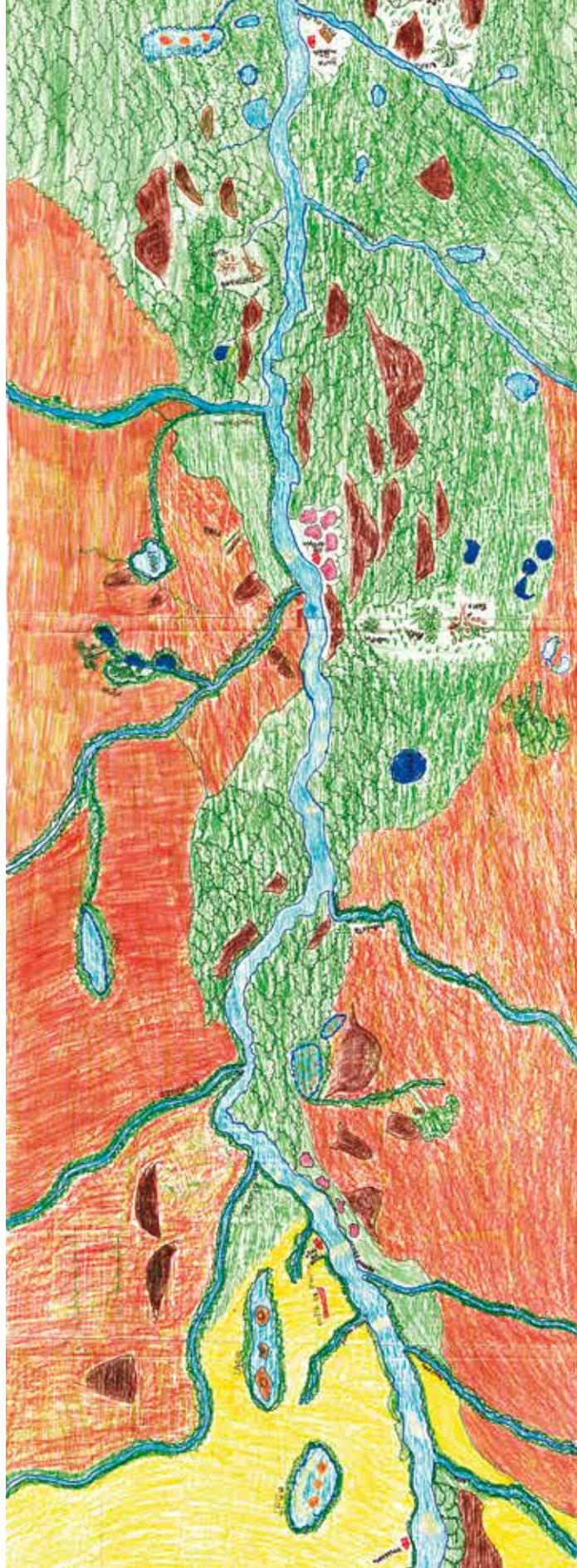
O lado Leste do Complexo Tumucumaque compreende a porção oriental da TI Parque do Tumucumaque e a totalidade da TI Rio Paru d'Este. Essa região apresenta vegetação do tipo ombrófila densa, com algumas áreas de floresta ombrófila sub-montana, em especial nos contrafortes da Serra do Tumucumaque. Já na porção Oeste da TI Parque do Tumucumaque encontram-se diversas manchas de campo (paisagem também conhecida por savana amazônica), sendo a maior delas com superfície próxima à 500 mil hectares, cujas margens são áreas de transição entre a savana e a floresta ombrófila

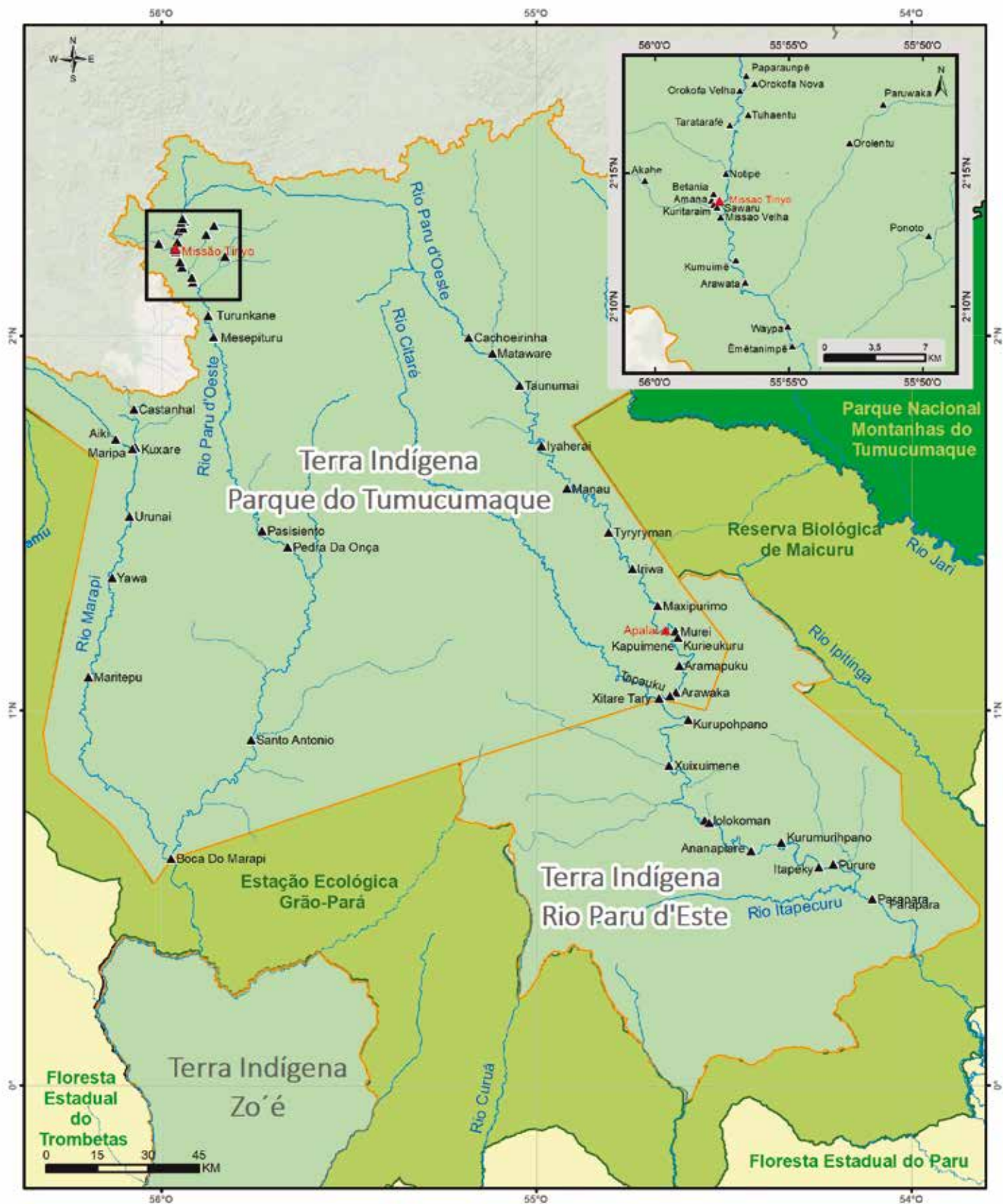
Os povos indígenas locais, por sua vez, possuem suas formas particulares de nomear e classificar esses ambientes seguindo lógicas e percepções próprias. Durante o processo de construção conjunta deste PGTA, foram realizadas oficinas de mapeamento e zoneamento por meio de mapas-mentais (p: 37 a 39), sendo levantadas e reconhecidas, enquanto unidades distintas, muitas paisagens que compõem um mosaico de ambientes florestais, terrestres e aquáticos a partir dos seus próprios pontos de vista.



Iori Linke







Nas duas terras indígenas que compõem o Complexo Tumucumaque nascem três importantes bacias hidrográficas que fazem parte da grande bacia Amazônica. Na região ocidental, encontramos o Rio Paru de Oeste e seu afluente Marapi. Na região oriental, nasce o Paru de Leste e seu afluente Citaré. No extremo nordeste da TI Parque do Tumucumaque está o rio Jari, onde, além de suas nascentes, um pequeno trecho de seu alto curso encontra-se dentro dos limites desta TI.

Em 2013, foi criada uma instância consultiva de gestão integrada de um conjunto de unidades territoriais situadas na região, que têm em comum objetivos ligados à conservação ambiental. Trata-se do Mosaico de Áreas Protegidas da Amazônia Oriental, do qual fazem parte as Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este, a Terra Indígena Wajãpi, e mais seis Unidades de Conservação, totalizando cerca de 12 milhões de hectares de áreas contíguas. Trata-se ainda do primeiro Mosaico oficialmente reconhecido pelo Ministério do Meio Ambiente a incluir terras indígenas em sua composição (Ver box a seguir). Encontra-se em discussão outra proposta de criação de um Mosaico, vizinho a este, abrangendo as Terras Indígenas e Unidades de Conservação vizinhas, situadas na região Norte do Pará e divisas com os estados do Amapá, Amazonas e Roraima.

Os MOSAICOS são instrumentos previstos pelo artigo 26 do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), cujo objetivo é promover a gestão integrada e participativa de Unidades de Conservação e demais Áreas Protegidas que se encontrem próximas, justapostas ou sobrepostas. Este conjunto de áreas deve ser gerido de forma a compatibilizar a presença da biodiversidade, a valorização da sociodiversidade, e o desenvolvimento sustentável em um contexto regional, contando, para tais objetivos, com a criação de um Conselho Consultivo incumbido de contribuir, dentre outras coisas, para o planejamento regional integrado entre Áreas Protegidas.

O Mosaico de Áreas Protegidas da Amazônia Oriental é o primeiro mosaico reconhecido que inclui Terras Indígenas no Brasil (TIs Parque do Tumucumaque, Rio Paru d'Este e Wajãpi). Oficializado através da Portaria nº04 de 03/01/2013, conta com mais de 12 milhões de hectares, é formado por três Terras Indígenas (TIs) e seis Unidades de Conservação (UCs), incidindo parcialmente sobre 11 municípios no Amapá e cinco no Pará:

- Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque
- Floresta Nacional do Amapá
- Terra Indígena Wajãpi
- Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este
- Floresta Estadual do Amapá
- Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru
- Reserva Extrativista Beija Flor Brilho de Fogo
- Parque Natural do Cancão

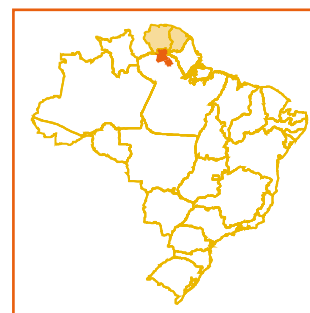
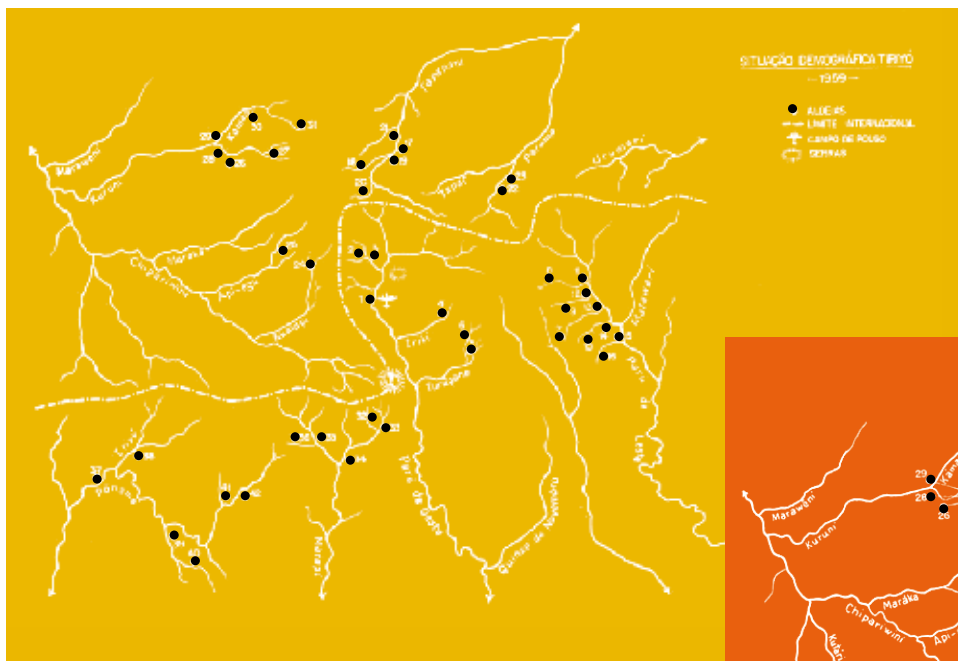




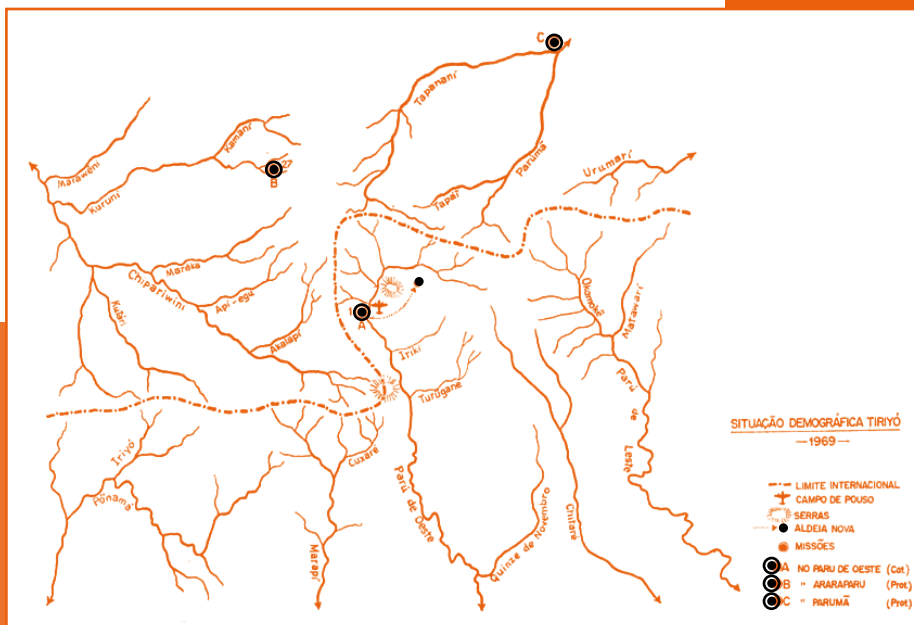
Jeciane Souza

Linha do tempo

1959 | 1963 | 1969



Mapas mostram mudanças na ocupação do território: as aldeias que eram espalhadas em diversas calhas de rios passam a se centralizar em pólos de atração.



FRIKEL, Protásio. 1971. Dez anos de Aculturação Tiriyo: 1960-1970 - mudanças e problemas. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi (publicações avulsas, n.14).

1970 | 1980

Auge da centralização
e sedentarização
em grandes aldeias:
Missão Tiriyó e PIN
Apalaí/Bona (1970-
1980).



1980

Retomada do modo de
ocupação baseado na
dispersão territorial, e
em pequenas aldeias,
principalmente
no período pós
Constituição (1988),
e pós-demarcação
(1997), com apoio do
Programa de Proteção
das Terras Indígenas
da Amazônia Legal
(PPTAL/Funai).



1984

Assembleia do Kumarumã (Oiapoque, TI Uaçá). Povos do Tumucumaque pedem apoio para demarcação de suas terras aos povos do Oiapoque.

1988

Promulgação da nova Constituição Federal, trazendo um novo marco jurídico na relação dos Povos Indígenas com o Estado e a sociedade brasileira: posse permanente e usufruto exclusivo aos índios de suas terras tradicionalmente ocupadas, respeito às culturas, línguas e tradições indígenas, fim da tutela.



Beto Ricardo/ISA

1995

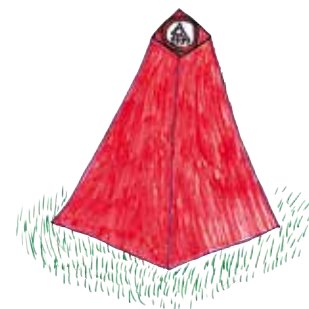
Fundação da APITU
Associação dos
Povos Indígenas do
Tumucumaque.



1997

Homologação da Terra Indígena Parque do Tumucumaque (Decreto s/n - 04/11/1997).

No mesmo dia, homologação da Terra Indígena Rio Paru d'Este (Decreto s/n - 04/11/1997).



1999

Projeto de proteção e reocupação territorial – PPTAL.



Mário Vilela/Funai

Início do desafio de pensar e exercer territorialidade tradicional dentro de uma terra limitada. Aldeias são (re) abertas nos lugares de moradia antigos.

2002

Fundação do Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena



Início da atuação junto aos Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará.

2004

Fundação da APITIKATXI Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Kaxuyana e Txikuyana, em 24 de outubro de 2004.



Decreto Presidencial 5.051 de 05 de junho promulga a convenção 169, que passa a vigorar com força de lei, estabelecendo o dever do Estado de consultar os povos indígenas quando medidas administrativas e legislativas possam vir a afetar seus modos de vida e direitos.



2005

Início das atividades do lepé junto aos povos Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana na região Oeste.



Denise Fajardo

Início das atividades do lepé junto aos povos Wayana e Aparai na região Leste. As primeiras oficinas de valorização cultural são desenvolvidas.



Lúcia van Velthem

2006

Em setembro, tem início a execução do primeiro projeto aprovado pela APITIKATXI: “Fortalecendo novas aldeias no Tumucumaque Oeste”.

O projeto, financiado pelo PDPI/MMA, contemplou atividades relacionadas à apicultura e construção de canoas.

2007

Primeira reunião de donos de aldeia Tiriyo e Katxuyana.

Início da Formação de professores Tiriyo e Katxuyana.

Primeiras oficinas socioambientais no lado Oeste. Começo de conversa sobre gestão territorial e ambiental no lado Oeste.



Denise Fajardo

Primeiras oficinas socioambientais no lado Leste. Começo de conversa sobre gestão territorial e ambiental no lado Leste.



Iori Linke

2008

Segundo Encontro de Caciques Tiryó e Katxuyana.

Primeira oficina de Iniciação à Gestão Participativa no lado Oeste.



Acervo Iepé

1ª Reunião de Trabalho Transfronteiriço Brasil, Suriname e Guiana Francesa em Macapá (AP), com apoio da Rainforest Foundation, que teve como principais objetivos identificar e discutir desafios socioambientais para povos indígenas, bem como gestão socioambiental em terras indígenas e seus entornos, além de refletir junto com parceiros sobre esses debates e propor um plano de trabalho conjunto.



Acervo Iepé

APITIKATXI realiza curso de Gestores Indígenas de Projetos em Macapá/Amapá com apoio do PDPI/MMA, e participação de diversas lideranças dos lados Leste e Oeste.

Continuação das oficinas socioambientais.

Início da conversa sobre manejo e gestão comunitária no lado Leste; foi usado como exemplo a caça.



Iori Linke

2009

Terceira reunião de caciques Tiryó e Katxuyana. As reuniões passam a ocorrer todos os anos.



Acervo Iepé

Início da discussão sobre gestão territorial para além dos limites, em escala regional, através da formação para compreensão e apropriação de conceitos sobre o Mosaico de Áreas Protegidas no Amapá e Norte do Pará.

Início da formação de jovens pesquisadores indígenas (projeto com Museu do Índio e Unesco).



Iori Linke

Continuação das oficinas socioambientais.



Acervo Iepé

2º Encontro Transfronteiriço dos Povos Indígenas do Norte do Pará, Amapá, Suriname e Guiana Francesa, em St. Georges de L'Oyapok (Guiana Francesa), com a discussão dos seguintes temas: garimpo e mineração em terras indígenas e seus entornos; manejo de caça, pesca e atividades extrativistas; produção de artesanato e gestão de matérias-primas.



Décio Yokota

Lançamento das cartilhas de alfabetização tiriyo e katxuyana, tanto em português quanto em línguas nativas.

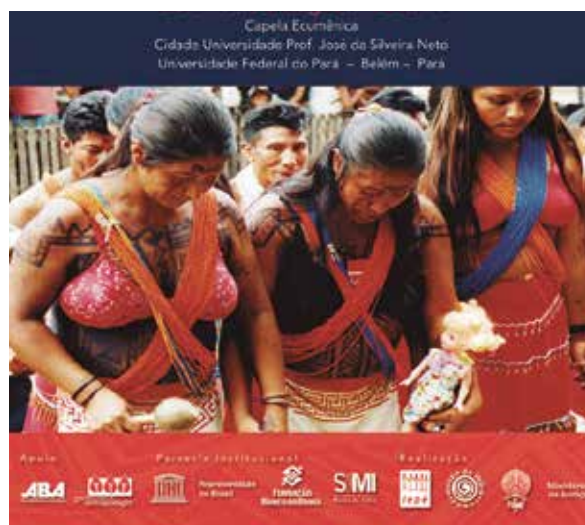
Publicação dos dois primeiros números do “Enpato Iponohto – Jornal da Educação (Tiriyo e Kaxuyana)”, produzido pelos professores no âmbito de sua Formação.



Início da experiência de manejo de roças dentro do projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural Indígena no lado Oeste (pequi).

Intercâmbio Tiriyo e Katxuyana para TI Parque do Xingu.

A arte da tecelagem com algodão, sementes e miçangas das mulheres do lado Oeste é retratada, por ocasião da 27ª Reunião Anual da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), na Exposição etnográfica Tecendo a Arte, Tecendo a Vida, em agosto, na Universidade Federal do Pará, em Belém/PA, com apoio do Iepé e Museu do Índio/Funai.



3º Encontro Transfronteiriço dos Povos Indígenas do Brasil (Amapá e Norte do Pará), Guiana Francesa e Suriname, entre 7 e 10 de dezembro de 2010, em Galibi, no Suriname. Os temas discutidos foram Direitos Territoriais e Gestão Socio-Ambiental; Problemas Sociais em Comunidades Indígenas; Línguas Indígenas, Educação e Juventude.

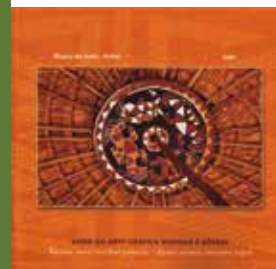


Milton Kam

Fundação da APIWA
Associação dos Povos Indígenas Wayana e
Aparai, em 29 de outubro de 2010.



Publicação do “Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai”.



Início da experiência de manejo de arumã dentro do projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural Indígena no lado Leste.

Intercâmbio Wayana e Aparai para o rio Içana, TI Alto Rio Negro.



O livro “Arte Visual dos Povos Tiriyo e Katxuyana” é lançado.

Continuação da formação de pesquisadores Wayana, Aparai, Tiriyo e Katxuyana.



Evandro Bernardi



Publicação de mais duas edições do “Enpato Iponohto – Jornal da Educação (Tiriyo e Katxuyana)”.

4º Encontro Transfronteiriço dos Povos Indígenas do Brasil (Amapá e Norte do Pará), Guiana Francesa e Suriname, entre 22 e 24 de novembro de 2011, na cidade de Oiapoque (AP), em que se discutiu Representatividade Política e Governança dos Povos Indígenas; Questões Fundiárias e Gestão Territorial e Ambiental; Desafios Socioambientais no Planalto das Guianas; e Gestão do Patrimônio Cultural e Educação Intercultural.



Professores-pesquisadores Tiriyo e Katxuyana elaboram cartilha, na língua tiriyo, sobre cuidados com o lixo nas aldeias.

Iepé realiza Exposição em Macapá/AP sobre Arte com Sementes e Miçangas das mulheres do Tumucumaque Oeste, com apoio do Museu do Índio/Funai.



Acervo Iepé



2012

Intercâmbio de mulheres do lado Oeste da TI Parque do Tumucumaque, com mulheres Karipuna, Palikur e Galibi Marworno, no Oiapoque, em setembro, com foco na troca de suas experiências na gestão da produção e comercialização de artesanato.



Jeciane Souza

A Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial (PNGATI) é promulgada através do Decreto Presidencial nº 7747 de 05 de julho.

Oficinas de fortalecimento político e administrativo das associações indígenas APIWA e APITIKATXI.



Acervo Iepé

Continuação da formação de pesquisadores Wayana, Aparai, Tiriyo e Katxuyana.

Diagnóstico Participativo da APITIKATXI.



Diagnóstico Participativo da APIWA.



Primeiro Encontro de Caciques do lado Leste.



Iori Linke

Continuação das oficinas de manejo de arumã dentro do projeto de ATER Indígena.



Iori Linke

2013

O Mosaico de Áreas Protegidas do Oeste do Amapá e Norte do Pará é criado, incluindo três Terras Indígenas e seis Unidades de Conservação que, juntas, ultrapassam os 12 milhões de hectares.



2013 | 2014

O projeto de ATER Indígena é finalizado. Com ele é publicado "O livro do Arumã".



Aprovação e desenvolvimento (entre 2014 e 2015), do projeto "Construindo nossos PGTA's: Mobilização e Diagnóstico Socioambiental nas TIs Parque do Tumucumaque, Paru d'Este, Trombetas/Mapuera e Nhamundá/Mapuera", apresentado ao PDPI/MMA, tendo a Apitikatxi como proponente, em parceria com o Iepé, a Funai e com as demais Associações Indígenas representativas das TIs contempladas (APIWA, APIM, CGPH e APIW). É voltado para a estruturação conjunta, nas quatro TIs, de um processo de elaboração de PGTA's para todas elas.



Acervo Iepé

Diagnóstico Socioambiental é realizado em todas as aldeias das Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este através de projeto da APITIKATXI e Iepé, com financiamento do PDPI.



Acervo Iepé

Primeira Oficina de Cerâmica no lado Leste, no âmbito do Prêmio Culturas Indígenas.



Cecília de Santarém



Acervo Iepé

São realizadas assembleias com as lideranças nos lados Oeste e Leste para validação do diagnóstico e constituição do primeira versão do PGTA das TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este.

Começo das discussões das formas para “tirar o PGTA do papel”.

I Encontro de Mulheres Indígenas do Amapá e norte do Pará. Neste encontro, mulheres de 8 diferentes povos da região discutiram sobre o que é PNGATI e PGTA, enfatizando seu papel na gestão de seus territórios.

2015

A tecelagem com miçangas das mulheres do lado Oeste da TI Parque do Tumucumaque é um dos destaques da exposição “No caminho da miçanga – um mundo que se faz de contas”, no Museu do Índio, da Funai, no Rio de Janeiro.

Reedição do livro de alfabetização na língua katxuyana *Pape miretom yomukatohu* – , com a nova ortografia da língua.



Acervo Iepé

Primeira oficina sobre a Convenção 169 da OIT e Consulta Prévia é realizada na aldeia Santo Antonio.

O relatório da TI Katxuyana - Tunayana e Isolados é aprovado pela Funai e publicado no DOU. A TI está agora “identificada e delimitada”.

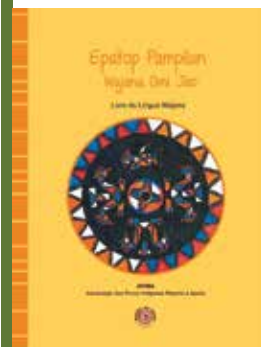
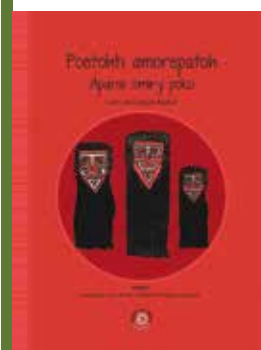
A Primeira versão do PGTA das TIs PT e RPD é revisada e validada em assembleia de encerramento do projeto do PDPI, contando com a presença de lideranças, associações, Iepé, MMA e Funai.



desenho de Érica Betiol

Finalização do projeto de Formação de Pesquisadores Indígenas com apoio do Museu do Índio e da UNESCO.

Publicação de duas cartilhas de alfabetização: em língua wayana e em língua aparai.



Fundação do CLTKT
Conselho de
Lideranças Tiriyo,
Katxuyana e Txikiyana.



I Encontro Comunitário sobre Juventude Indígena no Tumucumaque, em julho, na aldeia Missão Tiriyo, TI Parque do Tumucumaque (PA). Jovens e velhos, homens e mulheres se reuniram para discutir a respeito da situação dos jovens indígenas no Tumucumaque, juntamente com representantes da Associação dos Povos Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana (Apitikatxi) e da equipe do Iepé.

O projeto “Floresta em Pé e bem-viver sustentável” é iniciado pelo Iepé com financiamento do Fundo Amazônia. As primeiras atividades para “tirar o PGTA do papel” são iniciadas.



Denise Fajardo

Primeiras reuniões de lideranças para planejamento das ações do PGTA são desenvolvidas no lado Leste e Oeste.



Rosamaria Loures

A formação em Gestão Ambiental e Territorial é iniciada.

II Encontro de Mulheres Indígenas do Amapá e norte do Pará: Alimentação, Práticas agrícolas e Gestão Territorial. Aprofundando as discussões do I Encontro, as mulheres indígenas da região puderam ainda discutir sobre o tema com convidadas do Acre, do Amazonas, de Roraima e do Xingu.

É publicado
“O Livro da Argila”.



Lançamento de iniciativa do lepé em parceria com Associações Indígenas, Funai e MPF que, dentre outras ações, contempla o apoio à elaboração de Protocolo de Consulta nas TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este, contando com apoio da Fundação Moore. Expedições da implementação do PGTA se iniciam em ambos os lados das TIs.



Acervo lepé

Plano de vigilância das TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este é construído em oficinas participativas com a colaboração da Funai e do lepé. Mapa das ações é elaborado.



Comemoração dos 20 anos da demarcação das TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este.



Rosamaria Loures



Nacip Mahmud

2018

Fundação da
AMITIKATXI
Articulação das
Mulheres Indígenas
Tiriyó, Katxuyana e
Txikiyana.



Acervo Iepé

Oficinas de planejamento da implementação do Plano de Vigilância das TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este são realizadas nas aldeias Parapara e Missão Tiriyó, com a colaboração da Funai e do Iepé.



Iniciativas comunitárias em apicultura, meliponicultura e manejos diversos são colocadas em prática nas aldeias do Tumucumaque Oeste e Leste.

Acervo Iepé



Fundação da AMIWA
Articulação das
Mulheres Indígenas
Wayana e Aparai.





lori Linke

O nosso Plano de Gestão Territorial e Ambiental

POR QUE É IMPORTANTE O NOSSO PGTA?

Atĩ tome Tumucumaque pë aeneme wehto kītīrītēne?

Ainya iwarë tĩnono kure tĩrito iwehtome. Kure marë ainya inono awehtome.

Yiwehto, wĩpunĩne, ahtĩtome karamanton, iwekehofēke yinononopë ĩreme, kure tinono, rēse anya. Sehe marë wenaenoton. Me iwehtome. Ipata. Aeneme kīwehtohon kīwarēne iwehtome kīnonokonpë. Sehen kīmunkēkon enpatome kīyane, tĩnonokon kure rĩto iwarēne iwehtome. Atĩtome aeneme kīwehtohonme. Kītīrīyati owa: nono aeneme kīwehtohom rītome marë. Tīwērem nonotao emĩnyewa kīwehtohon marë. ĩrēme irēpë tīware kehtēne ipatarekem tīwērë nonotao emĩnyewa kīwehtohonme.

Para saber como cuidar de nossa floresta e de nossa terra indígena.

Nós pensamos no plano de vida porque temos essas terras demarcadas. E também por conta da luta dos caciques sobre a terra. É por isso que nós queremos cuidar da nossa terra. E também para ser um lugar que nossas gerações continuem a viver. Fazemos isso para sabermos viver bem na nossa terra. Também para ensinar os nossos filhos a saberem cuidar dela. Estamos fazendo esse plano de vida pensando no futuro, em como preservar os recursos naturais existentes na terra. Se entrarmos na terra de outro, teremos conflitos. Por isso devemos ter cuidado com isso para preservar tudo que aqui existe.

Lideranças e Jovens participantes da formação em Gestão Territorial e Ambiental
Lado Oeste

Atÿ tome nai irahasame PGTA?

Totyhpymase (demarcado) tokaremy zuaro roropa ipoko toehse yna (homologado) epõkomo Aparai, Wajana, Wajãpi, Tiriyo, Akuriyo, Xikyjana, Kaxuyana tomo ynara rokene ynanase.

Por que é importante o plano de vida/PGTA?

Porque nossa terra está demarcada e homologada, nós nos reconhecemos como seus habitantes, os Aparai, Wayana, Wajãpi, Tiriyo, Akuriyo, Txikiyana, Katxuyana, Kahyana.

Lideranças e Jovens participantes da formação em Gestão Territorial e Ambiental
Lado Leste

Ipok kan kom helë jao esike, emna ehapatop jao helë henma esike nai (PGTA) jao emna ehapatop esike. Malalë helë m"nëtuja ipok kan kom pëk ulë kuweitopkom pëk huwa.

Tem muita coisa interessante no PGTA e no curso: nos ensina sobre saber viver com a natureza, sobre proteção do território. Isso que nós conversamos no curso.

Lideranças e Jovens participantes da formação em Gestão Territorial e Ambiental
Lado Leste



Ainya inono eyomatome ëwënoton tarënoton enpatome. Ëwënoton ëiware iwehtome. Ainya iwehtoton enopotome karaiwaentu tomoya. Ainya iniriton intahaewa ainya iwehtome marë.

Nós devemos proteger e preservar a nossa terra. Assim, devemos ensinar os jovens que virão para que eles aprendam. Para que eles não venham a se distanciar dos próprios costumes. Nós devemos mostrar para os governantes que vivemos nessa terra. Os jovens devem assegurar isso.

Lideranças e Jovens participantes da formação em Gestão Territorial e Ambiental
Lado Leste

Para nós isso é importante porque aprendemos como proteger nosso território, nossa terra demarcada. E também para fortalecer os jovens em relação a defender sua terra, para que futuramente eles saibam também como fazer esse tipo de política. Também para não perdermos nossa cultura e nossos costumes. Também fizemos esse PGTA para os governos, para que os políticos entendam que nós existimos e vivemos no Rio Paru, para que eles entendam isso também através desse PGTA. É por isso que o PGTA é importante.

Lideranças e Jovens participantes da formação em Gestão Territorial e Ambiental
Lado Leste





Jori Linke

EIXO 1 (TRANSVERSAL) CULTURA

POR QUE É IMPORTANTE?

Se a gente quer que os jovens e as crianças saibam o que vem dos nossos antepassados, temos que começar a contar tudo que sabemos desde cedo para eles. Mas não é só em dia de projeto. Em um dia só não dá. Temos que sempre chamar crianças e jovens para conversar. Os que sabiam mais já se foram, mas temos que continuar passando o que sabemos para as crianças e os jovens. Os mais velhos têm que ensinar, mostrar como se vestir, como se pintar. É assim que ficamos sabendo os modos de viver, de vestir e de comemorar. Uma vez só a gente não aprende nada. Tem que ser todo dia, cotidianamente. Sobre os remédios tradicionais, não sabemos mais o que os pajés sabiam. Mas será que é impossível aprender? Acho que não. Os mais velhos tinham que tomar a frente e nos ensinar o que deixamos de aprender.”

Ivanilce Kaxuyana / Aldeia Betânia
Lado Oeste

Durante toda essa discussão, eu mesmo me avaliei: eu pedi para o meu pai me ensinar essas coisas. Mas não estou ensinando para meus filhos, então é claro que eles vão aprender outras coisas, vão pensar e viver diferente. Nossas crianças têm que ser orientadas desde cedo. Como disse o cacique Davi, é preciso sentar na beira da fogueira, aprendendo até tarde da noite. É assim que a gente aprende, e é preciso continuar ensinando nossas crianças.

Alexandre Tiriyo / Aldeia Betânia
Lado Oeste

Antigamente os jovens acordavam para fazer artesanato e outras coisas da cultura. Hoje acordam para ir para a escola, aprender a escrever. A escola é importante, mas a cultura também é importante.

Setina Wayana, professor / Aldeia Bona
Lado Leste

Meu papel é levar para frente os conhecimentos, tomar meu papel de *kunumuxi* (avó) a sério, para frente, pelos jovens. Essa oficina me despertou isso.

Jawarahto Aparai
Lado Leste



Isso me preocupa. Eu ainda falo para meu neto o que aprendi com meu pai. Repasso para meus filhos. A minha aldeia é Ponoto, meus netos sabem. Mas será que eles vão seguir o mesmo caminho que eu segui?

Maringá Tiriyo, cacique / Aldeia Ponoto
Lado Oeste

Eu já fui pesquisador. No começo eu perguntava muito para o *tamo* (avô) e ele não entendia o porquê de tanta pergunta. Depois se acostumou e gostou muito de eu conversar com ele sobre o conhecimento, de ir procurar ele.

Xihmue Aparai / Aldeia Iriwa e Maxipurimo
Lado Leste

CONTEXTUALIZAÇÃO

Partindo-se do princípio que a cultura está em tudo que diz respeito aos modos de estar no mundo, de se dar significado à existência, aos modos de ver, pensar, falar e fazer, inclusive de fazer o que chamamos de gestão territorial e ambiental, de produzir e consumir alimentos, de fundar e abandonar aldeias, de se organizar internamente, no seio da família, em cada aldeia, nas relações de parentesco, nas relações políticas para dentro e para fora dos limites das terras indígenas, este se torna um tema transversal por excelência, dialogando com todos os demais, e mobilizando todos os segmentos sociais, os homens, as mulheres, os mais velhos, e também os jovens.

Tanto nas reuniões e assembleias que reúnem lideranças representativas da totalidade das aldeias de um curso de rio, quanto nas oficinas de valorização cultural voltadas para uma comunidade em específico, muito é discutido em relação ao passado. Os mais velhos dizem que antigamente os jovens respeitavam os pais, as mães, as tradições e as vivências próprias, e que, hoje em dia, cada vez mais estão ficando desinteressados pelos conhecimentos e suas formas de transmissão tradicionais, causando uma certa descontinuidade. Além disso, segundo as lideranças, alguns jovens acreditam que os conhecimentos dos mais velhos “estão vencidos”, pertencem ao passado, e não mais se interessam por eles.

Por seu turno, os jovens dizem ainda querer conversar com os mais velhos, pois não querem a perda de conhecimentos, em especial aqueles que tratam das formas de edificação de casas, tipiti, produção de flechas, arcos e outros artefatos de cultura material utilizados no dia-a-dia da vida nas aldeias. Os jovens também dizem querer e precisar aprender mais sobre as coisas de fora, principalmente sobre legislação e certos tipos de tecnologia, com o intuito de se defender e se relacionar com os não indígenas. No futuro, dizem os próprios jovens, que não querem ter perdido suas tradições, nem ter deixado de falar suas línguas maternas.

ACORDO FIRMADO

Que as lideranças, os mais velhos, os pais e as mães sejam o exemplo dentro de cada aldeia sobre a importância de valorizarmos sempre o nosso próprio jeito de viver, para que a nossa cultura e conhecimentos continuem sendo transmitidos de geração em geração.

AÇÕES PROPOSTAS AOS ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS E NÃO-GOVERNAMENTAIS

Lado Oeste

- A educação escolar Indígena deve contemplar o ensino e valorização da nossa língua, conhecimentos e da nossa cultura;
- Promover e incentivar projetos de valorização da nossa cultura e nossas formas de organização social e política;
- Apoiar oficinas sobre os modos de produzir itens da nossa cultura material (artesanatos, habitações, vestimentas, instrumentos, arco e flecha, etc);
- Apoiar a valorização de nossos conhecimentos da nossa cultura imaterial (cantos, histórias, danças, etc);
- Apoiar a produção de materiais e publicações para a promoção cultural;
- Apoio à construção e manutenção de nossas casas tradicionais de reuniões (*Paiman*).

Lado Leste

- Projetos que garantam a realização de oficinas de transmissão de saberes, produção de materiais e publicações relacionadas;
- Construção de centros de formação e documentação cultural;
- Formação de pesquisadores indígenas;
- Produção de materiais, publicações, vídeos;
- Promoção de festas e rituais tradicionais;
- Valorização dos mitos, como temas para as escolas;
- Valorização da oralidade e formas tradicionais de transmissão de conhecimento aliadas às novas tecnologias;
- Registro do Sistema Gráfico Wayana e Aparai junto ao IPHAN.



Acervo Iepé

EIXO 2: GOVERNANÇA E EMPODERAMENTO POLÍTICO

POR QUE É IMPORTANTE?

Pertenço à diretoria da APITIKATXI. Sou jovem, eu não tinha essa experiência. Minha mãe falava que eu deveria participar das reuniões. Eu sempre pensei em estudar e voltar para a aldeia e ajudar meus povos. Como os velhos falam, eles lutam na frente e aí é que vêm os outros que vão se fortalecendo. A gente sempre teve inimigos, mas hoje é diferente das lutas dos nossos antepassados. Hoje fazemos outra guerra para segurar nossa terra. Nossa terra é nossa vida, sem nossa terra a gente não é nada. Precisamos lutar! Eu falo pros estudantes que a gente precisa se entrosar mais nas reuniões. Ou como vamos ajudar depois? É isso que eu coloco na minha cabeça. Eu falo isso para o meu irmão, ele está na cidade e acha que está tudo bem na aldeia. E quem está na aldeia também não sabe o que está acontecendo nas reuniões na cidade.

Willis Manei Katxuyana/ Aldeia Betânia
Lado Oeste

Para os caciques, os professores são muito importantes, porque alguns professores falam língua portuguesa. Por isso, às vezes os caciques convidam os professores para conversar com os não indígenas, para traduzir as palavras que eles falam. Assim os caciques entendem o que os não indígenas falam. Os caciques orientam as comunidades para defender direitos e para cuidar da terra indígena. Os professores ajudam os caciques a entender os direitos, porque entendem como falar um pouco a língua portuguesa e podem ajudar a fazer tradução.

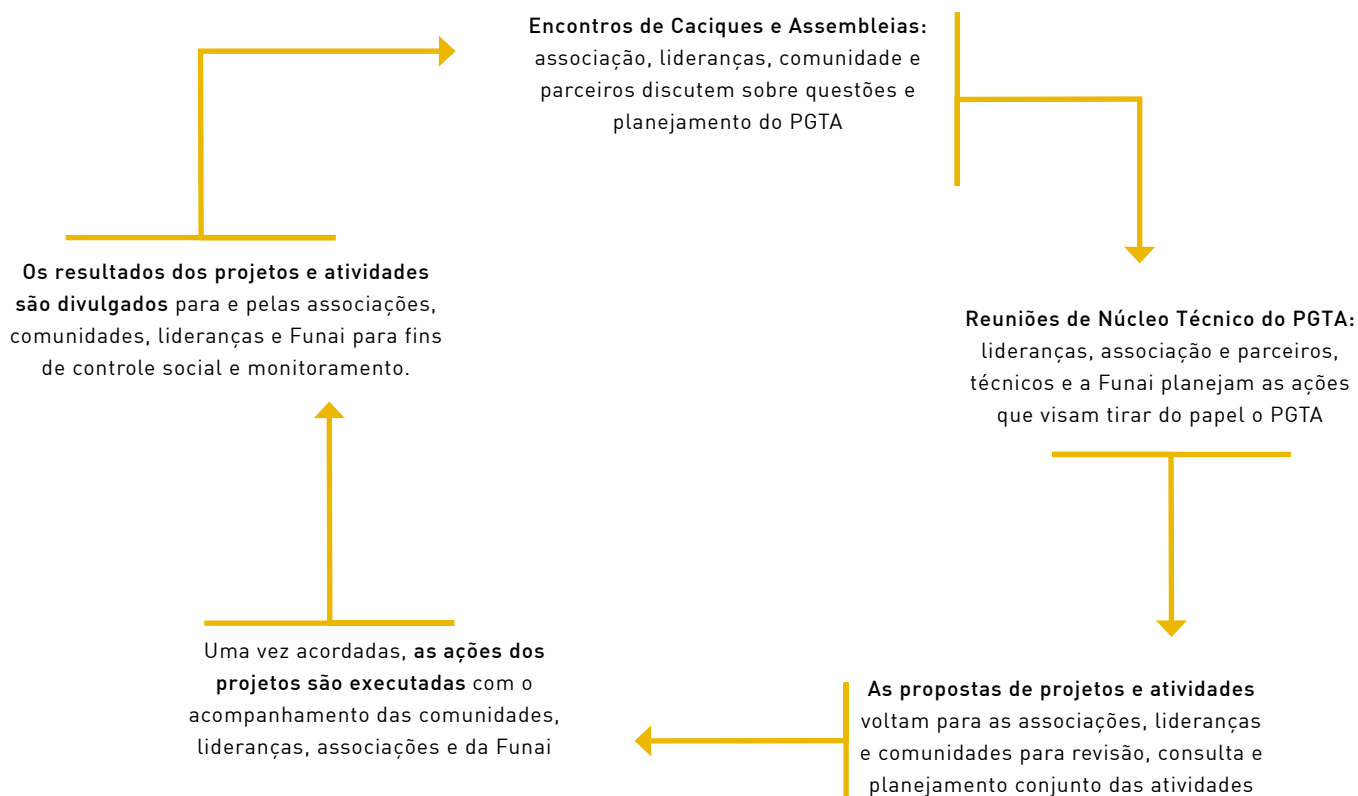
Jornal dos Professores Tiriyo e Kaxuyana, v.1, 2010
Lado Oeste

Temos expectativa de acompanhamento da Funai e da reativação de postos. Hoje as associações atuam em diálogo com as comunidades. Curso de capacitação em PNGATI foi muito importante para nós, pois tivemos como passar informações para comunidades que ficam isoladas.

Cecília Awaeko Aparai, presidente da APIWA, em reunião com a CGMT/Funai
Lado Leste

CONTEXTO/DIAGNÓSTICO

Ao longo dos últimos 10 anos, os caciques (donos de aldeia) e associações indígenas do Tumucumaque Leste e Oeste vêm destacando a palavra “união”, seja para si mesmos, seja para os parceiros governamentais e não governamentais que ali atuam, como a chave para que seus problemas e demandas sejam efetivamente resolvidos. “Ninguém consegue nada sozinho”, essa parece ser a lição aprendida de anos de demandas não atendidas, e recentes conquistas, por meio da articulação e a soma de esforços entre parceiros indígenas e não-indígenas, governamentais e não-governamentais. Enquanto exemplo do que ocorreu ao longo da última década no processo de crescente articulação dos caciques (donos de aldeia) entre si, e destes com suas Associações representativas (APITIKATXI e APIWA) e parceiros, temos a elaboração e validação do presente PGTA. Garantir a boa governança na implementação do mesmo implica na seguinte estratégia de monitoramento:



PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

Nos últimos anos, as mulheres indígenas do Tumucumaque têm procurado se articular e desenvolver projetos de seus interesses. Elas também têm se reunido entre si e participado de encontros regionais com mulheres de outros povos. Muito motivadas a trabalhar em prol do fortalecimento e da valorização cultural, especialmente em atividades que envolvam os conhecimentos da produção de diversos artefatos, as mulheres também reivindicam seu espaço em reuniões políticas.

As mulheres do Tumucumaque em geral entendem que têm um papel fundamental em relação à alimentação de seus familiares, desde o plantio na roça ou coleta na floresta, até a elaboração da culinária. Isso implica tanto no reconhecimento de seu papel em relação ao manejo de recursos, quanto no fortalecimento de sua cultura e na influência que a alimentação tradicional tem na saúde das pessoas. Essas mulheres reconhecem sua importância no que tange aos diversos eixos deste PGTA, apresentando reivindicações específicas, como é possível acompanhar abaixo:

Cultura: apoio para a realização de atividades relacionadas ao artesanato, contando com os conhecimentos das mulheres mais velhas para ensinar às mais jovens. No lado Oeste, há especial interesse para o uso e atividades com miçangas, mas as mulheres também querem desenvolver atividades de corte e costura para que possam fazer suas próprias roupas e de seus familiares. Já no lado Leste, as oficinas de cerâmica procuram fortalecer e valorizar essa arte;

Governança: que as mulheres tenham maior participação nos espaços políticos, com articulação e encontros próprios;

Território: as mulheres querem participar das expedições de reavivamento dos limites de sua terra;

Manejo: a participação das mulheres nas atividades relacionadas às roças e às áreas de coleta de espécies vegetais é fundamental;

Saúde: as reivindicações das mulheres incluem tanto melhor estrutura nos postos de saúde quanto apoio para as parteiras;

Educação: as mulheres entendem que precisam estar cada vez mais engajadas nos processos de educação escolar, participando de reuniões e eventos na escola, assim como nos ensinamentos dados em suas próprias famílias.

Lado Oeste

- “As Lideranças precisam estar mais unidas. Muitas vezes as lideranças das aldeias pequenas não vêm nas reuniões. As lideranças são exemplos para os jovens”;
- Voltar a organizar melhor o trabalho das lideranças, como antes. Organizar uma equipe para ajudar o cacique geral, facilitando o seu trabalho;
- Os caciques devem agir imediatamente contra a entrada e comercialização de drogas e bebida alcoólica através de orientação junto aos que trazem e consomem;
- Levar a proposta de criação de fundo para conversar nas aldeias, nas reuniões de assembleia de lideranças e na associação: cada assalariado e aposentado dar uma contribuição, além de outras contribuições de benefícios e comercialização de produtos, para despesas da organização e trabalho nas aldeias e também para a manutenção da associação;
- Não confiamos nos censos feitos pelos não indígenas, então nós próprios vamos fazer o censo da população indígena da TI Parque do Tumucumaque no Rio Paru de Oeste, e vamos manter atualizado anualmente.

Lado Leste

- Promover reuniões entre caciques para discutirmos os rumos que queremos tomar em nosso plano de gestão ambiental;
- Vamos sempre lutar para respeitar os acordos estabelecidos pelas comunidades;
- Criar um Conselho Geral das Aldeias do Rio Paru de Leste, formado pelos caciques;
- Melhorar a comunicação e a troca de informação sobre assuntos de interesse da comunidade;
- Criar conselhos por aldeia para apoiar os caciques;
- Conseguir condições de funcionamento do Conselho das Aldeias (combustível, rancho, avião, etc);
- Formação para conselheiros de saúde, educação e outros para melhorar a atuação nas comunidade;
- Casa para apoiar o funcionamento do Conselho das Aldeias (rádio, arquivo, etc);
- Capacitação continuada para atuar na organização indígena.

FORTALECIMENTO DOS CACIQUES E LIDERANÇAS LOCAIS

Leste e Oeste

- Respeitar os acordos estabelecidos, em especial aqueles que fazem parte do nosso PGTA;
- Melhorar a comunicação e a troca de informação sobre assuntos de interesse das comunidades locais;
- Promover Encontros e Intercâmbios de lideranças;
- Garantir reuniões anuais de todos os Caciques;
- Evitar oficinas e reuniões durante a época em que estamos mais ocupados, entre os meses de agosto a dezembro.

FORTALECIMENTO DAS ASSOCIAÇÕES E ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS

Leste e Oeste

- Formação/capacitação para atuar nas Associações Indígenas;
- Apoio ao fortalecimento político e capacidade institucional das nossas associações (APIWA e APITIKATXI);
- Garantir Assembleias anuais das nossas Associações representativas;
- Melhorar e ampliar a capacidade de nossas Associações quanto à gestão (produção e comercialização) de nossos artesanatos.

FORTALECIMENTO DAS COMUNIDADES

Leste e Oeste

- Promover atividades de formação para as mulheres (cursos e intercâmbios);
- Formação para os conselheiros de saúde, educação etc, para atuar melhor pela comunidade;
- Formação política de futuras lideranças;
- Promover atividades de formação para os jovens (cursos e intercâmbios);
- Construção de dois centros comunitários, um na aldeia Bona e outro na aldeia Missão Tiryó que funcionem como Centros de Formação e Documentação.

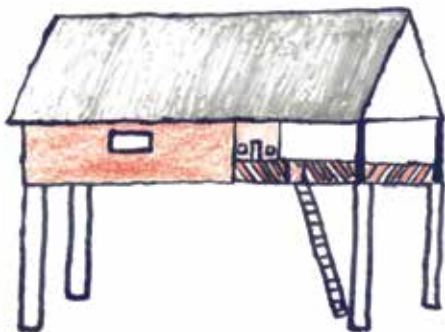
FORTALECIMENTO DA ARTICULAÇÃO POLÍTICA REGIONAL

Leste e Oeste

- Garantia de participação das Associações e lideranças em espaços de Gestão Compartilhada e Articulação Regional (Mosaico, Reuniões dos Conselhos Regionais da PNGATI, Conselhos de Unidades de Conservação, agendas socioambientais nas cidades, deliberações junto à Funai, SESAI, governo do Estado, interlocução com MPF, etc.);
- Fazer divulgação do trabalho dos produtos sustentáveis para o público, em diferentes meios (site, folheto, etc.);
- Divulgação e comercialização de produtos culturais: CD, DVD, fotos, livros de história, postais, artesanato, etc;
- Exigir os direitos de imagem e propriedade intelectual para produtos comercializados por outros.

MERCADO

Lado Leste



- Melhorar e ampliar os pontos de venda dos produtos Wayana e Apalai;
- Fazer divulgação do trabalho dos produtos sustentáveis para o público, em diferentes meios (site, folheto, etc);
- Fazer estudo de viabilidade do artesanato e outros produtos;
- Comercialização dos produtos culturais: CD, DVD, fotos, livros de história, postais, artesanato, etc;
- Apoiar e divulgar a produção sustentável para garantir a existência de recursos e agregar valor;
- Promover plano de projeto para criação de cantina na aldeia;
- Melhorar produção e comercialização do artesanato (matéria-prima, produção, transporte e armazenamento);
- Exigir os direitos de imagem e propriedade intelectual para produtos comercializados por outros.



Iori Linke

EIXO 3: TERRITÓRIO

POR QUE É IMPORTANTE?

Eu nasci na aldeia Missão Nova, onde morei por um tempo. Quando chegou o tempo da demarcação da terra, eu fui trabalhar junto, desde o início até o final. Em Kuxaré, eu encontrei com a minha irmã Valéria Paye. Ela disse: “Agora nossa terra está demarcada. E agora? O que vamos fazer? Eu vou te ajudar, mas você tem que ver o que é preciso fazer”. E continuou: “Você, como homem, tem que pensar bem, você tem que fazer o que é necessário. Então, pense bem num lugar para a gente fazer a nossa aldeia. Depois, veio o pessoal do PPTAL. E eles conversaram sobre o mesmo assunto. “Agora a terra está demarcada, e tudo depende de vocês. A área de vocês é muito grande e vocês precisam ocupar a área de vocês. Se vocês não ocuparem a terra, os não indígenas vão ficar de olho, querendo morar nessa área não ocupada”. Isso abriu meus olhos. E também, por outro lado, na Missão, a roça era muito longe, a caça, muito longe, os peixes, todos pequenos. Muito difícil de sustentar a minha família. E eu já tinha 2 filhos naquela época. Junto com isso, começou que não tínhamos mais apoio com os carros para ir pegar mandioca, a roça era muito distante. Aí, vendo tudo isso, eu me esforcei. Em novembro de 1997, viemos em 7 pessoas para ver onde daria para abrir a nossa aldeia. Aí quando vimos nesse ponto, eu gostei de morar aqui. Por conta disso, escolhemos esse lugar para morar. Em 2000, viemos todos para morar aqui de vez, e já estamos há 14 anos morando em Santo Antônio. Esse nome foi dado pelos não indígenas que passaram por aqui, porque disseram que quando passaram por aqui era dia de Santo Antônio, aí deram o nome do igarapé de Santo Antônio. Então eu dei o nome de minha aldeia de Santo Antônio também.

Celestino Kaxuyana / aldeia Santo Antonio
Lado Oeste

Tem muito trabalho para fazer. Eu não posso ficar esperando por alguém, pelos nossos parceiros. Nós mesmos podemos aprender como viver aqui no cerrado. Temos preocupação também com as florestas. Porque se a gente vai acabar com elas, a roça vai ficar mais longe, os animais vão ficar longe, não vai ter comida para os animais. É uma preocupação grande. É por isso que estamos pensando em plantar no cerrado.

Amisipa Kapai Tiryó / aldeia Urunai
Lado Oeste



A aldeia Yaherai é do Wareman. Ele é do Brasil, ele morava lá em cima, e depois seguiu para o Suriname, e depois que aconteceu a guerra civil naquele país ele voltou para o Brasil. Antes, ele estava morando na aldeia Bona, e ficou pensando em ir morar em outra aldeia. Ele ficou pensando e ficou preocupado porque a aldeia estava ficando cheia, e ele queria ter um lugar para criar seus netos. Então, ele subiu o rio e decidiu abrir a aldeia Yaherai. Agora a aldeia está grande, com população grande, ele não quer mais sair de lá. Não dá mais para sair de lá porque tem pista de pouso. Com a pista, é bom por conta das emergências de saúde, e por isso não se pode deixar agora essa aldeia Yaherai.

Bukal Aparai / aldeia Yaherai
Lado Leste

Nasci no Jari, de lá eu vim para cá, Rio Paru, quando eu ainda tinha uns 7 anos. Chegamos no Anatum, que era a aldeia do finado Araiba. Depois subimos até Juwarawainë, um poção que fica acima do Wapuhpan, hoje fora do limite da área. Depois fomos subindo até a aldeia do Aimore, Kurupëimë que fica entre Ananapiare e Anapuaka, onde ficamos por um tempo. Depois, meu pai (Xamore) e eu abrimos aldeia lá no Mëlulaimënë, que fica para cima de Anapuaka. De lá subimos até o Bona, porque a FAB juntou a gente aqui, para ficarmos todos juntos. Mas não deu certo porque tinha muita fofoca. Então saímos e abrimos Aramapuku em 1973, onde ficamos por um tempo, mais ou menos 5 anos. Depois voltamos para o Bona, e Aramapuku virou capoeira. Depois de um tempo, voltamos para lá e reabrimos a aldeia Aramapuku, em 2007. Fico morando lá e também no Bona. Tenho que ir no Bona porque tenho que pegar remédios e usar a pista.

Anakari Wayana / aldeia Aramapuku
Lado Leste



Iori Linke

Nos idos da década de 1990, a demarcação física das terras indígenas foi realizada por uma empresa contratada, e contou com uma participação reduzida dos povos e comunidades indígenas, que ficaram alheios à elaboração e planejamento da demarcação de seu território, cuja participação em campo resumiu-se à pontuais intervenções físicas através da abertura de algumas clareiras e picadas, e também no transporte de mantimentos e ferramentas durante o processo.

Desde há muito, o território tradicional dos povos indígenas do Complexo Tumucumaque é transitado por vários segmentos sociais e econômicos das franjas amazônicas. Fontes históricas e as narrativas indígenas dão conta que extrativistas das mais diversas drogas do sertão (plantas, raízes, sementes e ervas medicinais), balateiros, gateiros, garimpeiros, entre outros, se revezaram desde fins do século XIX pelos médios e altos cursos do Jari, Paru de Leste e Erepecuru. Mais recentemente, a partir do ano da homologação das duas terras indígenas (1997), são relatados encontros esporádicos com garimpeiros nos afluentes do rio Jari, notadamente nos braços do rio Ipitinga, limite mais oriental da TI Rio Paru d'Este e também ao sul do limite desta TI, já nos interiores da REBIO Maicuru. Também já foram encontrados invasores nas regiões sudoeste da TI Parque do Tumucumaque, na confluência do rio Marapi com o Erepecuru e, ainda, garimpeiros nas imediações da Missão Tiriyo, extremo norte da TI, provavelmente vindos do Suriname.

Muitos são os desafios dos povos indígenas das TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este sobre a integridade de seu território. Entre eles, destacam-se a recorrente aproximação de garimpeiros, sendo que há garimpos continuamente reativados próximo ao entorno das Terras Indígenas. Aliado a isso, há um grande desconhecimento das comunidades sobre os limites físicos de seu território, e uma desconfiança generalizada que muitos invasores se enquadram nessa posição por não terem referências de onde começa e onde termina a TI e, talvez, a maioria nem saiba que há terras indígenas, ou outras áreas protegidas por lei na região.

Assim, os maiores problemas enfrentados são, justamente, a carência de ações periódicas e frequentes de vigilância e fiscalização, especialmente em pontos estratégicos que são notoriamente conhecidos como portas de entrada para os invasores (garimpeiros): os limites da TI Rio Paru d'Este, no extremo leste no rio Ipitinga, no extremo sul igarapé Mopeku; no extremo sul da porção oeste da TI Parque do Tumucumaque, na confluência do rio Marapi com o Erepecuru. Adicionalmente nestes pontos já não há indicativos físicos, como placas, explicitando se tratar de uma área protegida por lei.

A situação das pistas de pouso, que foram deixadas à sorte dos cuidados das comunidades, é a principal demanda. Falta manutenção adequada a todas elas, com exceção da pista da Missão Tiriyo, que é mantida pelas Forças Armadas. Todo o restante das pistas está com documentação vencida ou sequer possui qualquer documento que as regularize para o uso.

Outro problema é que o sistema de comunicação que conecta as terras indígenas, e estas às cidades, é falho. Há problemas com boa parte dos aparelhos de radiofonia, e algumas aldeias, as mais recentes, ainda não possuem nenhum rádio. Também falta manutenção periódica nos aparelhos e, principalmente, nas instalações das antenas, sendo que uma grande parte delas não está instalada adequadamente para o uso das frequências que são utilizadas na região. Outra preocupação constante são as obras e empreendimentos que cada vez mais se aproximam das Terras Indígenas. Por conta disso, é importante a organização e mobilização em torno de protocolos de consultas próprios. Outro ponto diagnosticado é a problemática do lixo que vem se acumulando nas aldeias: embalagens plásticas e, principalmente, pilhas descartadas pelo chão.

Para que um trabalho de proteção territorial frutifique, é necessário que haja mobilização, comunicação e mobilidade entre as comunidades e entre as Terras Indígenas e os órgãos competentes pela fiscalização e proteção territorial: Funai, Polícia Federal, Forças Armadas e MPF. Diante da ameaça constante de invasão por garimpeiros e do desconhecimento da área total e dos limites das terras indígenas por seus habitantes, tornou-se fundamental implementar um trabalho que garanta a integridade física do território protegido.

Por conta disso, o maior desafio é a consolidação da demarcação e o reconhecimento coletivo da área, através da implementação de um sistema de proteção territorial que integre ações de vigilância e monitoramento, colocando para funcionar uma rede de comunicação entre as aldeias e as cidades. Outras ações englobam: proceder com manutenção e a regularização das pistas de pouso; executar a limpeza e o emplacamento de pontos estratégicos; promover a formação e capacitação para a apropriação de ferramentas de cartografia; evidenciar os limites das terras indígenas em pontos estratégicos. Tudo isso com a participação ativa das comunidades indígenas.



DIAGNÓSTICO/DESAFIOS ENCONTRADOS/PREOCUPAÇÕES

Para os povos do Complexo Tumucumaque, os processos baseados em estratégias governamentais de aldeamentos centralizadores e sedentarizadores em torno de aldeias-pólo são relativamente recentes dentro de uma retrospectiva histórica de uso e ocupação territorial. Vemos que há apenas 20 anos as Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este foram demarcadas e homologadas dentro desse novo contexto de reconhecimento do direito originário dos povos indígenas ao usufruto exclusivo de suas terras, com vistas à reprodução de suas próprias formas de territorialidade, a partir da promulgação da Constituição Federal Cidadã de 1988, que ainda não completou 30 anos de vigência. Assim, muito embora haja um forte movimento de reocupação de seus territórios tradicionais – que se traduz na grande quantidade de aldeias abertas nos últimos 20 anos –, hoje, boa parte das populações indígenas do Complexo Tumucumaque permanece vivendo nas proximidades, ou em função das aldeias Missão Tiriyo (que concentra 50% do total da população do lado oeste) e Bona (ou PIN Aparai, onde está cerca de 30% do total da população do lado leste). Nessas regiões, um aldeamento artificialmente centralizador e insustentavelmente sedentarizante continua a repercutir em questões materiais e espaciais, como na produção de alimentos, no extrativismo e na coleta. Para além, as populações indígenas do Complexo Tumucumaque, assim como a média dos demais povos indígenas do país neste último decênio, obtiveram taxas de crescimento vegetativos bastante superiores àquelas do restante da população do país. Não somente na Missão Tiriyo ou no Bona, nas demais aldeias muito populosas, muito próximas entre si, ou ainda as que já são muito antigas, já de longa data se observa a crescente escassez de caça, de pesca e de locais ideais para abertura de roças, assim como o aumento da incidência de pragas, a dificuldade encontrada nas atividades de coleta de recursos necessários à construção de casas, canoas, arcos, remos, etc., a dificuldade na coleta de frutas silvestres, cipós, de remédios tradicionais, de mel silvestre, e também no extrativismo de matérias-primas utilizadas no artesanato, como o arumã e o marámará, para citar alguns exemplos. Por estes motivos, têm sido buscadas experiências de manejo, criação e uso sustentável dos recursos naturais, pois estão diretamente ligadas à garantia do bem viver para as atuais e futuras gerações.

PROTEÇÃO TERRITORIAL

Leste e Oeste

- O Controle e a Proteção Territorial da TI Parque do Tumucumaque e da TI Rio Paru d'Este objetiva garantir a integridade física e a proteção da totalidade dessas terras contra invasões em seus limites, aliando ações de fiscalização por parte dos órgãos competentes ao monitoramento e vigilância do território realizados pelas próprias comunidades locais;
- Expedição aos limites das terras indígenas: limpeza, emplacamento de pontos estratégicos e manutenção dos marcos demarcatórios;
- Garantir que as ações de monitoramento territorial contem com a participação das comunidades indígenas;
- Trabalhar em parceria com os órgãos governamentais responsáveis pela proteção territorial: Funai, Polícia Federal, SEMA/AP, Forças Armadas, MPF, Ideflorbio/PA;
- Formação e capacitação em proteção territorial: legislação, cartografia (uso de GPS, construção e interpretação de mapas, etc.), manutenção em equipamentos (motor de popa, radiofonia, etc.);
- Articulação com os órgãos governamentais que executam as políticas indigenistas para que se adaptem e respeitem a nossa mobilidade territorial tradicional;
- Construção de casas multiuso que servirão como bases para controle, vigilância e apoio às equipes que realizarão as viagens aos pontos mais vulneráveis das terras indígenas;
- Construção de embarcações (canoas) para o transporte de pessoas e equipamentos durante as viagens de vigilância territorial;
- Instalação de placas solares para garantir o funcionamento dos rádios nas aldeias;
- Fazer gestões junto à Funai para a realização de ações e projetos de fiscalização e vigilância, de acordo com os direitos indígenas;
- Projetos de monitoramento territorial (reavivamento dos limites/ postos/ aldeias de vigilância).

INFRAESTRUTURA COMUNITÁRIA

Leste e Oeste

- Instalação e manutenção de aparelhos de radiofonia em todas as aldeias, para funcionamento de uma rede de comunicação entre as aldeias;
- Instalação de internet nas aldeias para comunicação entre estas e as cidades;
- Construção de postos de vigilância nos limites das terras indígenas;
- Construções de casas nas aldeias para o armazenamento de bens, insumos e equipamentos que serão utilizados nas ações de vigilância;
- Construção de canoas para vigilância itinerante pelos limites;
- Abertura de novas aldeias nos limites para vigilância;
- Manutenção e regularização das pistas de pouso das Terras Indígenas;
- Expedição aos limites das terras indígenas: limpeza, emplacamento de pontos estratégicos e manutenção dos marcos demarcatórios.



Lado Leste

- Fazer gestões para que o governo faça vôos regulares para apoiar a comunidade (aposentadoria e compras).

Lado Oeste

- Abertura de novas pistas de pouso: Castanhal, Maritepu e Santo Antônio;
- Depósito para guarda de material (fiscalização).



LIXO

Leste e Oeste

- Vamos fazer pesquisa sobre a situação de acúmulo de lixo em nossas aldeias para nos ajudar a entender melhor o problema;
- Precisamos de transporte para a retirada do lixo tóxico. Fazer acordos para que órgãos governamentais responsáveis se envolvam;
- Projetos de descarte e retirada apropriada de lixo;
- Vamos desenvolver coleta seletiva de lixo, onde para cada tipo de lixo vamos dar um fim apropriado;
- Vamos construir fornos para queimar lixo que pode ser queimado;
- Vamos desenvolver e produzir materiais, como cartilhas, cartazes, campanhas, entre outros, para conscientizar a população sobre os problemas que o lixo causa;
- Proposta de oficinas futuras que tratem especificamente do lixo;
- Vamos fazer pesquisa sobre a situação do acúmulo de lixo em nossas aldeias para nos ajudar a entender melhor o problema;
- Vamos desenvolver coleta seletiva de lixo, onde para cada tipo de lixo vamos dar um fim apropriado;
- Vamos organizar oficinas para tratar sobre o problema do lixo e nos ajudar a desenvolver as atividades para manter as aldeias limpas.





EIXO4: MANEJO E USO SUSTENTÁVEL DOS RECURSOS

POR QUE É IMPORTANTE?

Nós, professores Tiriyo e Katxuyana, com as lideranças e comunidades, pensamos sobre a coleta dos produtos da roça e como cuidar desses produtos. Hoje em dia, ainda existem vários alimentos tradicionais na aldeia e na mata, por isso nós queremos cuidar dos produtos que nós temos na nossa terra e na nossa aldeia, para que não acabe no futuro. Também não queremos acabar com as árvores frutíferas no mato, pois são muito importantes para nós e para nossos filhos também. Na nossa terra, existem muitos animais como peixes, caça e outros bichos que nós usamos para nossa comida. Por isso nós professores achamos que é muito bom que nós, indígenas, fiquemos de olho na nossa floresta. A floresta que nós temos na nossa aldeia é para nós mesmos usarmos para fazer roça, plantar, caçar e pescar. Nós estamos começando a criar nossa lei para não entrar o branco na nossa terra e para preservar tudo que nós temos aqui.

Alcino, Mauricio, Sanare
Jornal dos professores Tiriyo e Kaxuyana, n.4, 2011
Lado Oeste

Deixamos de tirar uma tala, mas vale a pena porque ela vai crescer e virar um monte de outras talas, assim o arumã não vai acabar nunca.

Jamae Wayana/ Aldeia Xuixuimene
Lado Leste

Hoje tem que cuidar de tudo que a gente está tirando da floresta. Antigamente não precisava preocupar. Se precisava de arumã era só entrar no mato e pegar. Hoje não. Tem cesto que é feito para vender e cesto para usar, para dar para a mulher. As aldeias estão muito grandes, as pessoas estão nascendo e ficando tudo velho na mesma aldeia, parado. Antigamente os indígenas ficavam mudando toda hora de lugar. Acho que é por isso que os recursos não acabavam.

Amiakaré Aparai
Lado Leste

CONTEXTUALIZAÇÃO

Nas discussões sobre este PGTA, ficou decidido pela experimentação do manejo de recursos naturais com algumas técnicas de fora que, adaptadas aos nossos contextos locais, se darão dentro de uma relação de diálogo e valorização com os conhecimentos tradicionais. Serão feitos mapeamentos de áreas importantes de concentrações de algumas espécies que vivem juntas na floresta pensando na sua proteção e no futuro, enquanto “poupanças” de recursos. Também serão desenvolvidos estudos e pesquisas com algumas espécies selecionadas para um melhor entendimento sobre como crescem, quando florescem e quando frutificam. Serão coletadas sementes e mudas com o objetivo de experimentar o método de banco de sementes (*germoplasma*) e viveiro de mudas, quando será possível promover ações de troca e distribuição dessas sementes e das mudas entre as aldeias. Para que todos esses estudos, experimentos e pesquisas aconteçam, é muito importante que haja cursos de formação e capacitação sobre esses temas.



Lado Oeste

- Ampliar os esforços para as práticas de manejo tradicional para coleta, floresta, capoeira: Oroientu, Paruwaka, Taratarafë, Tukumã, Kuxare, Maritepu, Urunai, Yawa, Pedra da Onça;
- Assegurar assessoria técnica em conformidade com a Assistência Técnica e Extensão Rural para as comunidades interessadas;
- Realizar estudos técnicos para viabilizar cadeias produtivas da sociobiodiversidade.

Leste e Oeste

- Apoiar as atividades produtivas e consolidação de cadeias produtivas de produtos da sociobiodiversidade;
- Implementar projetos de manejo de produtos da sociobiodiversidade: açaí, bacaba, andiroba, copaíba, aru-mã, castanha, etc. (Técnicas de cultivo e processamento);
- Implementar Projetos Comunitários Locais de manejo e uso sustentável de recursos naturais.

Lado Leste

Estamos preocupados com nossas florestas. Algumas árvores que usamos para fazer coisas muito importantes para nós estão ficando cada vez mais longe e isso as torna muito difíceis para serem encontradas. Por isso nós decidimos que vamos cuidar de nossas árvores, e para isso decidimos começar pelas seguintes espécies: Ubim, Mamiri, Açaí, Pau-d'Arco, Toto, Mirimi, Kumu, Maramará, Castanha do Pará, preciosa.

- Vamos tentar fazer o plantio de todas estas árvores por conta própria;
- Vamos tentar plantar árvores perto das nossas casas;
- Vamos mapear, marcar e monitorar as melhores árvores próximas da aldeia para entender seu desenvolvimento;
- Vamos criar banco de sementes dessas árvores;
- Vamos proteger os açazais da floresta e plantar açazais próximos de nossas aldeias;
- Vamos apoiar e desenvolver o projeto de resgate cultural sobre os conhecimentos tradicionais sobre o arumã.

Lado Oeste

- Ampliar os esforços para as práticas de manejo tradicional para caça e pesca.



Acervo Iepé

Lado Leste

- Vamos fazer pesquisa da época de reprodução de todas as espécies de peixes que pescamos, com isso será possível entender quando os peixes estão com ovos. Vamos também fazer pesquisa para entender onde os peixes costumam pôr seus ovos e, com este conhecimento, manejar a pesca de maneira sustentável, para que sempre tenha peixe;
- Vamos tentar fazer pesquisa sobre a época exata de reprodução de cada espécie de caça. Com isso, vamos poder saber exatamente quando alguns animais colocam ovos ou quando as fêmeas estarão grávidas. Queremos proteger e criar sistemas de manejo para que a caça continue farta e próximas das aldeias;
- Vamos mapear os locais de postura dos ovos (tabuleiro) e vamos pesquisar maneiras de garantir que todos os tipos de animais irão se reproduzir em quantidade, principalmente os animais mais importantes para nossa alimentação: *aliwe / xihtyky* (jacaré-coroa); *aliweku-lu / kururu* (jacaré-tinga); *ololi / zuanã* (iguana); *puhpu / purupuru* (tracajá); *purotohka / kurarawa* (muçuã).

- Construção de um calendário agrícola por aldeia/região para a sistematização dos gêneros alimentícios disponíveis e possíveis de serem comercializados pelas famílias ao longo do ano. Este cenário poderá ser útil para o monitoramento e mensuração do manejo produtivo e segurança alimentar das aldeias;
- Apoiar jovens experimentadores indígenas para reprodução de cultivares de outros povos indígenas para posterior distribuição. Serão introduzidas sementes crioulas de outros povos dos quais as comunidades indígenas do Tumucumaque já manifestaram o desejo do plantio, para obtenção de uma maior variedade: milho, arroz, feijão, melancia, abóbora, batata, macaxeira, pimenta, dentre outras;
- Apoio à implementação de roças nas escolas das aldeias;
- Acesso ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE):
 1. Garantir a possibilidade da aquisição de gêneros alimentícios diretamente das comunidades indígenas para integrar parte da merenda escolar (mínimo de 30%) destinada às escolas indígenas da Terra Indígena Parque do Tumucumaque e Terra Indígena Rio Paru d'Este, de acordo com o que estabelece a legislação vigente;
 2. Assessoria Técnica para garantir a emissão da declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP), documento necessário para a realização da comercialização dos gêneros alimentícios destinados à merenda escolar;
- Apoiar a implementação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) eficientes, com a diversificação da produção dos quintais (incentivo ao plantio de frutíferas);
- Apoiar a diversificação das roças (prática de policultivo) e a inserção de novas espécies e/ou novas variedades de espécies;
- Adquirir sementes (tradicionais ou crioulas) e ferramentas para subsidiar as atividades de diversificação de roças e implantação dos SAF's. Garantir a compra de sementes crioulas, prioritariamente, de outros povos indígenas;

- Apoiar as atividades produtivas e consolidação de cadeias produtivas de produtos da sociobiodiversidade;
- Assegurar técnica em conformidade com a Assistência Técnica e Extensão rural aos povos indígenas das TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este.

Lado Oeste

- Apoiar projetos relacionados com novas técnicas de fora junto com técnicas tradicionais de manejo.





Iori Linke

- Vamos buscar por auxílio técnico pontual sobre determinada plantação, que esteja com dificuldade de produção, mas que não interfira nem altere nossa forma totalmente orgânica de produção agrícola;
- Apoiar a melhoria da produção de alimentos nas aldeias;
- Capacitação para produzir na nossa área aquilo que é trazido da cidade.

Piscicultura: já houve experiências passadas com criação de peixes, mas infelizmente, nenhuma destas durou muito tempo. A criação de peixes é algo novo, antes os antigos não a praticavam, e, por causa disso, é muito difícil compreender como a piscicultura funciona. Por estes e outros vários motivos, ficou decidido que futuras criações de peixes só poderão ser instaladas se seguirem as seguintes regras:

- O local dos tanques deverá ser definido sempre com o aval da comunidade;
- Apenas serão criadas espécies nativas da região. Não serão autorizadas a criação de espécies exóticas, peixes de fora;
- Deverá haver acompanhamento técnico especializado em todas as etapas da criação;
- Algumas pessoas da comunidade deverão receber treinamento técnico para poderem se responsabilizar pela criação.

Meliponicultura: é muito importante desenvolver experiências de criação de abelhas nativas sem ferrão de forma comunitária.

Apicultura: serão realizados estudos de viabilidade econômica, social e ambiental sobre a criação de abelhas de espécies de fora, que foram introduzidas por parceiros em projetos que já acabaram.

Lado Oeste

Gado: Pesquisar alternativas de manejo do gado existente na área das aldeias Ponoto, Taratarafë, Tukumã, Urunai e Yawa.







Iori Linke

EIXO 5: ATENDIMENTO À SAÚDE

POR QUE É IMPORTANTE?

O pessoal da saúde tem que entender que nós somos a roça dos brancos, que eles estão aqui para trabalhar com a gente.”

Jovens e lideranças da Missão Tiriyo
Lado Oeste

A gente não sabe como controlar as pragas, antes o pajé sabia ajudar a controlá-las, mas hoje não. Antigamente, se nossos filhos adoeciam a gente corria para o pajé. A equipe da Funasa veio querer saber que doença tem aqui, mas como a gente vai saber se essa doença que está atacando as crianças veio de lá? Hoje, quando a doença chega da cidade, todos pegam. O catarro, a gripe vêm da cidade. Antes a gente adoecia, mas não espalhava a doença para as outras pessoas.

Manoel Moí Tihta Kahyana / aldeia Pedra da Onça
Lado Oeste

Valorizar as práticas de medicina tradicional (remédios e rezas) nas aldeias para não depender somente da medicação dos não-índios. Convidar os mais velhos para irem à escola ensinar e passar conhecimento para os alunos e professores. Precisamos colocar o assunto de medicina tradicional na disciplina de ciências.

Jornal dos professores Tiriyo e Kaxuyana, v. 3, 2011
Lado Oeste

Ver os parentes com doenças, perdendo partes do corpo, fez eu e meus colegas pensarmos muito. Não podemos exagerar no consumo dos alimentos perigosos para não acontecer o que está ocorrendo com outros povos indígenas. Por isso, temos que controlar, dar informação para as crianças e para os parentes.

Meksi Tiriyo, aldeia Maypurimë Cachoeirinha
Lado Leste

Estamos estudando sobre o nosso futuro, para que possamos ter alguns dos nossos filhos com conhecimento nas áreas de saúde, como: AIS, técnico em enfermagem, enfermeiro, médico, odontólogo, microscopista. Temos medicamentos tradicionais, mas precisamos estudar mais com os anciões.

Grupo de mulheres participantes de oficinas em 2016
Lado Leste



CONTEXTUALIZAÇÃO

Como é sabido, antigamente, nas aldeias, a saúde, o atendimento aos enfermos, era tradicional: havia pajé, havia os remédios naturais. Depois veio a Funai e começou a entrar no cotidiano das aldeias o uso dos remédios de fora. É importante salientar que sempre houve barreiras na comunicação, já que os médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem não indígenas que trabalham com os povos do Complexo do Tumucumaque não falam as línguas indígenas, e não há dentro de sua formação profissional os jeitos e as formas próprias dos povos indígenas em lidar com as doenças. As formações de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) que foram contratados para auxiliar nos postos de saúde das aldeias se deu tardiamente.

Depois da Funai, veio a FUNASA e, depois, a SESAI. Hoje em dia o serviço de atendimento à saúde no Complexo do Tumucumaque é executada pelo DSEI Amapá e Norte do Pará, cuja sede fica em Macapá.

De acordo com o diagnóstico socioambiental realizado em 2014, apenas um posto de saúde, a da aldeia Matawaré, foi construído com recursos próprios da FUNASA ou SESAI. Alguns postos são reaproveitamentos de construções antigas da Funai, dos extintos Postos Indígenas. O posto da Missão Tiriyo foi construído pelos missionários franciscanos, com apoio da FAB. Todo o restante foi construído pelas comunidades, sem nenhuma contrapartida da FUNASA ou SESAI.

De acordo com esse mesmo diagnóstico, os postos de saúde presentes são inapropriados, pequenos, mal equipados, com baixa variedade e quantidade de medicamentos, isso sem contar que, em muitos postos, foram encontrados medicamentos já vencidos. Em suma, eles não atendem às necessidades das comunidades.

Na maior parte dos postos de saúde, não fica um técnico de enfermagem não indígena responsável. Os AIS existentes são insuficientes para cobrir toda a área, e algumas aldeias não possuem nenhum profissional de saúde residente da aldeia. A presença de médicos para atendimento nas aldeias é uma novidade dentro da última década, e eles estão baseados apenas nas duas aldeias centrais, Missão Tiriyo e Bona. Há muita reclamação de que os profissionais de saúde têm muita dificuldade, talvez por falta de estrutura e insumos, ou talvez por falta de vontade e preparo, de saírem de suas aldeias para proceder com visitas itinerantes pelas aldeias. Há também a reclamação de que falta formação apropriada aos profissionais não indígenas de saúde para lidarem com as particularidades dos povos indígenas e das vicissitudes que podem enfrentar no desenrolar do trabalho em uma Terra Indígena.

Este mesmo diagnóstico apontou que os povos indígenas já sofrem, há muito tempo, com a presença constante de problemas com doenças infectocontagiosas, especialmente a gripe e leishmaniose. Igualmente foram registrados constantes problemas de saúde relacionados à falta de saneamento básico. Para além, nos últimos anos, muitos indígenas começaram a apresentar problemas de saúde crônicos, como a hipertensão e a diabetes adquirida, talvez devido ao consumo não consciente, exagerado e desregrado de sal e açúcar, respectivamente.

Apesar de ter sido levantado a alta frequência com que acontecem acidentes com picadas de serpentes, não há em nenhum posto, nem mesmo nas aldeias centrais Missão Tiriyo e Bona, soro antiofídico. Qualquer acidente desse tipo, assim como qualquer piora no quadro de um paciente, o único caminho planejado é sua remoção, por fretamento de aeronave, para a CASAI em Macapá onde, alega-se, os pacientes ficam por mais tempo que o necessário, esperando pelo retorno às suas aldeias.

ACORDOS FIRMADOS E AÇÕES PROPOSTAS Leste e Oeste

Nossas propostas são no sentido de reivindicarmos melhorias deste serviço que é público e de obrigação estatal. Nossas principais reivindicações são:

- Melhorias e reformas nos postos de saúde;
- Equipagem dos postos de saúde (incluindo medicamentos);
- Formação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS);
- Regularização dos contratos dos AIS;
- Projetos de Medicina tradicional para uso de remédios tradicionais;
- Garantir água boa (potável) nas aldeias;
- Garantir a melhora no atendimento nos postos de saúde nas aldeias e aumentar a cota de combustível para deslocamento dos AIS, medicamentos e pacientes;
- Aumentar a cota de remédios dos pólos para o abastecimento das demais comunidades;
- Melhorar o atendimento na Casai e dar celeridade nas consultas;
- Conseguir um odontólogo para Casai;
- Garantir a continuidade de formação e qualificação dos AIS e Aisan e a contratação de substitutos para os AIS.



EIXO 6: EDUCAÇÃO ESCOLAR

POR QUE É IMPORTANTE?

Antes não tinha escola. Nossa escola era em casa, na aldeia. Nossos professores eram nossos pais, mães, avós. As moças ficavam juntos das mães, das avós e das irmãs. Os rapazes ficavam com os pais e os avós, e, quando já casados, com os cunhados e com o sogro. Era com eles que se aprendia. Aprendíamos vendo, perguntando para quem sabe e tentando junto, aprendíamos na prática. Mas também na teoria, nas rodas de conversa na beira do fogo, durante os preparativos dos rituais e nos rituais.

Lideranças e jovens participantes da formação em Gestão Ambiental e Territorial
Lado Leste

Sou quase o último velho mais velho dos Aparai. Tenho 88 anos, conforme a Funai anotou. Tenho experiência muito grande para meus netos e filhos, para aconselhá-los. Só que tem um porém: alguns netos, bisnetos, não vem falar comigo sobre os antigos, as histórias, os conhecimentos que tenho. O que está acontecendo hoje: os mais velhos aprenderam com os seus pais, e é importante que os jovens aprendam.

Hoje em dia, tem que aprender os dois: tradição indígena e não-indígena. Aprender e falar sobre seus direitos e culturas. Aprender o artesanato. É importante que vocês aprendam com os velhos. Depende de vocês, se vocês estão interessados em aprender. Depende de vocês. Outra coisa, é aprender a língua portuguesa. É preciso saber as duas línguas: português e a do seu povo.

Paxina Poty Aparai, 88 anos / aldeia Ananapiré
Lado Leste

Os professores não-índios precisam fazer cursos para se preparar para trabalhar nas nossas aldeias. Um professor não-índio que não conhece a realidade dos povos indígenas não consegue fazer um bom trabalho. Eles precisam ficar mais tempo nas aldeias e conhecer a nossa realidade, têm que entender a nossa história. Os professores não-índios têm que apoiar e orientar os professores indígenas.

Jornal dos Professores Tiriyo e Kaxuyana, v.3, 2011
Lado Oeste

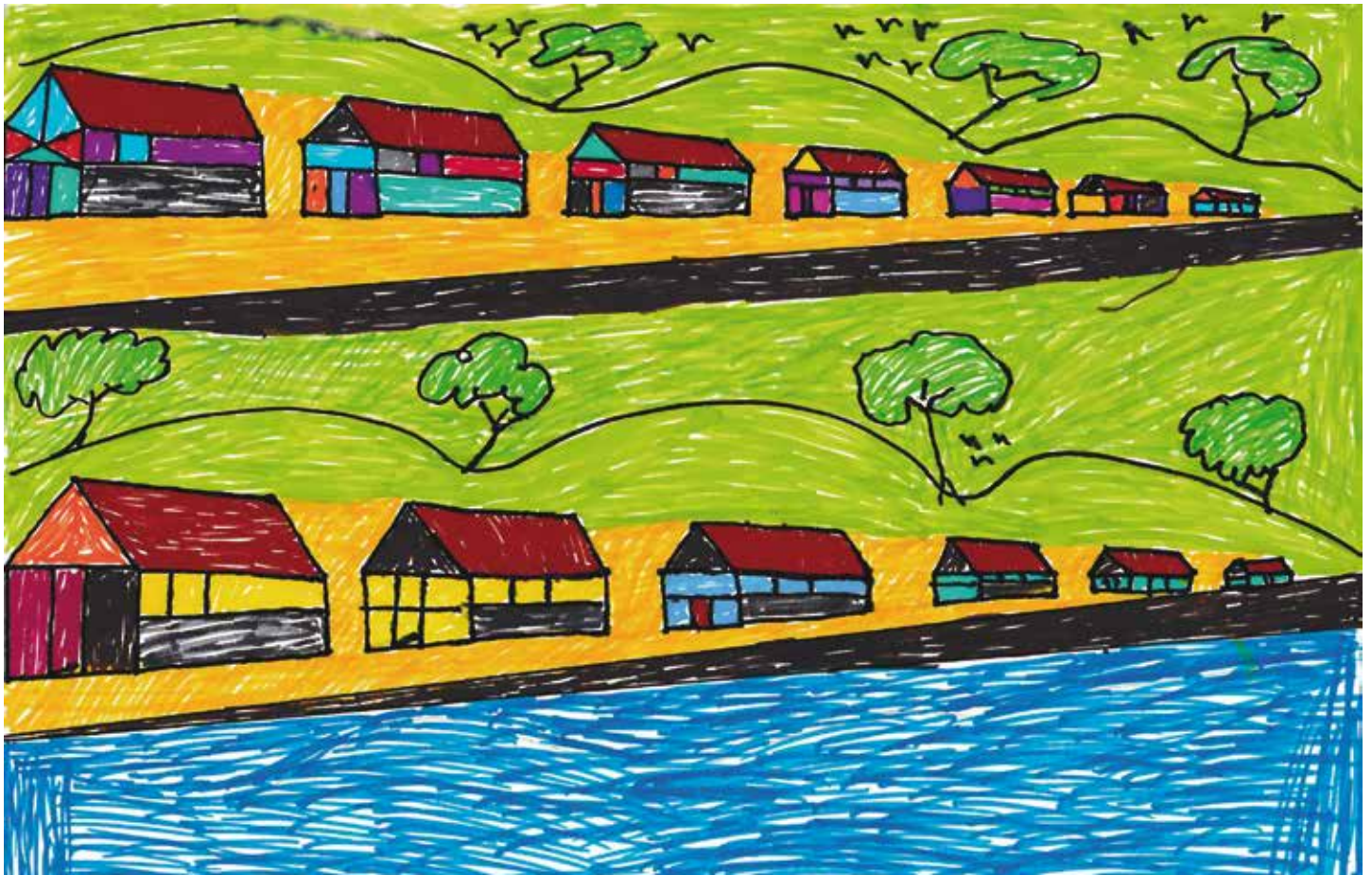
Os professores indígenas Tiriyo e Kaxuyana orientam os alunos na sala de aula e também fora da escola. Por que é importante a educação escolar? Educação escolar é importante para os jovens e crianças indígenas aprenderem a ler e escrever na língua materna na nossa aldeia. Também é importante para os jovens e crianças indígenas ler e escrever na língua portuguesa. Se os jovens e crianças aprendem muito, um dia eles vão ficar como enfermeiro e professor, entre outras profissões. Os jovens indígenas têm que estudar na sala de aula e fora da escola, para lutarem por nossa aldeia e nossa terra, para que saibam melhor falar em língua portuguesa. Assim, é importante a educação escolar para os jovens e crianças indígenas na nossa sociedade.

Jornal dos Professores Tiriyo e Kaxuyana, v.1, 2010
Lado Oeste

Tem que fazer livro sobre arumã para usar na escola, e também para a gente ler quando der vontade. A escola não tem material na nossa língua, só na língua do karaiwa (não indígena), só fala das coisas do karaiwa, coisas das cidades, não fala das coisas de Wayana, de Aparai, não tem história dos Wayana, dos Aparai.

Axiwae Wayana
Lado leste

CONTEXTUALIZAÇÃO



A escola nas aldeias, do jeito que se dá hoje, é algo bastante recente na vida dos povos indígenas do Complexo do Tumucumaque. Este modelo foi levado pelos não indígenas a partir dos anos da década de 1980. Primeiro com os missionários, depois com a Funai, e por fim, com a Secretaria de Educação do Governo do Amapá.

No último diagnóstico realizado em 2014, foi levantado um total de pouco mais de 750 alunos na região oeste, e 500 na região leste do Complexo do Tumucumaque.

No mesmo diagnóstico foi apontado que não havia escola em todas as aldeias. Das escolas que foram construídas, a maior parte se ergueu graças aos esforços da própria comunidade que as fizeram com suas próprias mãos. Algumas escolas foram construídas pelos freis franciscanos, como as que estão em algumas aldeias do rio Marapi, afluente do Erepecuru. A escola da Missão Tiriyo foi construída pelas Forças Armadas. Uma minoria foi com recursos

do Governo do Estado do Amapá (GEA). Até pouco tempo atrás, havia um projeto do Governo do Amapá para construir escolas novas nas aldeias do Complexo do Tumucumaque. Contudo, o projeto terminou sem que nenhuma escola fosse entregue totalmente acabada. Na maioria das aldeias sobraram apenas estruturas abandonadas, testemunhas de promessas não cumpridas. No geral, as escolas existentes são pequenas, deterioradas, inseguras e desconfortáveis para os alunos. Enfim, inapropriadas para o uso e precisam urgentemente de reformas, ou até mesmo ser substituídas por novas.

Não há professores indígenas em todas as aldeias. As aldeias mais populosas têm escola e diretor, mas boa parte das aldeias menores não possui sequer professor. Só as aldeias maiores recebem visitas de professores não indígenas, o que se dá por poucos meses no ano. Foram relatados muitos problemas com esses professores no que diz respeito ao aprendizado. Os professores não indígenas ministram aulas e cursos sem terem tido qualquer formação específica para trabalhar com povos indígenas. Ademais, os materiais didáticos utilizados nas salas de aula pelos professores não indígenas não são diferenciados, sendo os mesmos que circulam pelas escolas de Macapá.

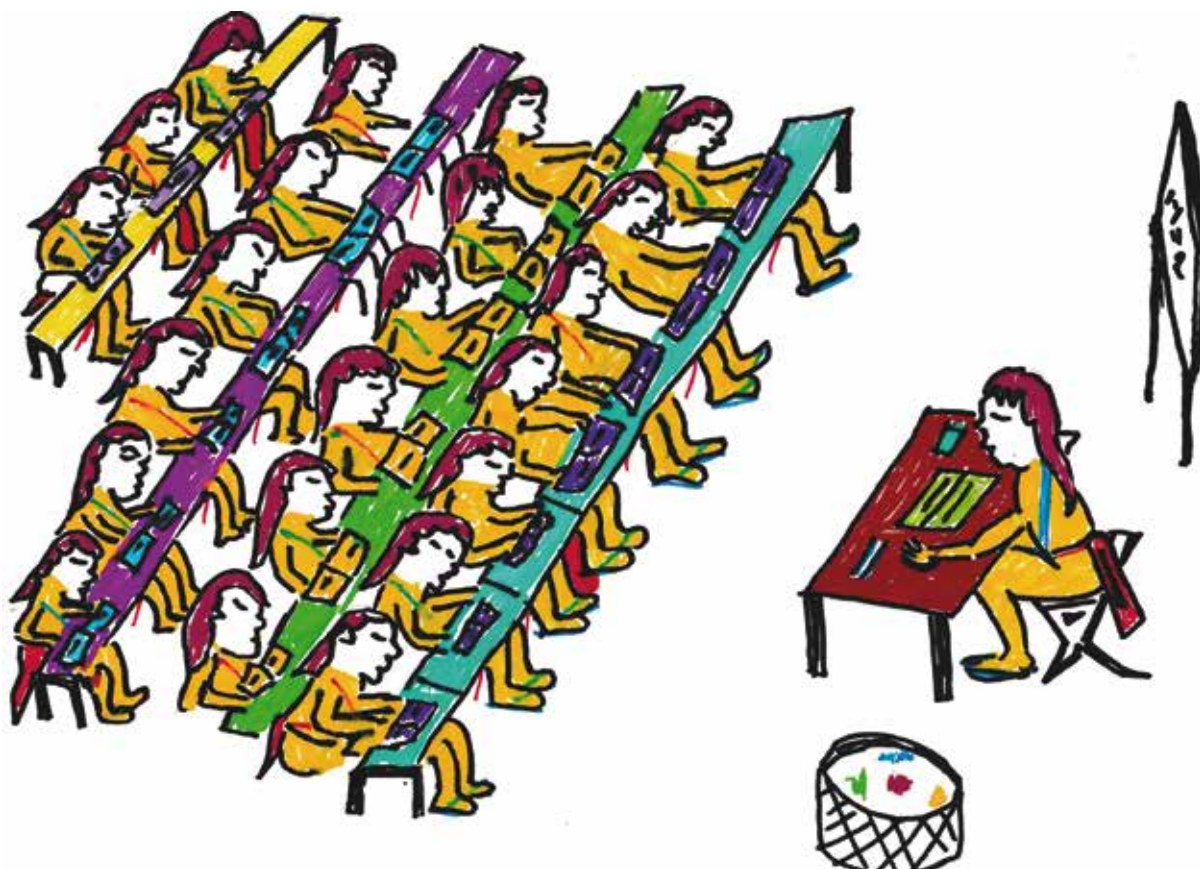
Por outro lado, a alfabetização da língua materna é feita pelos professores indígenas. Nos últimos anos, alguns materiais paradidáticos diferenciados para uso na escola foram produzidos pelos professores indígenas em parceria com o Iepé e o Museu do Índio, como as cartilhas de alfabetização nas línguas wayana, aparai, tiriyo e katxuyana. Contudo, apesar desses tímidos avanços, até o presente não foram elaborados Projetos Político-Pedagógicos próprios e diferenciados para as escolas indígenas.

Na prática, o ensino ofertado vai até, no máximo, a 4ª série do ensino fundamental. Não há ensino médio nas Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este. Por conta disso, muitos jovens estão deixando as aldeias para continuar seus estudos nas cidades, especialmente Macapá. Apesar de naquela cidade também estarem presentes as associações, casas de apoio, Casai, a Funai e o Iepé, os estudantes indígenas encontram grandes desafios. Como eles próprios costumam dizer, a vida na aldeia é diferente da cidade, onde tudo é comprado com dinheiro. Os jovens que se deslocam para Macapá visando continuar seus estudos dizem sofrer muito na adaptação. Como o transporte de volta para a aldeia, onde realmente moram, é feito unicamente através de onerosos fretes aéreos, é comum que estes alunos fiquem na cidade por mais tempo do que gostariam.

Pensar em um novo projeto de escola, com Projeto Político Pedagógico (PPP) próprio, que seja pautado no respeito às línguas e aos costumes, e valorize os conhecimentos e as formas de produzir e transmitir esses conhecimentos.

ATIVIDADES DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

- Formação regular e continuada dos professores indígenas (cumprir o calendário das etapas da formação, adequar a formação à realidade dos nossos professores indígenas, organizar bem a logística de cada etapa);
- Formação dos professores não indígenas que garanta que venham bem preparados para conviver nas nossas aldeias e ensinar nas nossas escolas;
- Construção de Projetos Político-Pedagógicos que respeitem nossos costumes e valorizem nossa cultura, línguas, conhecimentos e as formas de transmitir esses conhecimentos.



INFRAESTRUTURA E MATERIAL ESCOLAR

- Construir escolas nas aldeias onde ainda não há escola, e fazer manutenção nas escolas existentes;
- Mandar material escolar para a Terra Indígena no tempo certo;
- Se professor não índio não vem, mandar material assim mesmo, pois os professores indígenas precisam do material;
- Mandar combustível para transporte do material até as aldeias sem pista de pouso;
- Fazer armário bom para guardar material escolar para todas as escolas (armários podem ser feitos nas aldeias);
- Colocar mapas, material didático do MEC (livros e vídeos) e outros como parte do material em todas as escolas;
- Colocar energia elétrica em todas as escolas;
- Colocar internet em todas as escolas;
- Colocar bons equipamentos em todas as escolas, como computadores, quadros, móveis, TV, DVD, e outros;
- Colocar alunos indígenas no Programa 1 computador por aluno.

MERENDA ESCOLAR

- Comprar parte dos alimentos para merenda escolar das pessoas nas aldeias (ver PNAE);
- Para a parte dos alimentos da merenda que comprar na cidade: comprar com prazo de validade grande e mandar logo para as aldeias; transportar a merenda para a Terra Indígena; mandar combustível para transporte da merenda até as aldeias sem pista de pouso; não deixar merenda estragando na cidade, esperando a entrada de professores não índios.

MATERIAL DIDÁTICO

- Respeitar direito indígena à educação escolar diferenciada e de usar material didático específico;
- Apoiar o trabalho dos professores indígenas de elaboração de material didático específico;
- Dar apoio financeiro para publicar/imprimir e transportar material didático para a Terra Indígena e aldeias;
- Apoiar os parceiros dos povos indígenas que trabalham junto com os professores indígenas na elaboração de material didático específico;
- Alfabetização para todos;
- Produção de materiais didáticos e paradidáticos diferenciados para uso nas nossas escolas;
- Educação ambiental nas escolas.

PROFESSORES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS

- Regularização dos contratos dos professores indígenas;
- Elaborar e realizar plano de trabalho para transporte dos professores não índios;
- Mandar combustível para transporte (entrada e saída) de professores não índios até aldeias sem pista de pouso;
- Fazer treinamento e capacitação dos professores não índios para trabalhar bem com povos indígenas;
- Aumentar a quantidade de professores não índios para trabalhar com povos indígenas;
- Respeitar o calendário escolar diferenciado. Os professores indígenas elaboraram 2 propostas de calendário e querem conversar com SEED/NEI sobre essas propostas;
- Melhorar condições de trabalho dos professores não índios nas aldeias: alimentação, casa e transporte certo (entrada e saída);
- É parte do trabalho dos professores não índios orientar os professores indígenas.

PARCERIAS ENTRE ÓRGÃOS DO GOVERNO E ONGS

- Reconhecimento para a formação em Magistério dos professores indígenas dos conteúdos e número de horas da formação feita com parceiros, como o Iepé;
- SEED/NEI deve aceitar outros parceiros na educação escolar indígena. O trabalho dos parceiros não é o mesmo que da SEED/ NEI: todos devem trabalhar juntos, um apoiando o outro.

CALENDÁRIO ESCOLAR INDÍGENA

- Os professores indígenas elaboraram propostas de calendário para os professores não índios e para os professores indígenas. O calendário para o trabalho dos professores indígenas tem proposta para curso de formação. Queremos conversar e ajudar a decidir, junto com SEED/NEI, como é o melhor calendário escolar;
- O calendário escolar deve respeitar nossas atividades tradicionais, nossas festas, nossos trabalhos coletivos.



TRANSPORTE AÉREO

Racionalizar o plano de transporte aéreo para as terras indígenas. Não gastar recurso do frete aéreo com outras coisas ou outros fretes. Assim vai diminuir problema com transporte de professores, merenda escolar, material e combustível para transporte por rio.





Iori Linke

Como vamos monitorar nosso PGTA?

O que construímos aqui não é para ficar só no papel.
Temos que olhar para frente, não baixar a cabeça.

Meus netos e meus filhos ainda vão precisar disso.

Cacique Aretina, aldeia Pedra da Onça



LADO OESTE

Kinirifekon imonto kiyane kikatokon PGTA ritoponpë kure kinehtekon iwehtome, irëke kure tirifë enetome kiyane oonipëerë kinirifekon tarë euhto kiwarëne iwehtome pata akiiton wararë Tumucumaque wenyame.

PGTA pë orokome wehto nai kutuma irasame kure kinonokon ikurunmatome oninpëkenke, kari-me aeneme kiwehtohon ritome kiyane, kipatakon ikurünmatohe.

Kinehtëfëkon kure iwehtome ëwënoma, sehen kiyamunkëton empato ma pataentu ton marë, ëiwarëto iwehtofë onankatome amerarë noro tomoya Tumucumaque wenyam tomoya.



O monitoramento é um processo de coleta, organização e análise de informações sobre a realização das ações propostas no nosso PGTA. No monitoramento podemos comparar o que está sendo feito com o que foi planejado para cada eixo do nosso Plano, conhecer as atividades e resultados alcançados em cada uma das aldeias do Tumucumaque.

IRANTA WARARĒ TĪRĒENTON PGTA TAO

CICLO ANUAL DA REALIZAÇÃO DO PLANO

Assembleias Anual dos Caciques: O PGTA é avaliado e melhorado.

Pata entuton iwëmonto mao iranta wararë PGTA kure iwehto imenekatome.

Typatakã oximõtopo jeimamyry pune PGTA enëko ropa te, ikurãkazomotoh roropa ynara.

Nas Aldeias: As atividades e resultados são monitorados pelos jovens formandos, lideranças e comunidade.

Pata Wararë: Kiyamunkëton ëenpakehton ma pata entuton ma Amerarënoroton maarë, tĳrĳenton euhtoton imenekato.

Pata tō po: Erohtopo, tyrytĳã enetopo poetomãkomo, tuisamãkomo, tuhkãkomo maro ynara.

Este trabalho é muito importante para que o PGTA se torne uma ferramenta cada vez mais forte na realização de nosso bem viver e na proteção de nossa terra. Com o monitoramento teremos as informações necessárias para tomar as melhores decisões para a construção de nosso futuro, para promover a formação dos jovens e lideranças e para divulgar novos conhecimentos para todos os povos do Tumucumaque.

 LADO LESTE

Sero enetopo emero. Morararo zae tyrihpyry ekãtotohme tyrihpyry poko, kykyryry kõ PGTA. Morararo sero enetoh ao enetupuhtohme kure kyya xine, oty exĩko nae, oty poko tonetupuhse toitoiro enetoh poko, sero. Kynyriry poko tuaro ehtohme, kynyrihpyry pata tõi 4 punero nono Tumucumaque po. Sero erohtoh kure moino nase PGTA ikenãpary waro ehtohme myãme, kure kuehtohkome kynonory po, ewomatoh waro ehtohme jumãme te, sero enehtoh ao nae exĩko mana kurutohkomo, zae rokẽ kuosenetupuhtohkõ ehtohme. Morararo imeĩpo tuaro tuhkãkõ Tumucumaque põkõ ehtohme sero imerohpyry poko.

DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL

SERO JEIMAMYRY PUNE TYRISEMY

Núcleo técnico: Lideranças, associação e parceiros planejam ações para realizar o PGTA.

Tirineton: Pata entu, associação entu ma akoromaneton maarë PGTA tao tirëenton rıyan.

Oximõmãkõ: Typatakãkomo, associação akorehmananõmo, tyriposã rĩko PGTA ritohme.

Nas Aldeias: Propostas do PGTA são executadas com o acompanhamento das lideranças e das associações.

Pata Wararë: PGTA me tirifë tēneneke neyan pata entuton associação entu maarë.

Pata tõi punero: Sero katopõpyamo PGTA tyriyamo typatakã maro, associação maro roropa.

*Pata entuton PGTA tao tirēmimpēton ime-
nekanto irantato wararē tiwēmontohon mao
kure kainan tīnehtēkon rītome tiyane, euhto
epohtome maarē.*

*Kokoronmanekon iwētakoronmato nai pata
entuton maarē, irē nai namoro iyorokome kure
tiyorokokon rītome iyane pata wararē.*

*Tipatakenton inehtētaerē projeto iwehtome
ma inīrikon taerē marē tīrītome.*

*Kinīrifēkon taerē rēken tīrīnmahtao kīya-
ne kīwarēne nai kīnehtēfēkon rīfē, irēmao kī-
nehtēfēkon taerē neyan (kīwehtohon, nono iku-
runmato, akenahtēneton, ituhtaonton intīkaewa-
neken wehto, wēinpatō wehto ma ēpi wehto marē.
Irēton nehtan tīponofoentonme ma tēusen me
maarē pata wararē irē nehtan ētakērē ēinpakehton
kīyamunkēton iyorokome maarē, tīpata ponton
wararē pata entuton iwēturufēpēerē.*

*Amerarē tirēmīnpētonpē tīpatakenton
iwēturufēpēe tīponofoenton eukufēpēe marē,
irēmao kinīrifēkon moro kokoronmati irasa-
me nai ēkēnē inponofokon euhtopē, kure kī-
nehtēfēkon imenekatome.*

*Kinīrikon apēnatuwē tirēmīnpēton wararē
euhtoton nehtan epī (quadro) po epinē ikuma-
fētao. Ma mono pata entuton iwēmontomao kure
euhtopon pēton enepōtome ekenai PGTA tao
tirēmīnpēton Tumucumaque weinyanton wararē.*

A Assembleia de Caciques avalia a realização das ações do PGTA ao longo do ano e toma as decisões para melhorar a execução das ações, propor novas ações, estabelecer novos resultados.

O núcleo técnico inclui os parceiros e as representações indígenas. A missão deste grupo é buscar os meios e organizar o apoio de assessoria, recursos e logística para a realização dos projetos nas aldeias.

Os projetos são realizados nas aldeias e coordenados pelas lideranças locais, de acordo com a organização interna de cada aldeia.

O monitoramento anual é o momento de sabermos como anda a execução de tudo que está proposto em nosso Plano. Para realizá-lo, para cada tema (Cultura, Proteção Territorial, Governança, Manejo dos recursos, Educação e Saúde) se apresentará uma série de perguntas a serem respondidas em cada aldeia. Este trabalho será feito com a participação dos jovens formandos e com a orientação do cacique, em reunião com a comunidade na aldeia.

Após a comunidade conversar e responder as perguntas sobre cada tema, o monitoramento deve nos ajudar a responder a duas perguntas importantes para a avaliação e melhoria do Plano:

- QUANTO NÓS FIZEMOS PARA CONSEGUIR OS RESULTADOS QUE QUEREMOS?
- COMO ESTÁ A SITUAÇÃO QUE QUEREMOS MELHORAR?

Ao final do monitoramento de cada tema, as duas perguntas serão respondidas conforme a numeração correspondente a cada resposta, no quadro a seguir. Durante a Assembleia, a organização destas respostas permitirá visualizar como está sendo a execução do PGTA em todo o Tumucumaque.



Typatakã oximõtoho po tyrihpyry tõ enetohme ropa, jeimamyry pune, osetnetupuhtoh ritohme topohme. Morararo tyrisã kasenatokõ rizomotohme roropa, kasenato enepotoho enetohme.

Oximõmãkõ tuarohxo exiketomo akorehmãko, ituakyry tuisa tõ akorehmananõ maro enara. Moxã oximomãkõ mokeroro akorehmananomo, otytyko riry poko sero tyrisã ritohme pata tõ po.

Sero tyrisã pata po, tuisamãkõ nyriry, pata tõ po.

Morara sero jeimamyry pune enetoh po, tyrihpyry waro kuehtokõme. Emero katopõpyry kyya xine kane tyritohme te enetohme ropa enara. Imerohpyry poko (kuehtokomo, nono ewomatohpõ, tuisa tomo, tarykasã arykatoh ropa, atamorepatopo, kure rokẽ enetopo). Morararo tuhke nae mã ekaropotopo, tozuhsamo pata tõ punero. Morararo sero erohtoh mã atamorepaketõ nuasemãkomo te, oryximãkõ mã moroto, typatakamo a mã turuse toto, tuhãkõ oximõtoho po, pata tõ punero.

Morararo oturutopõpo esahpokoxi tuhãkõmo a oturuxĩpo, oximõme ezuhxĩpo, sero imerohpyry, sero nono enetoh poko. Morararo yna akorehmary se ynanase ezuhtho poko, asakoro kõ ekaropotopo kure moino exiketomo, enetoh ropa, Tyrisemy (Plano) kure tyritohme.

Enetoh ropa (Monitoramento) etyhpymy imerotyã asakoro mã nae tozuh samo, tõkehko.

PERGUNTA 1

ĒKANMAO KĪTĒEKEHATĒNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KĪYANE?

1. Tīrēeta kīyane

2. Tīrēesarēre kīyane

3. Tīrēe kīyane
kīnehtēfēkōntaerē

4. Tēpose kīyane
kīnehtēfēkōntaerē

5. Kīnehtēfēkon tīwaehae
kīyane

QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?

1. Não fizemos nada

2. Fizemos pouco

3. Fizemos tudo que foi
planejado

4. Conquistamos os resul-
tados que planejamos

5. Fizemos mais do que
foi planejado

OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?

1. Arypyra

2. Onyripyra sexiatose

3. Emero syriatose
kynyrihpyry komo

4. Kynyrihpyry kō
seporyatose, osenēko nae

5. Kynyrihpyry kō motye
syriatose



PERGUNTA 2

ÈKE NAI KĪNEHTEFĒKON
ÈKE SA NAI TĪRĒINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKŌ
NAE?

1. Kureta rēnken nei

2. Kuresa rēre nei

3. Irēpororēken nei

4. Kuresa nai

5. Kurerēn nai

1. Piorou muito

2. Piorou pouco

3. Ficou igual

4. Melhorou pouco

5. Melhorou muito

1. Popyra moino toehse

2. Popyra pohto rokene

3. Moro saaro nae

4. Kure pohto toehse

5. Kure moino toehse



EKE KĪTATI EUHTOSE

Akenahtēneton, ma tamusanton, ma ipa-pahton, imamahton nai eneponeme kīya-munkētonmoya kure kīwehtohon ipīnmaneme. Sehen marē aeneme kīwehtohon intīpīkeha-ewa kīmunkē enuru wararē ēiwarē iwehtome tīwehtotaere.

KĪNĪRĪKONPĒ TĪPONOFONTON

1. Kītīrītēne wēinpato itu ipīnmatofē, ma kīnīrīkon rītohfē (tīkapī, kanawa, eponton, tīrītohton, tētēinton, ma wīrapa pīrēu marē)?
2. Kītīrītēne wēenpato ēiwarēto iwehtofē tīwehtopēkērē atipē (ēremipē, wīwatofē, tīponopipē)?
3. Kītēmōntēne panpira rītome kīwehtohon onankatome?
4. Tumucumaque weinyanton iwēinpato pakoro karē nenpan tīwehtotaerē?
5. Kīpatakōnpo nai paiman? Irē nai kīwehtohon ikuhtome maarē?

RESULTADOS QUE QUEREMOS

As lideranças, os mais velhos, os pais e as mães incentivam os mais jovens a valorizar nosso próprio jeito de viver e a continuar transmitindo nossos conhecimentos de geração em geração.



EKANMAO KĪTĒEKEHATĒNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KĪYANE?

QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?

OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?

EHTOH TONOMO

PERGUNTAS PARA NOSSO MONITORAMENTO

1. Nós realizamos oficinas sobre os modos de manejar os recursos da floresta e produzir bens da cultura material (artesanatos, canoas, habitações, ferramentas, instrumentos, arco e flecha)?
2. Nós realizamos oficinas e de conhecimentos da cultura imaterial (cantos, histórias, danças)?
3. Nós participamos da produção de materiais e publicações para o nosso fortalecimento cultural?
4. A Educação Escolar Indígena está ensinando a cultura dos povos do Tumucumaque?

Lado Oeste

5. A nossa aldeia tem o Paiman? Estamos usando o espaço para a cultura tradicional?

Lado Leste

5. Nós realizamos festas e rituais tradicionais?
6. Nós conseguimos o registro de nosso sistema gráfico (Wayana e Aparai) junto ao IPHAN?

SERO ENEPOTOH ENERY SE YNANASE

Tuisa tomo, tamuximã komo, nohpo tomo tynyrirykõ poko mã wenikehpyraro toto, morararo tuhkãkõ maro tyrĩko toh nae, tamoreme xine tõsenetupuhthkõ ae.

EKAROPOTOPO SERO ENETOH POKO

1. Otara syriatose tyrysã ritoh zano kynyrirykõ enepotoh poko (tykahsamo, kanawa, tapyi, rue, taky, pyrou ynara)?
2. Otara syriatose tyrysã ritoh enepotohpo kuetohkõ poko (eremiatopo, pake ehtopõpo tomo, watopo ynara)?
3. Morararo kypapëkõ tyrise nahe? Sero kuehtokõ poko?
4. Morararo Tumucumaque ehtoh poko amorepatoh nae nah?
5. Tuasẽ tõ rĩko ro sytatou?
6. Syrypoatose IPHAN Waiana, Aparai tõ nyryryotyro menuru papeny?

EKE NAI KĪNEHTEFĒKON
EKE SA NAI TĪRĒINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKÕ
NAE?

AKENAHTĒNETON GOVERNANÇA

EKE KĪTATI EUHTOSE

Pata wararēnponton Akenahtēneton tīwēmontothonpona nēmōnyan entuton ma wēturutomaoto tīnehtēkon ika-rihtēn ēiyaken tīwehtohon ma ēiyato nēinonoyan mēesan tīyanakenton tēkakenton tarēno inono Tumucumaquepo iwepatantēfēton

Pataton wararē nai tīnmoike awē sehen tīkarihtēneke nai akenahtēneton iyoroko ētakērē, entu ikaritēnken serē rīponeme tēhtē aeneme wehto patapo.

Pataton wararē kanara tepītīhae tīikaimēton ma tēnisen kutunehton iwēmīntofēe sehen entuton karē epekaneton akamanē mēesan eneneton ma enīneton marē:

Tīnmoike awē ma pata wararē tīnmoike iyoroko sekenkērē ētakērē APITIKATXITAO tesenton namoro nai tokoronmaime amerarēnorotomoya ma karakuri apēinetomoya sehen tītamutupēkon ikarakuri apēinetomoya.

Tarēnoton tapīime iwehto imenekato tarēno inono Tumucumaque ponton paru oeste wenyanton tīmenekaimē seen tīranomaimē iranta wararē kinehtēkontaerē tīrēime kīyamunkēton ma akenatēneton tīpatoro tīpatakenton akērē.

Tarēnoton Tumucumaque ponton nīrīyan ēikarē tīnehtēkon tīhtarēnmatohōnpē sehen nikaritēnto ēisaporo wemoito rīto iponofotofē ma sehen ēntapēerēne ma turuporenme onīnpēken tīrēinton sekenkērē imoitoton kakuikaponekonme tesenton, kīpatakōnpē tachen tarēnome kīwehtohōnpē marē.

RESULTADOS QUE QUEREMOS

As aldeias têm sua organização interna fortalecida com o trabalho de lideranças formando um Conselho local para apoiar o cacique para a realização do plano de vida da aldeia.

Os povos do Tumucumaque elaboram seu protocolo de consulta e asseguram o amplo direito a consulta e ao consentimento prévio, livre e informado sobre qualquer medida administrativa, projetos e leis que possam afetar a nossa vida, nosso território ou nossos direitos indígenas.

Lado Oeste

As Lideranças de todas as aldeias participam das assembleias de Caciques e reuniões e tomam decisões para fortalecer a união e o respeito entre os yana que vivem na Terra Indígena Parque do Tumucumaque.

As aldeias estão livres da entrada e comercialização de drogas e bebidas alcoólicas através da orientação junto aos que trazem e consomem.

EKANMAO KĪTĒEKEHATĒNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KĪYANE?

QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?

OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?

A organização interna, o trabalho de organização nas aldeias e a associação APITIKATXI são mantidos com a contribuição da população indígena que recebe recursos como assalariados e aposentados.

O censo da população indígena da TI Tumucumaque no Paru do Oeste é realizado e atualizado anualmente com nosso controle e realização, com a participação direta dos jovens e lideranças locais.

Lado Leste

Os caciques de todas as aldeias formam um Conselho Geral do Rio Paru d'Este, participam das assembleias e reuniões e tomam decisões para definir os rumos de nosso PGTA, criando acordos que são respeitados por todas as comunidades.

A associação APIWA é fortalecida com a participação e contribuição das aldeias para o funcionamento autônomo com a criação de um fundo Waiana Aparai para financiar as atividades de organização interna.

Os conselheiros de saúde e educação recebem formação e estão preparados para atuar em defesa da comunidade indígena.

SERO ENEPOHTOH ENERY SE YNANASE
Typatakã emero Nono Tumucumaque, Rio Paru d'Este, oximõto konõto po toh nae tymoise moi-toh rinko toh nae, topohme tyriko toh nae tymoise me tuhkamo a.

Pata tõi po jamihme tuisa tõi erohtoh nae, moro pata po, sero tyrise ritohme pata po.

Associação APIWA, jamihme nae pata tõi põi nakorehmatoh poe, tamoreme toehtoh nae nah tineru akorehmatoh nae (fundo) Wayana Aparai ritopõpyry poe, ise ehtoh akorehmatohme.

Te, morararo conselheiro tõi saúde põi como te, morararo educação poko, tatamorepase toh nae, totykase toh nae, ise toehtoh kõi ewomatohme.

Tumucumaque põi oty kutuaromatohkomo (protocolo de consulta) rõi toh nae.

ÈKE NAI KÌNEHTEFÈKON
EKE SA NAI TÌRÈINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKÕ
NAE?

KĪNĪRĪKONPĒ TĪPONOFONTON

1. Pata entuton Tumucumaque weinyanton karë nēmomyan amerarë ëtakërë ëiya tïnehtëkon rītome?
2. Tĭpatakenton wararë karë nēmomyan ëiya tĭwëturutohonme kure tĭwehtohon rĭtofë?
3. Pata entu karë nëtakoronmanë APITIKATXI entu maarë amerarë kure iwehtome?
4. Pata akenahtëne karë kure tĭmoitĭ enuhtoponpë rĭyanë irëpororëken iwehtome? (censo Kato).
5. Kĭweinyene nai waponu epĭ iponofo (protocolo de consulta)?

PERGUNTAS PARA NOSSO MONITORAMENTO

Lado Oeste

1. O cacique e as lideranças da aldeia participam das Assembleias e tomam decisões em conjunto com as demais lideranças da Terra Indígena Parque do Tumucumaque?
2. Na aldeia as lideranças realizaram reuniões com a comunidade para conversar sobre assuntos importantes para a organização indígena?
3. A aldeia participa e contribui com a organização geral e com a associação APITIKATXI?
4. A organização da aldeia mantém os dados da população local atualizado para o nosso censo geral?
5. Nós temos nosso protocolo de consulta?

ĒKANMAO KĪTĒEKEHATĒNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KĪYANE?

QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?

OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?

Lado Leste

1. O cacique e as lideranças da aldeia participam das Assembleias e tomam decisões em conjunto com as demais lideranças das terras indígenas?
2. As aldeias respeitam os acordos estabelecidos nas assembleias e reuniões da comunidade?
3. Foi organizado um Conselho na Aldeia para apoiar o trabalho do Cacique? Na aldeia são realizadas reuniões com a comunidade para conversar sobre assuntos importantes para a organização indígena?
4. A aldeia participa e contribui com a organização geral e com a associação APIWA?
5. Os conselheiros da aldeia participaram de alguma formação para atuarem melhor na comunidade?
6. Nós temos nosso protocolo de consulta?

EKAROPOTOPO SERO ENETOH POKO

1. Tyatakã oximõtoh konõto (assembleia) po, toiro rokẽ mã tõsenetupuhtoh kõ rĩko toh nae, imehnõ tuisa imepỹ pata pokõ maro?
2. Pata põkõ nae tõturutopõpyry komo oximõme tynyrihpyry kõ moĩko toh nae?
3. Conselho pata põkõ tyatakã erohtoh akorehmãko nae? Te, moraro oximotoh rĩko matou õturutohkõme ise oehtohkõ poko?
4. Pata põko associação akorehmãko nae?
5. Conselheiros tomo Pata põkõ atamorepãko nae, tuhkãkõ akorehmatoh me?
6. Kutuarõmatohkomo (protocolo de consulta) nae sytatou?

ÈKE NAI KÌNEHTEFÈKON
EKE SA NAI TÌRÈINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKÕ
NAE?

GOVERNANÇA



SOBRE NOSSA PARTICIPAÇÃO NO MERCADO

RESULTADOS QUE QUEREMOS

Os produtos sustentáveis da floresta, nosso artesanato e outros produtos culturais são reconhecidos e valorizados no mercado externo, e geram recursos para a aquisição de bens e insumos que utilizamos nas aldeias.

PERGUNTAS PARA NOSSO MONITORAMENTO

7. Qual a situação dos pontos de venda dos produtos Wayana e Aparai? Quais foram as melhorias realizadas este ano?
8. Quais instrumentos de divulgação dos processos e produtos sustentáveis foram elaborados este ano?
9. Foram realizados estudos e pesquisas para melhorar nosso sistema de comercialização?
10. Nós conseguimos a certificação dos produtos indígenas Wayana Aparai?

ÈKANMAO KÌTÈEKEHATÈNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KÌYANE?

QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?

OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?

TYRITYÄ ENETOPO



MORARARO SERO OTYRO EKAMOTOH AO EHTOH POKO

EKAROPOTOPO SERO ENETOH POKO

Otyro ituhtao como kuarehmatorýko mana, tykahsamo, otyro tyorõ kõ ehtotonõ jarao nae, pata po pyra tyorõkõ pata karaewa patao, morararo otyro ekamotoh ãkorematorýko nae okyryry kõ epekatohme onykenapary kome a patão xine.

SERO EKAROPOTOPO ENETOH POKO

7. Otara seromaroro Wayana Aparai tõi nyriry to ekamotoh nahe? Oty kure pohto tyrise nahe sero jeimamyry po nae?
8. Oty myriatose sero jeimamyry ae, otyro ãkorematoh kõ jarao enehtohme?
9. Matamorepato sehro onyriry ekamotoh poko?
10. Syripoatose kuatamorepatopõpyry kõ papeny (certificado) ny Wayana, Aparai tõi maro kyryry?

ÈKE NAI KÌNEHTEFÈKON
EKE SA NAI TÌRÈINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKÕ
NAE?

NONO

TERRITÓRIO

EKE KĪTATI EUHTOSE

Eneneton rito ma nono iku-runmato tarëno inono Parque Tumucumaque irasame nai të-nekarë tĭpuntaerë iwehto ma serë ikurunmato nono aminë-netonpëe intakafëtae ëtakërë tĭrëinton eneto entume tesen-tonpëe irë eneto ma imenekato ëikarë tarëno tomoya.

KĪNĪRĪKONPĔ TĪPONOFONTON

- 1. Pakoroton kanara tĭrëe? Kure nai irëton? Irë nai nono imenekato-me tĭrëe, ohimpëken tarëno ino-notao ëmĭnyewa iwehtome?*
- 2. Kĭtĭrĭtëne nono imenekato serë iranta po? Iponohë eke kĭnei, anpona mĭtënne, akĭ Kĭnten, ekanmao, ahtarë ëkomanne, atĭ menene?*
- 3. Ekesapa mĭrĭne ënono, mayone pa emakafë, ikuhtuntëto tĕpu ton pa makorokane, eneto ton pa miranomane, eneto karë mĭrĭne pakoro?*

RESULTADOS QUE QUEREMOS

O Sistema de Controle e Proteção Territorial das TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este garante a integridade física e a proteção da totalidade dessa terra contra invasões em seus limites, aliando ações de fiscalização por parte dos órgãos competentes ao monitoramento e vigilância do território realizada pelos próprios indígenas.

Nas TIs Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este foram escolhidos os seguintes locais para a construção de 6 casas multiuso:

Lado Oeste

- 1. Na cabeceira do rio Marapi, entre as aldeias Castanhal e Kuxaré (limite Noroeste);*
- 2. Na foz do rio Marapi, próximo a aldeia de mesmo nome (limite Sul);*
- 3. Acima da aldeia Orokofa Nova, na cabeceira do Rio Paru d'Oeste (limite Norte).*

Lado Leste

- 1. No Igarapé Ukimyn, na cabeceira do Rio Paru d'Este, acima da aldeia Cachoeirinha;*
- 2. Na foz do Igarapé Mopecu, no rio Ipitinga;*
- 3. No rio Ipitinga.*

**EKANMAO KĪTĔEKEHATĔNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KĪYANE?**

**QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?**

**OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?**

NONO POKO

PERGUNTAS PARA NOSSO MONITORAMENTO

1. As casas de multi-uso foram construídas? Estão em bom estado de conservação? Elas servem como bases para controle, vigilância e apoio às equipes que realizam as expedições aos pontos mais vulneráveis da terra indígena?
2. Foram realizadas expedições de vigilância este ano? Conte como foi, para qual local, quem participou, quando foi, quanto tempo durou, o que viram?
3. Houve alguma ação de monitoramento territorial, reavivamento de limites da Terra Indígena, limpeza de marcos, renovação de placas, criação de postos de observação?

EZUHTOH ENEPOTOPO

Tomeseke ehtohpo, Nono Tumucumaque, Rio Paru d'Este ewomatohme, ryhmatokõ omõpyra ehtohme. Morararo toipe rokẽ nono etyhpyry po eraseme ehtohme, kyya xine ro enetohme ewomatohme roropa.

Morara ro sero Nono Parque do Tumucumaque, Rio Paru D' Este ao mã tymenekase oseruao mana Pata ritopo tapyi maro nono ewomatopo.

1. Iporiry zupuhpyry me Ukimĩ, Paru zupuhpyry me Pata Cachoeirinha nikahpoe
2. Mopeku tao, Ipitĩka kuao roropa
3. Ipitĩka tao roropa.

TUARO EHTOHME NONO EHTOH POKO

1. Tapyi tyrise nae ehrohtopo? Moro tapyi mã repe erohtohme exĩko, nono ewomatohpoko poko erohtome, te, erohketõ akorehmatohme, ytoketõ nono etyhpykatopõpyry enenanõ ropa, typokonohsẽ nymyry Nono.
2. Sero jeimamyry po nono etypyry pona nytoase toto? Otara nexiase, otokona mytoatose, onokãkõ nytoase, okynao erohtoh nexiase, oty meneatose moero?
3. Merokuatose pixo moero, nono etyhpyry po mahpotyatose roropa, etyhpykatopo (marcos) tõ zomye makorokatose roropa, paraka (placa) tõ myriatose roropa, enetoh esary tõ meneatose?

ÈKE NAI KÌNEHTEFÈKON
EKE SA NAI TÌRÈINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKÕ
NAE?

NONO

TERRITÓRIO

4. Ahtarë nai kanawa tîrëe patapo, irë tao ënonokon mimenekati?
5. Ma wëturuto rariyon weikan "placa solar" bateria maarë, kure kanai irë iranta wararë?
6. Entuton Funai, suratiton, ma itu ipinunneton mëesan orokome neyan nimenekanto? Iponohë iyorokokon aki kinîri, aki akërëne kinei, ekanmaoto kinîri, atîsa tëne iyane?
7. Eke nai kanawaimë anotato iwehto ëpatapon? Kure nai tîrëe? Tikaitantëe nai?
8. Terë nai patatonpo ëiwarëto pisi mënparëton rinemesa kurepa?
9. Ëpata kanai tehtarënmae afuru karaiwapëe tîwëesen kure tîritofë?

4. Quantas canoas foram construídas na aldeia e estão sendo utilizadas para a vigilância territorial?
5. O sistema de comunicação (rádios, placa solar, bateria) da aldeia está funcionando bem durante o ano todo?
6. Os órgãos competentes (Funai, Polícia Federal, Forças Armadas, SEMA/PA) estão realizando ações de fiscalização? Conte como foram as ações, quem fez, quem acompanhou, quando aconteceu, qual situação foi verificada.
7. Qual a situação da pista de pouso da sua aldeia? Está bem mantida? Foi homologada?
8. A aldeia conseguiu organizar o manejo do lixo dos produtos karaiwa?
9. Algum membro da aldeia recebeu formação para manutenção de motores e equipamentos?
10. A aldeia conseguiu organizar o manejo do lixo dos produtos karaiwa?

ËKANMAO KÎTËEKEHATËNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KÏYANE?

QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?

OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?

NONO POKO



4. Otãto Kanawa maxikatose, moroh na eke-nãpãko nae? Nono enetoh poko erohtohme?
5. Senohne (rádio, placas solares, bateria) Pata po erohnõko nae jeimamyry pune?
6. Morararo moxãmo erohketomo nono ewomary poko (Funai, Polícia Federal, Forças Armadas, SEMA/PA), tynyrirykõ rĩko toh nahe nono ewomatoh poko?
7. Otara toehse kaenõ tõ porohtopo? Tukurãkaseh na kehko? Typapehtose roropa?
8. Onokã komo otyro xityã esary kurãkase toehse karaewah tao epekahtyã esaryme?
9. Morararo atamorepãko matou mutu tõ kurãkatoh poko?

ÈKE NAI KÌNEHTEFÈKON
EKE SA NAI TÌRÈINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKÕ
NAE?

ITUHTAOTON MA IYAFĚHTON

APĚHTO TĪWARĚRĚKEN

EKE KĪTATI EUHTOSE

PenarĚ nai serĚ kiwehtohontaerĚ apĚhto irĚ yanme, ototon, tĭpitĚ, itu ma tĭpitĚnpĚ nai tĭpĭn-mainme itu ikurunmato ipĭnmatohe ma sehen tĚperenton ipĭmetĭsewa iwehto patatonpo. Pataton nai tĭnĭrike ma sehen itu eperuhton rĭyanto tĚpekafoinme.

KĪNĪRĪKONPĚ TĪPONOFOINTON

1. Akoronmaneton pĚ karĚ akoronmato mepone ěpatapo tĭpĭne itu rĭtome?
2. Ętupi karĚ ěinyawanĚ, oninpĚken nahtan epo nai irantaponarĚn ěpatapo?
3. Ęwenyankomoro karĚ tĭpĭne mĭrĭyati?
4. Kainan tanmĚton karĚ manmĚti? Atĭ?
5. Kainanme kiwĚenpatoponpĚkon itu pĭnmato karĚ kĭtĭyati kure ituton iwehtome?
6. OninpĚken nai ěpatapo orokome wehto kure itu rĭtome? Atĭsen kĚrĚ nai?
7. Tĭpatakenton karĚ (PNAE) ěrepaton epekafon tĭwĚenpaenton erepame?
8. Kure kau rĭto karĚ mepohtĚne Ponoto po, KuxarĚ po, Urunai po ma Yawa po?
9. Atĭ etane ěinpakehton kĭyamunkĚton sehen pata entuton marĚ, tĭtĭtĚkon wararĚ, ěiwarĚ Tĭwehto epohtome?

**EKANMAO KĪTĚEKEHATĚNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KĪYANE?**

**QUANTO NŌS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?**

**OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?**

MANEJO SUSTENTÁVEL

DOS RECURSOS DA FLORESTA

RESULTADOS QUE QUEREMOS

Lado Oeste

As práticas de manejo tradicional para caça, roça, coleta, floresta e capoeira são preservadas, garantindo a conservação da floresta e a fartura de alimentos nas aldeias.

As aldeias desenvolvem atividades produtivas, voltadas para a comercialização de alguns produtos da floresta.

PERGUNTAS PARA NOSSO MONITORAMENTO

Lado Oeste

1. A aldeia teve algum apoio de parceiros para projetos de manejo sustentável dos recursos da floresta?
2. As roças da aldeia são produtivas e diversificadas e garantem a alimentação com fartura durante todo o ano?
3. As variedades tradicionais estão sendo conservadas?
4. Novas plantas estão sendo introduzidas? Quais?
5. Estão sendo experimentados novos sistemas de manejo da floresta e sistemas agroflorestais?
6. A aldeia tem as ferramentas necessárias para o trabalho de manejo dos recursos da floresta? Quais são ainda necessárias?
7. A comunidade participa do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), fornecendo merenda para a escola indígena?
8. Estão sendo pesquisadas alternativas de manejo do gado existente na área das aldeias Ponoto, Kuxaré, Urunai e Yawa?
9. Qual foi a participação dos membros da aldeia na formação de jovens e lideranças e nos intercâmbios para troca de experiências?



ÈKE NAI KĪNEHTEFĒKON
EKE SA NAI TĪRĒINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKŌ
NAE?

MANEJO SUSTENTÁVEL DOS RECURSOS DA FLORESTA

RESULTADOS QUE QUEREMOS

Lado Leste

Nós vamos preservar as árvores mais importantes que estão perto da aldeia.

Queremos ter nosso banco de sementes funcionando. Queremos aumentar a quantidade de árvores importantes perto das aldeias.

Queremos continuar usando os materiais que tiramos das florestas e continuar fazendo nosso artesanato e objetos da cultura.

Manejo de caça e de pesca

A caça e a pesca são atividades sustentáveis, garantindo a manutenção da fartura de alimentos em todas as aldeias para as futuras gerações.

PERGUNTAS PARA NOSSO MONITORAMENTO

Lado Leste

1. Quantas árvores plantamos este ano na nossa aldeia?
2. Nós criamos nosso banco de sementes?
3. Nós mapeamos e protegemos as árvores que tiramos para fazer casas, canoas, lenha, banco de sentar, móveis, etc? Nós fizemos coleta de sementes dessas árvores?
4. Os açazais e os mamiri estão protegidos?
5. Quantos açazais estamos manejando?
6. As áreas de Arumã estão sendo manejadas?
7. Estamos utilizando os recursos da floresta para fazer os objetos tradicionais da nossa cultura?
8. Quais pesquisas foram realizadas sobre a reprodução dos peixes que consumimos para melhorar o manejo da pesca?
9. Quais pesquisas foram realizadas sobre a reprodução das caças que consumimos para melhorar o manejo da caça?
10. Os locais de posturas de ovos dos animais importantes na nossa alimentação foram mapeados?

ĒKANMAO KĪTĒEKEHATĒNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KĪYANE?

QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?

OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?

KURE TOMESEKE ITU KENĀPATOH POKO

EZUHTOH ENERYSE YNANASE

Tomeseke sehtone wewe tō kenāpary kō poko, Pata po eponaro exiketō poko.

Tarykasā puhturu kurākāko syatose. Morararo tuhke wewe kurākō pata ehpio eponaroh mesā ehtohme.

Morararo yna nykenāpary ituhtaō kō tyriry sero ynanase, yna nyryry tō poko wenikehpyra yna ehtohme. Yna nyryry tō ritohme emero.

Tomeseke sã tonosã poko ehtohme, kana poko roropa ynara

Tonosamo, kana poko ehtopo, tahxime typokonohsamo.

Tomeseke toipe rokene tōsamo, nae sã rokē ehtohme emero pata tō punero myāme kypakomotyā ponamero.

ZURUPŌKO SEROHNE ENETOHPONŌ ROPA POKO

1. Otāto wewe tarykase sero jeimamyry po kypatary kō po?

2. Otytyko puhturu kurākatopo tyrise nae?

3. Tonese wewe esary nae, te, morararo tomeseke syatou tyrisā poko: tapyi me, kanawa me, apotopokō me, epehtoh me tyrisemy, naero ma kehko. Morohne puhturu tanyse na kyya xine, arykatohme ropa?

4. Typynanohse kyya xine nah Apuhpano, mamirih pano roropa?

5. Otāto pixo apuhpano typynanohse tyotyrorōkō po nae kyya xine?

6. Aruma esary typynanohse nae kyya xine?

7. Ituhtaō kō kenāpāko sytatou kynyrirykō ritohme?

8. Otāto pixo etuaromatoh tyrise kana ehmokatoh poko nae, kynonyry kō poko tahxime. tomeseke ehtohme roropa enahkaryino?

9. Otāto pixo etuaromatoh tyrise tonosã emukuatoh poko nae, kynonyry kō poko tahxime. tomeseke ehtohme roropa enahkaryino?

10. Onokaro ehmokatoh tonōmo esary tymenekase nahe, tonahsēme exiketō esary?

EKE NAI KĪNEHTEFĒKON
EKE SA NAI TĪRĒINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKŌ
NAE?

MANEJO SUSTENTÁVEL DOS RECURSOS DA FLORESTA

RESULTADOS QUE QUEREMOS

Lado Leste

Roças

As aldeias mantêm roças produtivas com os alimentos tradicionais, produzindo com fartura para todos da aldeia.

As aldeias desenvolvem atividades produtivas e consolidam cadeias produtivas de produtos da sociobiodiversidade, comercializando produtos da floresta

PERGUNTAS PARA NOSSO MONITORAMENTO

Lado Leste

1. As roças da aldeia são produtivas e diversificadas e garantem a alimentação com fartura durante todo o ano?
2. As variedades tradicionais estão sendo conservadas?
3. Novas plantas estão sendo introduzidas?
4. Estão sendo experimentados novos sistemas de manejo das florestas e das roças?
5. A aldeia teve algum apoio de parceiros para desenvolver projetos de manejo sustentável dos recursos da floresta?
6. A aldeia tem as ferramentas que são necessárias no trabalho de manejo dos recursos da floresta? Quais faltam?
7. A comunidade está participando do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), fornecendo alimento tradicional e local para a merenda da escola indígena?
8. Qual foi a participação dos representantes da aldeia nos cursos de formação de jovens e lideranças e nos intercâmbios para troca de experiências?

ĒKANMAO KĪTĒEKEHATĒNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KĪYANE?

QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?

OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?

Tupito tō poko ezuhtoh eneryse ynanase

Emero Pata tō punero tupito kurā se ynanase, emero rokē tarykasā kurā kō nae ehtohme, tynahkesā rokē ehtohme, jeimamyry punero.

Pata tō punero yna narykahpyry emakary se ynanase, yna osenetupuhtoh ae etyhpary pona mero. Morararo ekamotohse roropa ynanase.

**ZURUPŌKO SEROHNE ENETOHPONŌ
ROPA POKO**

1. *Tupito tarykasā zamaro nae, moro tarykasā nae, anapyry kō jeimamyry ponamero?*
2. *Tarykasā pakatokō kurākako ro sytatou repe?*
3. *Tynaryka ke sytatou imehnō narykary ke?*
4. *Tukuhse kyaa xine nae Tupitō po te, itu ahtanohpoh toh itume aehtoh pona ropa?*
5. *Pata akorehmananōmo nae nexiase itu kure tyritoh poko?*
6. *Pata nae nah erohtoh tonōmo, itu kure tyritohme? Otytyko isero nae?*
7. *Kypataōkomo tonahsā tyrihpary apoīko nae (PNAE) poe, atamorepaketō napyry me?*
8. *Otara nexiase poetomākomo te, tuisamākomo atamorepaketomo imehnō maro toto oximōtopōpyry tuaro toehtohkō enepotohme tyotyoro komo a.*

**EKE NAI KĪNEHTEFĒKON
EKE SA NAI TĪRĒINME?**

**COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?**

**OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKŌ
NAE?**

EKE KĪTATI EUHTOSE

Eneneton Wëepinëhto akoronmato tarëno-pë nai ainya inenehtaerë pata wararë sehen ëpi pakoroton nai tïyahfëke sekenkërë nai ëpipëkënme tesenton kure tïwëinpae ma irë yanmeto kure tïyorokokon rïyan tïmoi-tïkon akoronmatome.

KĪNĪRĪKONPĒ TĪPONOFONTON

1. Eke nai ëpi pakoro iwehto ëpatapo?
2. Tïyahfëke nai ëpi pakoro, irëponton epo nai epinëhto ëpi?
3. Ēepo nai ëpatapo ëpipëkënton? Contrato kanara kure?
4. Serë irantapo karë kinei ëpipëkënton iwëinpato?
5. Ēpatapon karë mëepinëyan ëpi ituhtaonke? Atï irë?
6. Pata entuton karë kïnëtakoronma associação maarë, kure ëpi iwehtome?

RESULTADOS QUE QUEREMOS

O sistema de atendimento à saúde indígena é adequado as nossas necessidades em todas as aldeias, os postos são equipados, os agentes são bem formados e prestam um serviço de qualidade para a população.



**ĒKANMAO KĪTĒEKEHATĒNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KĪYANE?**

**QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?**

**OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?**

PERGUNTAS PARA NOSSO MONITORAMENTO

1. Qual a situação da casa do posto de saúde da aldeia?
2. O posto de saúde tem os equipamentos e remédios necessários para o atendimento da aldeia?
3. A aldeia tem a quantidade de agentes necessária? Os contratos estão regulares?
4. Os agentes indígenas de saúde receberam alguma formação este ano?
5. Na aldeia são utilizados os conhecimentos da medicina tradicional? Quais?
6. Quais ações foram feitas pelas lideranças, organizações e associação para melhorar a saúde indígena?

EZUHTOH ENERYSE YNANASE

Ituakyry tomo akorematoh ise kuehtokõ ae nae?

Osepinohthohtopyi tao nah nae emero?

Opi pokõkõ ãtamorepatyã nae nah, kure erohnõko toh nae?

ZURUPOTOPO ENETOH POKO

1. Otara nae osepinohthohtopyiny emero pata tõ punero?

2. Opi tapyĩ tao nae nah erohtoh tonõmo, opi ke naeh na Pata tõ punero kurākõkara epinohtoh pune?

3. Pata tõ punero opinohtõkõ nae nah? Erohketõ ke, kure toh topehpyry kõ apoĩko nahe?

4. Sero jeimamyry po ituakyry to opinohtõkõ tamorepatohkõ apoiase?

5. Pata po nah opi tuaro toehtoh kõ kenãpãko toh nae? Oty moro kehko?

6. Otytyko tyrise tuisamãkomo a, Oximõne exiketomo a, kure osepinohthohtohme?

ÈKE NAI KĪNEHTEFĒKON
EKE SA NAI TĪRĒINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKÕ
NAE?

EKE KĪTATI EUHTOSE

Amerarē nai pataton wararē wēinpatō kure tīrēe ma sehen enpaneton tehtarēnmae kurerēn enpatofē tarēno iwēinpatō taerē ma kīwehto ikaritētome kīmunkēkomoya aeneme tīwehtome nono intakafētao.

KĪNĪRĪKONPĒ TĪPONOFONTON

1. Eke nai wēinpatō (iwētakenahtēto) iwehtō?
2. Enpane fiye nai ēiwarēsa iweifēton wararē?
3. Kure kanai enpaneton ikarakuri?
4. Yunton enpatō fiye nai ēpatapo?
5. Enpaneton tarēnoton kīnēenpa serē irantapo?
6. Enpaneton karaiwa ton nai tehtarēnmae ēwehtohonpē orokome tīwehtohonme?
7. Atī nai enpatome iyane panpirame tīrīfē ēyomihtaerē?
8. Pata entuton karē kīnētakoroma assosiaçãõ maarē, kure murehti enpatō iwehtome?

RESULTADOS QUE QUEREMOS

Todas as aldeias possuem escolas estruturadas e com professores preparados para proporcionar uma educação escolar indígena de qualidade, fortalecendo nossa cultura e preparando nossos jovens para viver na terra demarcada.



ĒKANMAO KĪTĒEKEHATĒNE
KURE IWEHTO EPOHTOME
KĪYANE?

QUANTO NÓS FIZEMOS PARA
CONSEGUIR OS RESULTADOS
QUE QUEREMOS?

OTĀTO SYRIATOSE ISE
KUEHTOKŌ EPORYTOHME?

ATAMOREPATOPO

PERGUNTAS PARA NOSSO MONITORAMENTO

1. Como está a casa em que funciona a escola?
2. A aldeia tem professores para todos os alunos?
3. Os professores têm contratos regulares?
4. A aldeia tem educação escolar para os adultos?
5. Os professores indígenas participaram de alguma formação este ano?
6. Os professores não indígenas tem formação para o trabalho na cultura indígena?
7. Quais são as publicações usadas na escola em língua indígena?
8. O que as lideranças, organizações e associação fizeram juntas para melhorar a educação escolar indígena?

EZUHTOH ENERYSE YNANASE

Emero patatõ po atamorepatoh kurã nae nah?

Amorepatõkõ tõtýhkase na toto toerohtohkõme?

Morararo amorepatõkõ tãtamorepase toh nae kure tynamorepary tõ amorepatohme?

Morararo poetomãkõ tuarõtanohnõko kuehtoh kõ poko, tynonorykõ ao toehtoh waro ehtohme?

ZURUPOTOPO ENETOH POKO

1. Otãto atamorepatoh tapyi seromaroro nae?

2. Atamorepaketõ amorepane nae nah Pata tõ punero?

3. Amorepatõ kõ epehpyry nae sã rokẽ nae?

4. Tamuximãkõ amorepatoh nae Pata tõ punero nae?

5. Amorepatõkõ ituakyry tõ na atamorepãko sero jeimamyry punero?

6. Amorepatõkõ ituakyry tõ kara nae nah tãtamorepase kuehtohkõ poko amorepatohme?

7. Otãto nah tyrityãmo tykenapasamo atamorepatoh kuomirykõ ae?

8. Oty tyrise nah tuisamãkomo a, oximõmãkomo a, ituakyry to atamorepatoh kure ehtohme?

ÈKE NAI KÌNEHTEFÈKON
EKE SA NAI TÌRÈINME?

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO
QUE QUEREMOS MELHORAR?

OTARA NAE SEROMARORO,
KURE TOEHSE KUEHTOHKÕ
NAE?

Quadro de monitoramento das atividades

1 EKANMAO KĪTĒEKEHATĒNE KURE IWEHTO EPOHTOME KĪYANE? QUANTO NÓS FIZEMOS PARA CONSEGUIR OS RESULTADOS QUE QUEREMOS?

2 EKE NAI KĪNYANOPĪFĒKON IWEHTO KURE NEI? COMO ESTÁ A SITUAÇÃO QUE QUEREMOS MELHORAR?

ALDEIAS	EIXOS																																								
	Cultura					Governança					Território					Manejo					Saúde					Educação escolar															
Amanaentu	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Awaentu	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Betânia	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Boca do Marapi	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Castanhal	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Ēmetenēnpë	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Karapawa	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Kui-entunpë	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Kumakaentu	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Kuritaraimë	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Kuxaré	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Maripa	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Maritëpu	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Mësepituru	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Missão Tiriýó	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Missão Velha	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Muneni	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					

Quadro de monitoramento das atividades

1 OTĀTO SYRIATOSE ISE KUEHTOKŌ EPORYTOHME? QUANTO NÓS FIZEMOS PARA CONSEGUIR OS RESULTADOS QUE QUEREMOS?

2 OTARA NAE SEROMARORO, KURE TOEHSE KUEHTOHKŌ NAE? COMO ESTÁ A SITUAÇÃO QUE QUEREMOS MELHORAR?

ALDEIAS	EIXOS		Cultura					Governança					Território					Manejo					Saúde					Educação escolar				
	1	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Ananapijare	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Aramapuku	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Arawaka	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Bona	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Cachoeirinha	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Jaherai	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Iriwa	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Itapeky	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Jolokoman	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Kurieukuru	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Kurumurihpano	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Kurupohpano	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Manau	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Mataware	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Maxipurimo	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Murei	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Parapara	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Pururé	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Sitale Kumnta	1		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

REALIZADAS nas aldeias do lado LESTE



ALDEIAS	EIXOS	Cultura					Governança					Território					Manejo					Saúde					Educação escolar									
		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Tapauku	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Taunumai	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Tyryrymano	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Xuixuimene	1	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
	2	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5





glossário

APIWA – Associação dos Povos Indígenas Wayana e Aparai

APITIKATXI – Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana

APITU – Associação dos Povos Indígenas do Tumucumaque

APOIANP – Articulação dos Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará

Complexo Tumucumaque – Área composta pelas Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este

FAB – Força Aérea Brasileira

Funai – Fundação Nacional do Índio

Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena

Lado Oeste Porção ocidental da Terra Indígena Parque do Tumucumaque, atravessada pelos rios Paru de Oeste (ou Erepecuru) e Marapi. Região habitada por povos Karib oficialmente designados por Tiriyo e Katxuyana que, no entanto, englobam uma diversidade maior de povos ou yanás, conforme se pôde verificar na fase diagnóstica de elaboração deste PGTA

Lado Leste Compreende a porção oriental da Terra Indígena Parque do Tumucumaque e a totalidade da contígua Terra Indígena Rio Paru d'Este. Esta região é atravessada de norte a sul pelo Rio Paru d'Este, sendo habitada pelos povos oficialmente conhecidos por Wayana, Aparai, Tiriyo e por algumas famílias Wajãpi (provenientes do Cuc e do Molokopote)

PDPI/MMA – Projetos Demonstrativos de Povos Indígenas

PGTA – Plano de Gestão Territorial e Ambiental

PIN – Posto Indígena

PNGATI – Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas

TI – Terra Indígena



Lado Oeste



Lado Oeste e Leste

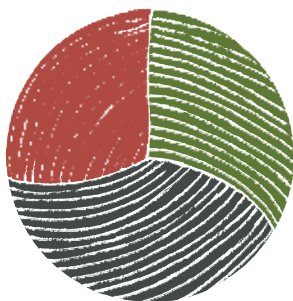


Lado Leste

- COUDREAU, H. Chez nos indiens: quatre années dans la Guyane Française (1887-1891). Paris: Hachette, 1893.
- CREVAUX, J. Voyages dans l'Amérique du Sud. 2º vol. Paris: Hachette, 1883.
- FRIKEL, P. Classificação Lingüístico-Etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes. Revista de Antropologia Vol. 6 (2). São Paulo, 1958.
- GALLOIS, D. T. (Org.) Redes de relações nas Guianas. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- GALLOIS, D. T. Migração, Guerra e Comércio: os Waiapi na Guiana. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- GALLOIS, D. T & GRUPIONI, D. F. Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará: Quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam? São Paulo: Instituto Iepé de Pesquisa e Formação Indígena (2ª ed.), 2009.
- GRUPIONI, D. F. A Arte Visual dos Povos Indígenas Tiriyó e Kaxuyana: padrões de uma estética ameríndia. São Paulo: Instituto Iepé, 2009.
- GRUPIONI, D. F. Dispersão e Sedentarismo nas TIs Tumucumaque e Paru d'Este. In: Ricardo, B. & Ricardo, F. (Eds.) Povos indígenas no Brasil: 2006 – 2010. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2010.

bibliografia

- LAPOINTE, J. 1970. Residence patterns and Wayana social organization. Columbia University, Ph.D. thesis. Não publicado.
- LINKE, I. L. & VELTHEM, L. H. V. .V. O livro da argila. São Paulo: Instituto Iepé, 2017.
- PROFESSORES TIRIYÓ E KAXUYANA. Aprendendo Português nas Escolas Tiriyo e Kaxuyana. São Paulo: Instituto Iepé & Imprensa Oficial, 2010.
- PROFESSORES TIRIYÓ E KAXUYANA. Praticando Português nas Escolas Tiriyo e Kaxuyana. São Paulo: Instituto Iepé & Imprensa Oficial, 2010.
- SCHOEPPF, D. Historique et situation actuelle des indiens Wayana-Aparai du Brésil. Bulletin Annuel du Museum d'Ethnographie de Geneve, V. 15, 1972.
- TRONCARELLI, M. C. Murehti Enpató Panpira Serê: Livro de Alfabetização na Língua Tiriyo. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2010.
- TRONCARELLI, M. C. Pape Miretom Yomukatohu: Livro de Alfabetização na Língua Kaxuyana. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2010.
- VELTHEM, L. H. V. VAN. Wayana-Aparai in: GALLOIS, D. T. & RICARDO, C. A. Povos Indígenas no Brasil. 3 Amapá/Norte do Pará. São Paulo: CEDI, 1983.
- VELTHEM, L. H. V. VAN. O Parque Indígena do Tumucumaque. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série, nº 76, 1980.
- VELTHEM, L. H. V. VAN. A Pele de Tuluperê: Uma etnografia dos trançados Wayana. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.
- VELTHEM, L. H. V. VAN. O belo é a fera: A estética de produção e da predação entre os Wayana. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- VELTHEM, L. H. VAN & LINKE, I. L. O livro da arte gráfica Wayana e Aparai. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2010.
- VELTHEM, L. H. VAN & LINKE, I. L. O livro do arumã. São Paulo: Instituto Iepé, 2014a.
- VELTHEM, L. H. VAN & LINKE, I. L. (org.). Poetohti Amorepatoh Aparai Omiry Poko: Livro da Língua aparai. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2014b.
- VELTHEM, L. H. VAN & LINKE, I. L. (org.). Epatop Pampilan Wajana Omi Jao: Livro da Língua wajana. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2014c.



APITIKATXI

Associação dos Povos Indígenas Tiriyo, Katxuyana e Txikiyana

PRESIDENTE: Aventino Nakai Kaxuyana Tiriyo

VICE-PRESIDENTE: Celestino Maritu Kaxuyana

TESOUREIRO: João Paulo Pauya Kaxuyana Tiriyo

VICE-TEOUREIRO: Alciano Tiriyo

SECRETÁRIO: Valmir Piriri Kaxuyana Tiriyo

VICE-SECRETÁRIA: Cristiane Mitore Tiriyo Kaxuyana

CONSELHO DELIBERATIVO E FISCAL: Kurawaka Aretina Tiriyo, Amisipa Kapai Tiriyo, Davi Kaxuyana, Tito Meri Tiriyo, Nasi Tiriyo e Dagoberto Tiriyo

Rua Leopoldo Machado, 659 – Jesus de Nazaré 68908-120 – Macapá - AP

APIWA

Associação dos Povos Indígenas Wayana e Aparai

PRESIDENTE: Cecília Awaeko Apalai

VICE-PRESIDENTE: Kutanan Wajãpi Wayana

1º TESOUREIRO: Terakari Waiana Apalai

2º TESOUREIRO: Maruanari Apalai Wayana

1º SECRETÁRIO: Ariné Wayana Apalai

2º SECRETÁRIO: Apowaeko Wayana Apalai

CONSELHO FISCAL: Jehje Apalai Waiana, Anakare Waiana Apalai e Mikiri Apalai

Rua Francisco de Azarias Neto, 01 - Centro 68900-080 - Macapá - AP

Iepé

Instituto de Pesquisa e Formação Indígena

CONSELHO DIRETOR: Lux Boelitz Vidal (presidente), Marina Kahn (tesoureira), Lúcia Hussak van Velthem (secretária)

CONSELHO EDITORIAL: Denise Fajardo, Dominique Tilkin Gallois, Luís Donisete Benzi Grupioni, Lúcia Hussak van Velthem e Lux Boelitz Vidal

COORDENADOR EXECUTIVO: Luís Donisete Benzi Grupioni

COORDENADOR EXECUTIVO ADJUNTO: Décio Horita Yokota

COORDENADORA DO PROGRAMA Tumucumaque: Denise Fajardo

EQUIPE DO PROGRAMA TUMUCUMAQUE: Andreia da Silva Vaz, Cecília de Santarém Azevedo de Oliveira, Diogo Campos, Evandro Batista Antunes Bernardi, Fabricio Amorim, Jeciane Fonseca de Souza, Marcelo Gusmão, Nacip Mahmud e Renan Reis.

ESCRITÓRIO MACAPÁ

Rua Leopoldo Machado, 640 - Jesus de Nazaré 68908-120 - Macapá - AP

Tel: (96) 3223 7633 / 3223 2052

ESCRITÓRIO SANTARÉM

Rua Silvério Sirotheau Corrêa, 1235 - Aldeia 68040-020 - Santarém - PA

ESCRITÓRIO SÃO PAULO

Rua Professor Monjardino, 19 - Vila Sônia 05625-160 - São Paulo - SP

sede-sp@institutoiepe.org.br



